

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

O DISCURSO DAS TRABALHADORAS
DOMÉSTICAS EM FORMAÇÃO



JOSEANE LAURENTINO BRITO DA CRUZ

RECIFE - 2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

O DISCURSO DAS TRABALHADORAS
DOMÉSTICAS EM FORMAÇÃO

JOSEANE LAURENTINO BRITO DA CRUZ

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da UFPE, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Hennes Sampaio

Área de concentração: Linguagem, trabalho e sociedade.

RECIFE – 2008

Cruz, Joseane Laurentino Brito da
O discurso das trabalhadoras domésticas em formação /
Joseane Laurentino Brito da Cruz. - Recife: O Autor, 2008.
145 folhas: il., fig., gráf., quadros.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Per-
nambuco. CAC. Letras, 2008.

Inclui bibliografia e apêndices.

1. Lingüística. 2. Análise do Discurso. 3. Empregadas
domésticas – Formação. I. Título.

801
410

CDU (2.ed.)
CDD (22,ed.)

UFPE
CAC2008-59

JOSEANE LAURENTINO BRITO DA CRUZ

O Discurso das Trabalhadoras Domésticas em Formação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

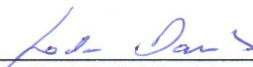
BANCA EXAMINADORA:



Prof.^a. Dr.^a. **Maria Cristina Hennes Sampaio**
Orientadora – LETRAS - UFPE



Prof.^a. Dr.^a. **Dóris de Arruda Carneiro da Cunha**
LETRAS - UFPE



Prof.^a. Dr.^a. **Lêda Alves Dantas**
Teoria do Direito Geral e Processual – UFPE

EPÍGRAFE:

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências. Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear. A idéia simplificada que se faz da comunicação, e que é usada como fundamento lógico-psicológico da oração, leva a evocar a imagem desse Adão mítico (MIKHAIL BAKHTIN)

AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Maria Cristina Sampaio, pela paciência, pela disponibilidade em suas orientações e, sobretudo, porque acreditou em meu trabalho.

Ao Sindicato das Trabalhadoras Domésticas pelo apoio à minha pesquisa em todos os momentos e pela forma tão carinhosa que me receberam.

Às Trabalhadoras domésticas que não mediram esforços para participar da pesquisa, meus sinceros agradecimentos.

A Flávio, diretor da Escola de Formação da CUT NE, pela cessão de todo o projeto, pelo apoio e incentivo à pesquisa.

A Almeri Freitas, um elo importante entre mim e o projeto TDC, parceira de trabalhos e grande incentivadora das minhas conquistas, meu muito obrigada!

Ao Departamento de pós-graduação em letras, em especial, Ângela, Josaias e Diva, pelos préstimos tão valorosos.

Às meninas da Sala de Leitura César Leal: Emília, Paula e Priscilla

Aos professores do Programa de Pós-Graduação, em especial à professora Dóris Cunha, por participar de minha banca e dar valiosas contribuições ao meu trabalho. Ao professor Antônio Xavier, pelas muitas filosofias, às professora Virgínia e Gilda, pelo incentivo que me deram na construção desse objeto de pesquisa;

A Aliete, amiga de tantas horas, pelo apoio desde a seleção e pela boa vontade de emprestar todos os livros necessários para os meus estudos.

A Sandro e Marta, meus amigos, pelo apoio logístico, que Deus os abençoe!

A Siane, pelo apoio que me deu na discussão da análise e no ânimo para prosseguir, meu muito obrigada!

A professora Virgínia, professora da Escola da Cut Nordeste, responsável pela formação das trabalhadoras domésticas aqui em Recife, por ter aberto as portas de sua sala de aula para mim e também por ter me apoiado em todos os momentos, meu muito, mas muito obrigada.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

A Deus, por mais esta vitória, por ter me acompanhado em todos os momentos difíceis e vitoriosos também!

À minha mãe, Josefa, pelo incentivo aos estudos que sempre me deu.

Às minhas filhas, Thais e Natália, que compreenderam a minha ausência de suas vidas por um determinado período.

Aos meus irmãos, Jorzemar, Neidinha, Bebinho, Jairo e Jaelson, por fazerem parte da minha história.

AOS COLEGAS DE MESTRADO:

A CAROL, por seu jeito leve de ser, A MORGANA, pelo carinho e disponibilidade, a JACIARA, pelo apoio que sempre me deu nos momentos mais difíceis, a ELIZA, pelas horas que passou ouvindo minhas broncas, a CECÍLIA pelo seu brilho natural, a WANDA pela representação dos nossos interesses na sala e pelos muitos momentos de bem humorados que me proporcionou, a SIMONE pelas vezes em que me incentivou a prosseguir, a MARCELO pela ajuda com as tabelas do stablex, a GUILHERME pelas horas de alegria que me proporcionou com suas piadas engraçadas, a ALFREDINA, pelas mensagens de encorajamento, a CLARINHA pela coragem e determinação que me inspiraram tanto, a ELIEZER, pelo carinho e amizade, a CILDA, pelas idéias que trocamos acerca do meu objeto de estudo, a GUSTAVO, meu irmão na fé, a TEREZINHA pelos trabalhos que realizamos juntas, e a tantos outros que cruzaram a minha vida no decurso de mais essa etapa de minha vida, meu muito obrigada!

Aos irmãos que congregam comigo na I Igreja Batista em Mirueira, os quais estiveram intercedendo por mim em oração por mais esta vitória, em especial, Vaneide, Cremilda, Sônia, Ana Jaqueline, Everilde e o meu pastor Antônio Carlos.

DEDICATÓRIA:

Dedico esse trabalho a todas as trabalhadoras domésticas que lutam pelo reconhecimento do seu trabalho.

RESUMO

O presente trabalho de caráter dissertativo tem por objetivo analisar o discurso das trabalhadoras domésticas que passaram por um processo de qualificação profissional. No Brasil, atualmente, a categoria *trabalhadora doméstica* apesar de já ter conquistado direitos importantes, ainda é uma categoria que apresenta um elevado grau de informalidade nas relações de trabalho estabelecidas entre empregador-empregado. Além disso, essa categoria também enfrenta uma precariedade nas condições de trabalho.(MELO, 1998). Há ainda um outro fator além desses que contribui para o agravamento dessa precarização: o fato das trabalhadoras domésticas possuírem um baixo grau de escolaridade e pouca qualificação para exercer o trabalho doméstico. Diante desse contexto, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) em conjunto com a FENATRADE (Federação Nacional dos Trabalhadores Domésticos) e o Sindicato das Domésticas elaboraram um projeto de qualificação profissional intitulado Trabalho Doméstico Cidadão (TDC), cuja finalidade é promover formação educacional e profissional visando conscientizar essa categoria profissional acerca do valor social do seu trabalho, incentivando-os a lutar por condições mais dignas de trabalho. Estudar o discurso das trabalhadoras domésticas submetidas a essa formação numa perspectiva enunciativo-discursiva pressupõe analisá-lo a partir de uma construção histórica, social e discursiva, como um conjunto de enunciados que não podem ser estudados fora de sua dimensão intersubjetiva (BAKHTIN, 2000). Sendo assim, interessa-nos analisar como essas trabalhadoras domésticas reagem a essa palavra trazida pelo discurso de formação educativa, ou seja, como se dá a construção identitária dessas trabalhadoras enquanto classe à luz dos novos conceitos introduzidos pelo TDC. Foram aqui analisadas as “entrevistas” de treze trabalhadoras que passaram pelo processo de qualificação profissional. Os *corpora* foram descritos, analisados e interpretados à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da filosofia da linguagem postulados pelo filósofo russo Mikail Bakhtin (BAKHTIN, 1997, 2000, 2004), as teorias sociológicas a respeito da identidade (HALL, 2000; CASTELLS, 2002; BERGER & LUCKMANN, 2003; e GARCIA 2005; entre outros) o Método de Análise Lexical, textual e discursivo de Camlong (1996). À luz das relações dialógicas que constituem o todo desse grande diálogo compreendido entre os discursos enunciados e entrelaçados nas quatro temáticas, descritos e interpretados nos gráficos correspondentes, chegamos à conclusão “inacabada” de que as trabalhadoras domésticas encontram-se em um processo de construção identitária que lhes possibilita reconhecerem a si mesmas, tanto em relação aos seus próprios valores, como em relação aos valores e o olhar do *outro*, o patrão, o discurso da formação, o discurso da sociedade. Como diria Bakhtin (1997a) toda a vida do *eu* consiste em conduzir-me no universo onde vivem as palavras do outro, reagindo às palavras do outro. Essas reações, segundo Bakhtin (1997a), podem variar infinitamente, e isso pode ser observado nos discursos analisados que ora se assemelhavam ao da formação, ao do sindicato, ora se opunham entre si e reproduziam o discurso da desvalorização da trabalhadora doméstica. Podemos concluir também que a palavra do projeto de formação propôs às trabalhadoras a tarefa de compreendê-la, de ressignificá-la, de reavaliá-la, de reagir a ela durante todo esse processo de qualificação. Tal processo, como ato único, nesse evento social e histórico, ainda vai gerar uma série de atos ininterruptos e contínuos que se projetam num devir, numa transformação da visão dessas trabalhadoras através desse excedente de visão a partir do qual elas vêem o *outro*, e aos poucos, vão se apropriando das palavras do *outro* e concordando e discordando do que fora dito, nesse diálogo inconcluso e ininterrupto entre elas e todo esse universo vivo de palavras que se encontram nos discursos que circulam nas estruturas sociais nas quais estão inseridas.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso; trabalhadoras domésticas; relações de trabalho; formação

ABSTRACT

The present paper, of a dissertating feature, has as its objective to analyze the discourse of house workers who have undergone a professional qualification process. At present, in Brazil, the *house worker's* category, despite having already won important rights is still a category that presents a high degree of informality in the work relations established between employer- employee. Besides, this category also faces precarious working conditions (MELO, 1998). There is also another factor that contributes to worsen this precariousness: the fact that house workers have low school degree and little qualification to practice domestic work. In face of this context, Workers Trade Union (CUT), together with FENATRADE (National Federation of House Workers) and Maid's Union have elaborated a professional qualification project entitled Domestic Citizen Work (TDC), whose objective is to provide educational and professional development, making this professional category aware of the social value of their work, stimulating them to fight for more dignified working conditions. Studying the discourse of the house workers, subjected to this professional development, in an enunciative - discursive perspective, presupposes analyzing it from a historical, social and discursive construction, as a set of enunciations which can not be studied out of its inter-subjective dimension (BAKHTIN,2000). In such case, it is our interest to analyze how these house workers react to the word brought to them by the educational development discourse, that is, how the identity construction of the workers happen as a class, based on the new concepts introduced by TDC. It was analyzed the "interviews" of thirteen house workers who underwent the professional qualification process. The *corpora* was described, analyzed and interpreted on the basis of the theoretic-methodological presupposition of language philosophy postulate by the Russian philosopher, Mikhail Bakhtin(BAKHTIN, 1997,2000,2004); the sociological theories regarding identity (HALL, 2000;CASTELLS, 2002; BERGER & LUCKMANN, 2003; and GARCIA 2005; among others) and Camlong's (1996) Method of Lexical, Textual and Discursive Analysis. Based on the dialogical relations that constitute the whole of this great dialogue understood between the enunciated discourses and interwoven in the four thematic, described and interpreted in the corresponding graphics, we have come to an "unfinished" conclusion that house workers find themselves in a process of identity construction, both in relation to their own values as well as in relation to the *other's* values and look; the master; the educational discourse. As Bakhtin (1997a) would say, all in life consists in conducting me in the universe where the other's words live. These reactions, according to Bakhtin (1997a), may vary endlessly, and that could be observed in the discourses analyzed that sometimes resembled the educational and the union; sometimes they opposed between themselves and reproduced the discourse of depreciation of the house worker. We can also conclude that the word of the professional development project fastened upon the workers the task of understanding, re-signifying, re-evaluating and reacting during all this qualification process. Such process, as a single act, in this social and historical event, is still going to generate a series of uninterrupted and continual acts that project in a time to come, in a change of these workers' vision through this vision surplus from which they see the *other*, and slowly, they appropriate the *other's* words and agree or disagree to what has been said, in this inconclusive and uninterrupted dialogue between they and all this live universe of words that are found in the discourses that circulate in the social structures in which they are embedded.

KEY WORDS: Analysis of discourse; house workers; working relations; professional development

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 – BASE CURRICULAR	29
QUADRO 2 – ESCALA DE PESOS LEXICAIS	62
QUADRO 3 – TEMA: TRABALHO DECENTE	63
GRÁFICO 1 – IDENTIDADE E CULTURA	67
GRÁFICO 2 – TRABALHO DECENTE	76
GRÁFICO 3 – QUALIDADE DE VIDA	87
GRÁFICO 4 – EMPODERAMENTO	94

LISTA DE SIGLAS

Central Única dos Trabalhadores	CUT
Trabalho Doméstico Cidadão	TDC
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	IBGE
<i>Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios</i>	PNAD
Instituto Nacional de Previdência Social	INPS
Instituto Nacional de Seguridade Social	INSS
Produto Interno Bruto	PIB
Região Metropolitana do Recife	RMR
Fundo de Garantia por Tempo de Serviço	FGTS
Sistema Nacional de Emprego	SINE
Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas	FENATRAD
Trabalho Infantil Doméstico	TID
Organização Internacional do Trabalho	OIT
Fundação de Amparo ao Trabalhador	FAT
Ministério do Trabalho e Emprego	MTE
Departamento Intersindical de Estatística e Estudos	DIEESE
Juventude Operária Católica	JOC
Organização Internacional do Trabalho	OIT
Região Metropolitana do Recife	RMR

SUMÁRIO	
INTRODUÇÃO	14
1 CONTEXTUALIZANDO O OBJETO DE PESQUISA	18
1.1. TRABALHO DOMÉSTICO: ORIGEM E DEFINIÇÃO	18
1.2. TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL E EM PERNAMBUCO	19
1.2.1. As trabalhadoras domésticas e a relação trabalhista	19
1.2.2. O trabalho doméstico em Pernambuco: uma história de muitas lutas!	20
1.2.2.1. Os números do trabalho doméstico em Pernambuco	23
1.3 A CUT E O PROJETO TRABALHO DOMÉSTICO CIDADÃO: A FORMAÇÃO	25
1.3.1 O que é a CUT?	25
1.3.2 A CUT e a Escola Nordeste	26
1.3.3 O Projeto Trabalho Doméstico Cidadão	27
1.3.2.1 Organização curricular integrada	27
1.3.2.2. Organização da base curricular	28
1.3.2.3 TDC- um projeto em quatro temáticas	30
2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA UMA ANÁLISE DISCURSIVO- ENUCIATIVA	36
2.1 CIRCUNSCREVENDO O MÉTODO DIALÓGICO	36
2.1.1 O enunciado e a enunciação	38
2.1.2 Tema e significação no enunciado e no discurso	42
2.1.3 Acento apreciativo	43
2.1.4 O sujeito na dimensão da alteridade	45
2.1.5 Ato e evento	47
2.2 DISCURSO E IDENTIDADE	49

2.3 IDENTIDADE E MUDANÇA	53
2.4 OS ATOS IDENTITÁRIOS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO	54
3 MÉTODO	57
3.1 CARACTERIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DOS <i>CORPORA</i> DISCURSIVO EM VARIÁVEIS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE UMA ABORDAGEM QUANTITATIVA	57
3.1.1 Universo e seleção da amostra	57
3.1.2 Instrumento de coleta de dados	57
3.1.3 Procedimentos: aplicação da entrevista narrativa na amostra	58
3.1.4 Definição das variáveis	59
3.2. O MÉTODO CAMLONG	59
3.2.1 O processamento informatizado dos dados e suas etapas	61
3.2.2 Léxicos e tabelas	61
3.2.2.1 O processo de lematização	64
4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS	66
4.1 ESFERA DO TRABALHO: TEMAS DOS DISCURSOS DAS TRABALHADORAS EM FORMAÇÃO	66
4.1.1 De “Secretária do lar” a trabalhadora doméstica: a construção da identidade como categoria de trabalho	67
4.1.2 O trabalho doméstico não é decente por quê? É um trabalho decente sim!	78
4.1.3 Qualidade de vida pra mim é...	88
4.1.4 Ser uma trabalhadora doméstica empoderada é...	96
5 CONCLUSÃO	109
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	118
APÊNDICE B – ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA	119
ANEXO - APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA NO COMITÊ DE ÉTICA	144

INTRODUÇÃO

Na atualidade, no Brasil, a categoria *trabalhadora doméstica*, dentre as diferentes categorias de trabalhadores brasileiros, ainda que considerando algumas conquistas trabalhistas importantes obtidas,¹ é aquela que ainda apresenta um elevado grau de informalidade nas relações de trabalho estabelecidas entre empregador-empregado e de precariedade de condições de trabalho. Em relação à informalidade, segundo (Melo, 1998), nas regiões Norte e Nordeste, por exemplo, o índice de trabalhadoras domésticas sem carteira assinada ainda é muito alto, girando em torno de 91 a 94%, conforme dados do IBGE/PNAD-95. Quanto às precárias condições de trabalho, as queixas mais freqüentes dessas trabalhadoras são a não observância da jornada de 8 horas diárias de trabalho e da folga semanal.² Tais dados demonstram o grau de informalidade e de precariedade de condições de trabalho dessa categoria trabalhadora. Além disso, um outro fator que contribui para o agravamento da precarização do trabalho doméstico é o fato dessa trabalhadora possuir um baixo grau de escolaridade e pouca qualificação para exercer o trabalho doméstico (Melo, 1998)

Diante desse contexto, a Central Única dos Trabalhadores – CUT, reconhecendo o descumprimento da legislação trabalhista que disciplina o trabalho doméstico, por parte dos empregadores, aliado a outros fatores, como baixa escolaridade, qualificação profissional precária e pouca informação sobre seus direitos enquanto categoria trabalhadora implantou o Projeto intitulado *Trabalho Doméstica Cidadão* (TDC), cuja finalidade é oportunizar a formação educacional e profissional, visando promover a conscientização dessa categoria profissional sobre o valor social do trabalho doméstico e facilitar a sua inserção no mercado de trabalho, incentivando-as a lutar por condições de trabalho mais dignas.

Nesse sentido, estudar o discurso das trabalhadoras domésticas em formação numa perspectiva enunciativo-discursiva pressupõe analisá-lo como uma construção histórico-social e discursiva, como um conjunto de enunciados que não podem ser estudados fora de uma dimensão intersubjetiva, considerando que, para Bakhtin (2000, p. 335), “o todo do enunciado se constitui como tal graças a elementos extralingüísticos (dialógicos), e este

¹ Carteira-assinada, Férias, 13º. Salário, licença-maternidade, folga semanal, FGTS – Constituição de 1988 – 7º. Artigo .

² Revista do Sindicato das domésticas. *Sindicato das domésticas*: 12 anos em revista. Recife, 2000.

todo está vinculado a outros enunciados.” Segundo o autor (Bakhtin, 2000), o ato humano é um texto potencial e não pode ser compreendido fora do contexto dialógico do tempo. Assim, não há enunciado que não exiba traços do produto histórico da atividade dos homens e que não possa servir de referência para que novos enunciados sejam construídos (BAKHTIN, 2000). O autor segue dizendo que “o enunciado é um elo na cadeia de comunicação verbal” (BAKHTIN, 2000, p.319). Ele reflete o processo verbal, o enunciado dos outros e, sobretudo, os elos anteriores que são próximos, mas também, os mais distantes nas áreas da comunicação cultural.

Partindo da idéia bakhtiniana (BAKHTIN, 2000) de que um locutor não é o primeiro a falar de algo que já tenha sido falado, esclarecido e julgado de diversas maneiras, podemos dizer que estudar o discurso das trabalhadoras domésticas em formação significa analisá-lo na perspectiva de uma construção histórica e social, tomando-se em consideração o lugar social ocupado pelos enunciadores enquanto categoria trabalhadora, e as diferentes visões de mundo advindas de suas posições de classe.

No âmbito do dialogismo, outro conceito que consideramos importante como instrumental teórico-metodológico para a análise de nosso objeto, é a idéia de que todo enunciado sempre tem um caráter responsivo em relação a outros enunciados e representa a opinião dos seus interlocutores, a saber: suas visões de mundo, suas opiniões, sua apreciação acerca de determinado acontecimento na vida cotidiana:

Na realidade, como já dissemos, todo enunciado, além do objeto de seu teor, sempre responde (no sentido lato da palavra), de uma forma ou de outra, a enunciados do outro anteriores. O locutor não é um Adão, e por isso o objeto de seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores imediatos (numa conversa ou numa discussão acerca de qualquer acontecimento da vida cotidiana) ou então as visões do mundo, as tendências, as teorias, etc.(na esfera da comunicação verbal). (BAKHTIN, 2000, p.318)

Partindo dessas idéias, postuladas por Bakhtin, questionamo-nos, então, até que ponto as trabalhadoras domésticas incorporam ou não as palavras (os enunciados, os discursos) das diferentes esferas de atividade social nas quais estão inseridas – da CUT, do Sindicato, do Trabalho Doméstico – às suas próprias palavras (aos seus enunciados e aos seus discursos) como se fossem suas, e que tipo de relações são estabelecidas entre

as suas palavras e as palavras das esferas de atividades em que estão inseridas e quais os efeitos de sentido produzidos.

Diante do exposto, interessa-nos, pois, no presente estudo, analisar de que forma as trabalhadoras domésticas reagem a essa palavra, a esses enunciados e a esses discursos proferidos no processo de formação educativa do projeto TDC da CUT o qual enfatiza aspectos formativos que promovam a qualificação profissional, a conscientização política cidadã, a garantia dos direitos trabalhistas já adquiridos e a luta pela paridade de direitos assegurados a outras categorias profissionais de trabalhadores.

Trata-se, pois, de uma pesquisa aplicada que, por abordar um tema social pelo viés de uma abordagem enunciativo-discursiva, pode trazer dados importantes para uma avaliação do impacto do Projeto *Trabalho Doméstico Cidadão* da CUT na formação de trabalhadoras domésticas, enquanto categoria que está em processo de formação e qualificação profissional, bem como uma melhor compreensão acerca da (re)construção identitária dessa categoria.

O nosso objetivo geral nesse trabalho de caráter dissertativo foi compreender como se dá a construção identitária das trabalhadoras domésticas enquanto categoria, à luz da cultura e dos novos conceitos introduzidos pelo Projeto de qualificação Trabalho Doméstico Cidadão.

Os nossos objetivos específicos foram os seguintes:

- 1 - observar, descrever e interpretar os acentos apreciativos dos sujeitos em relação ao processo de sua formação da consciência enquanto categoria trabalhadora;
- 2 - observar, descrever e interpretar o papel do *eu* e do *outro* na construção de uma identidade enquanto categoria trabalhadora;
- 3 - observar, descrever e interpretar as formas de representação do dialogismo no processo de construção da identidade enquanto categoria trabalhadora.

Postulamos como hipótese nesse trabalho de pesquisa que o reconhecimento identitário das trabalhadoras domésticas enquanto classe se dá na confluência da alteridade pelo embate dialógico entre o eu (trabalhadora doméstica) e o outro no discurso.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro, contextualizamos o nosso o trabalho doméstico na história e na sociedade. No segundo, explanamos os

conceitos da teoria bakhtiniana. Este capítulo foi dividido em duas partes, na primeira, descrevemos os pressupostos teórico-metodológicos da filosofia da linguagem postulados pelo filósofo russo Mikail Bakhtin (BAKHTIN, 1993, 1997, 2000, 2002, 2004), na segunda, analisamos a questão da identidade de uma perspectiva sociológica, utilizando as teorias sociológicas a respeito da identidade, sua relação com o discurso e as mudanças estabelecidas nesse processo (HALL, 2000; CASTELLS, 2002; BERGER & LUCKMANN, 2003; e GARCIA, 2005; entre outros).

No terceiro capítulo, detalhamos os procedimentos metodológicos utilizados na análise. Descrevemos o Método de Análise Lexical, textual e discursivo de Camlong (1996) e caracterizamos nossos corpora de arquivo. No quarto e último capítulo, fizemos a análise dos dados na qual demonstramos a construção da nova identidade dessa trabalhadora doméstica enquanto categoria frente ao discurso da formação e do sindicato. Relacionamos os discursos às temáticas trabalhadas no projeto TDC analisando-os com base nos pressupostos teóricos da filosofia da linguagem do círculo de Bakhtin articuladas às teorias sociológicas acerca da identidade. Esse capítulo está dividido em quatro partes. Na primeira, descrevemos e interpretamos os discursos dos enunciadores em relação à temática *Identidade*. Na segunda, analisamos e interpretamos os discursos dos enunciadores em relação à temática *Trabalho Decente*. Na terceira, analisamos e interpretamos os discursos relacionados à temática *Qualidade de vida*. E na quarta e última parte, analisamos e interpretamos os discursos relacionados à temática *Empoderamento*. Após esse último capítulo, apresentam-se as conclusões finais do trabalho, as quais retomam as análises feitas no quarto capítulo sintetizando os resultados encontrados.

1- CONTEXTUALIZANDO O OBJETO DE PESQUISA

1.1. TRABALHO DOMÉSTICO: ORIGEM E DEFINIÇÃO

A história do trabalho doméstico no Brasil, segundo (Melo, 1998), começou com os escravos domésticos que eram encarregados das tarefas do lar antes da abolição da escravatura. Durante o século XIX, após a abolição da escravatura, o trabalho doméstico ganhou outra feição: além das escravas domésticas, as famílias contavam com a possibilidade de contratar mocinhas para uma ajuda.

Depois da abolição, essa espécie de ajuda passou a ser a maior fonte do trabalho feminino. A ajudante era enviada pela sua família para outra casa, como um passo intermediário entre a casa de sua família e o matrimônio. Com a industrialização e a urbanização, essa ajuda transformou-se em serviço doméstico, o qual era realizado em troca de casa e comida por mulheres migrantes brancas e não-brancas nascidas no campo. Essa idéia de trabalhar em troca de casa e comida perdurou na primeira metade deste século no Brasil, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste e até mesmo no Sudeste, para desaparecer praticamente nas últimas décadas.

Segundo Kuznesof e Higman (1989, apud MELO, 1998), a falta de trabalho numa sociedade tipicamente rural fez com que o serviço doméstico não fosse uma ocupação exclusivamente feminina. No entanto, no Brasil e em toda a América Latina, cerca de 95% de todos os trabalhadores domésticos são mulheres.

Por ser o serviço doméstico remunerado uma atividade que se realiza no interior das residências particulares e as atividades serem destinadas ao consumo da família, esse tipo de emprego não tem o mesmo caráter que as outras atividades remuneradas de produção de bens e serviços.

Segundo Melo (1998, p.2), as trabalhadoras domésticas, diferentemente de outros trabalhadores, têm uma legislação especial para regulamentar suas funções. Existem as empregadas domésticas residentes, que vivem no local de trabalho, recebem salário mensal, mais casa e comida – *as mensalistas*. Há mensalistas que não dormem no trabalho porque os patrões não têm espaço na casa ou porque querem privacidade. Existem também *as diaristas*, ou seja, empregadas que não residem no local de trabalho e

prestam serviço para muitas outras residências e recebem salário diário, semanal ou mensal, depende do contrato estabelecido entre elas e os empregadores.

O trabalho doméstico é um serviço culturalmente realizado pela mulher. O trabalho realizado para sua própria família é visto pela sociedade como uma situação comum, uma vez que não tem remuneração e é realizado pela mulher que serve ao seu marido e filhos. Quando essa mulher contrata uma terceira para realizar essas tarefas domésticas, o trabalho doméstico passa a ter uma remuneração. Esse trabalho, no entanto, traz todo o estigma da desvalorização e apesar das trabalhadoras domésticas lutarem de forma organizada em sindicato pelos seus próprios direitos. Muitas ainda lutam para sair da informalidade. Há muitas que não recebem sequer um salário-mínimo e não têm carteira de trabalho assinada. A falta da observância desses direitos por parte dos empregadores deixam essa categoria à mercê de muitas situações como falta de atendimento a situações de doença e impossibilidade de aposentadoria por tempo de serviço.

1.2. TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL E EM PERNAMBUCO

No Brasil, o serviço doméstico remunerado tem um papel importante na absorção das mulheres de menor escolaridade e sem experiência profissional no mercado de trabalho. As migrantes rural-urbanas têm nessas atividades a porta de entrada para o mercado de trabalho urbano. Como a sociedade não providenciou a criação de creches e escolas de tempo integral para os filhos das mulheres de estratos sociais mais elevados, a solução encontrada por elas foi contratar outras mulheres, de estratos mais baixos, para a realização do trabalho de cuidar dos filhos e da casa.

1.2.1. As trabalhadoras domésticas e a relação trabalhista

Segundo Melo (1998), o serviço doméstico apresenta uma maior informalidade e precariedade nas relações de trabalho dentre as diferentes categorias de trabalhadores brasileiros. Nas regiões Norte e Nordeste, por exemplo, o índice de trabalhadoras domésticas sem carteira assinada é muito alto, gira em torno de 91 a 94% (Dados do IBGE/PNAD-95). O que demonstra o grau de precariedade nas relações de trabalho entre esses trabalhadores e seus empregadores.

Ao analisar o nível de escolaridade desses trabalhadores, de acordo com os dados do IBGE/PNAD-95(cf. MELO, 1998, p.2), pode-se perceber que essa atividade é a principal fonte de emprego das mulheres e homens que têm opções limitadas de inserção no mercado de trabalho dado o seu baixo nível de escolaridade e qualificação.

Quanto à questão da remuneração, segundo Melo (1998), a Região Nordeste e Norte são as regiões que pagam um salário mais baixo a esses trabalhadores. Observa-se também a mesma precariedade e condições inóspitas, no item jornada de trabalho. A partir dos estudos feitos por MELO (1998) com base nos dados do (IBGE/PNAD-95), é possível afirmar que o trabalho doméstico é um regime servil. Aqui no Nordeste, por exemplo, cerca de 69% desses trabalhadores têm uma jornada de trabalho acima de 44(quarenta e quatro) horas semanais.

1.2.2. O trabalho doméstico em Pernambuco: uma história de muitas lutas!

A luta das trabalhadoras domésticas para alcançar o reconhecimento profissional em Pernambuco se confunde com a história de quatro mulheres: Lenira Carvalho, Eunice Monte, Maria do Carmo Silva e Rita Maria da Conceição. O movimento ganhou fôlego em meio à resistência contra a ditadura, quando a organização das domésticas teve o apoio da igreja católica.

Com o golpe de 64, veio a dispersão da mobilização das domésticas. As reuniões da (Juventude Católica Operária) JOC funcionavam como ponto de encontro dos jovens católicos contrários ao regime militar. Segundo Lenira, 67 anos, mais de 50 deles dedicados à luta pelos direitos das trabalhadoras domésticas, e fundadora do sindicato das trabalhadoras de Pernambuco, aquele era um espaço para refletir sobre o momento político do país e se conscientizar acerca da importância de lutar pelos direitos das trabalhadoras domésticas.

No final de 1967, o movimento das domésticas começou a atrair novas participantes. Elas formaram um grupo, cuja função inicial foi promover festas e reuniões para mobilizar as mulheres e debater temas específicos da categoria. Discutiam o isolamento que as domésticas sentiam, a discriminação social, a exploração dos empregadores – ainda que elas fossem tratadas como “da família” –, a marginalidade e a ausência dos direitos

trabalhistas. Segundo Eunice, 57 anos, com 45 anos de profissão, outra fundadora do sindicato, as moças de baixa-renda, da cidade ou do interior, naquela época tinham que se submeter a trabalhar na casa de família, se quisessem ganhar dinheiro.

O grupo de domésticas iniciou um trabalho de conscientização nos bairros do Recife. Realizou pesquisas e reuniões nas calçadas de Casa Amarela e da Boa Vista. Os empregadores reagiram, proibindo suas empregadas de falar com outras domésticas. Os direitos reivindicados na época eram: folga quinzenal, salário fixo e inscrição no INPS, hoje INSS.

Ainda nesta fase, quando o grupo contava com mais de 20 participantes, elas se inseriram na luta nacional das domésticas participando de congressos da categoria, cujo maior foco era a luta pela conquista da carteira assinada. No início dos anos 70, enviaram uma carta ao então Ministro do trabalho, Júlio Barata, reivindicando este direito.

A ação conjunta resultou na aprovação da Lei que, além de garantir a carteira assinada, também previa férias de 20 dias. Na medida em que conquistavam seus direitos, as trabalhadoras adquiriram também confiança, reconhecimento e auto-estima. E deram mais um passo, transformando o grupo em Associação, o que aconteceu em 1979, em pleno processo de anistia política no Brasil. A Associação tinha como meta estimular o reconhecimento das domésticas como profissionais, reivindicando salário fixo, férias e décimo - terceiro salário. Nesse período, elas conseguiram montar uma sede, numa pequena sala na Boa Vista, cedida pela Diocese do Recife.

Mais organizadas, elas sediaram, em 1985, no Recife, o 5º. Congresso Nacional da Categoria. O evento reuniu mais de cem mulheres de todo o País, que se engajaram num dos maiores e mais democráticos movimentos brasileiros: a Constituinte de 1988.

Aliadas ao movimento de mulheres, reivindicaram os direitos que outros trabalhadores já possuíam: férias de 30 dias, aviso prévio, décimo - terceiro salário, licença-maternidade e 1/3 de férias. O maior ganho para essas trabalhadoras foi ter o reconhecimento na Constituinte de que as trabalhadoras domésticas representavam uma categoria, o que possibilitou o direito de formarem o seu sindicato.

O Sindicato das trabalhadoras domésticas em Pernambuco nasceu em 1988, com o desafio de conscientizar o maior número possível de domésticas sobre seus direitos e garantir o respeito à categoria. Dados do censo do IBGE (1990) apontam os trabalhadores

domésticos como maior categoria profissional do Brasil, com mais de cinco milhões de integrantes. Na Região Metropolitana do Recife, estima-se que existam 109 mil profissionais (dados de 2000), sendo 101 mil mulheres e oito mil homens (Dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos- DIEESE).

Há 47 anos, o sindicato combate à cultura secular que coloca o serviço doméstico no patamar de trabalho escravo. Segundo Rita Maria³, uma das fundadoras do Sindicato, as trabalhadoras têm orgulho da sua profissão e é preciso mostrar pra sociedade que o trabalho doméstico possui valor social.

Outra luta do sindicato é fazer com que as trabalhadoras conheçam os seus direitos cada vez mais. Diariamente, cerca de 40 trabalhadoras domésticas procuram o Sindicato com as mais variadas queixas. Muitas dizem que os seus empregadores não assinaram a sua carteira, e outras dizem que os empregadores até assinaram a carteira, no entanto, não quitaram o carnê do INSS. A diretoria do sindicato atende as domésticas, faz a triagem das ocorrências, calcula as rescisões de contrato e orienta sobre como proceder quando os direitos não são respeitados. Outro problema muito sério apontado pelos advogados do Sindicato é o fato de muitas trabalhadoras não terem instrução e assinarem documentos em que concordam com cláusulas absurdas por não saberem ler o que está escrito. Ou então, assinam recibos de valores que nunca receberam.

Outra dificuldade que os trabalhadores domésticos enfrentam é o preconceito que sofrem. Isso começa na Constituição de 88, a qual confere 34 direitos ao conjunto dos trabalhadores e apenas 10 direitos à categoria de trabalhadores domésticos. Outro tipo de preconceito sofrido por eles é o tratamento recebido dos juízes trabalhistas que instalam audiências com má vontade quando o caso é de empregada doméstica.

A maior parte de casos que são encaminhados para a justiça diz respeito à discordância dos empregadores em relação aos cálculos da empregada. Nessa esfera judicial, o acordo pode ser firmado em dois ou três meses ou se alongar durante anos.

Há muitas lacunas ainda em relação aos direitos das domésticas. Segundo Nila Cordeiro⁴, diretora de assuntos de Trabalho e Previdência do sindicato,

³ SINDICATO das domésticas: 12 anos em revista. Recife, 2000.

⁴ Idem, p.14

“se a justiça nem sempre é feita para o que está previsto em lei, imagine para o que não está. Seguro-acidente, por exemplo, as domésticas não possuem. Alergia a produtos químicos, panelas de pressão que explodem, quedas da janela ou da escada, pra tudo isso elas que se virem. Jornada de trabalho definida, hora-extra... Nada nada. ‘empregada tem hora pra chegar, entretanto não tem horário certo pra sair. Sem tempo para se aperfeiçoar, aprender a ler, escrever, a grande maioria não desenvolve consciência crítica, mal sabe que tem direitos. ”

1.2.2.1. Os números do trabalho doméstico em Pernambuco

Em se tratando de emprego doméstico, os números aparecem. Como é trabalho remunerado, é considerado no cálculo do Produto Interno Bruto (PIB) e faz parte do setor de prestação de serviços. Na RMR (Região Metropolitana do Recife), a área de serviços domésticos está em primeiro lugar na participação de mulheres (20,9%). Das 644 mil trabalhadoras, 101 mil são empregadas domésticas. Apenas oito mil homens estão nessa categoria. Juntos, homens e mulheres correspondem a 9,6% dos ocupados da RMR. Os Serviços domésticos aglutinam mais trabalhadoras que a indústria (105 mil) e a construção civil (53 mil). Mas quando comparados, deixam mais evidentes, para a trabalhadora doméstica⁵, os efeitos do passado escravo do serviço doméstico:

- a) 68% não têm carteira assinada;
- b) Jornada de trabalho de 50 horas;
- c) 17,9% de analfabetos;
- d) 6,1% têm de 10 a 17 anos;
- e) 21,7% têm de 18 a 24 anos.

Em salário, as domésticas também saem perdendo. Segundo o economista Chico Oliveira⁶, “se o assalariado já ultrapassa em uma hora a jornada fixada por lei (44 horas por semana), a doméstica trabalha em média seis horas a mais que os outros trabalhadores”. Vale salientar que a doméstica não tem jornada de trabalho garantida por lei e nem o FGTS, o qual é opcional, ou seja, o patrão opta se quer depositar o FGTS ou não.

⁵ Fonte DIEESE/PED-RMR.

⁶ Valores de 2000.(não atualizados) fonte: SINDICATO das domésticas: 12 anos em revista. Recife, 2000.

Numa residência da RMR, a trabalhadora doméstica cozinha, lava e passa a roupa, limpa a casa e cuida dos filhos dos empregadores. A mensalista ganha salário-mínimo (R\$ 380,00) por um mês de serviço. Se o patrão dela contratasse, por um dia, vários profissionais autônomos para substituí-la, quanto gastaria? De acordo com o SINE (Sistema Nacional de Emprego), obtidos num dos bairros mais populosos do Recife, o bairro de Casa Amarela e adjacências⁷:

Profissional (diarista)	Cozinheira	Lavadeira/passadeira	Faxineira	Babá	Totais
Área 1*	23,00	18,00	16,00	23,00	80,00
Área 2**	25,00	23,00	20,50	25,00	93,50

*/** bairros próximos e distantes de Casa Amarela, respectivamente

De acordo com o quadro acima, ainda que com os números desatualizados em relação ao valor do salário-mínimo atual, percebemos o quanto elas trabalham muito e ganham pouco. Outro problema enfrentado pelos trabalhadores domésticos é a falta de estabilidade no emprego. A maioria delas fica apenas 6 (seis) meses no emprego.

Para a economista Tânia Bacelar⁸, a grande dificuldade da categoria é a relação de escravidão e patriarcalismo. A dupla carga de preconceito interfere na relação social que se estabelece entre patrão e empregada. Isso faz com que algumas trabalhadoras domésticas sintam a segregação e escondam sua profissão.

Uma alternativa para a trabalhadora conseguir o reconhecimento do valor social e produtivo que tem seu trabalho é sair do enclausuramento do quarto de empregada e unir-se à organização que representa a categoria. O Sindicato, por sua vez, ampliará a rede de possibilidades, participando de uma central sindical e se juntando a outras frações da sociedade interessadas em reverter as desigualdades.

⁷ Idem, p. 3

⁸ Idem

1.3. A CUT E O PROJETO TRABALHO DOMÉSTICO CIDADÃO – A FORMAÇÃO

1.3.1. O que é a CUT?

A Central Única dos Trabalhadores (CUT) é uma organização sindical de massas em nível máximo, de caráter classista, autônomo e democrático, adepta da liberdade de organização e de expressão e guiada por preceitos de solidariedade, tanto no âmbito nacional, como internacional. A CUT foi fundada em 28 de agosto de 1983, na cidade de São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo, no 1º Congresso Nacional da Classe Trabalhadora.

A CUT defende os interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora, melhores condições de vida e trabalho e o engajamento no processo de transformação da sociedade brasileira em direção à democracia e ao socialismo. Essa entidade busca organizar, representar sindicalmente e dirigir numa perspectiva classista a luta dos trabalhadores brasileiros da cidade e do campo, do setor público e privado, dos ativos e inativos.

A CUT tem como princípios:

- a) Defender que os trabalhadores se organizem com total independência frente ao Estado e autonomia em relação aos partidos políticos, e que devem decidir livremente suas formas de organização, filiação e sustentação material;
- b) Garantir a mais ampla democracia em todos os seus organismos e instâncias, assegurando completa liberdade de expressão aos seus filiados, desde que não firam as decisões majoritárias e soberanas tomadas pelas instâncias superiores e seja garantida a unidade de ação.
- c) Desenvolver sua atuação de forma independente do Estado, do Governo e do patronato, e de forma autônoma em relação aos partidos e agrupamentos políticos, aos credos e às instituições religiosas e a quaisquer organismos de caráter programático ou institucional;
- d) Considera que a classe trabalhadora tem na unidade um dos pilares básicos que sustentarão suas lutas e suas conquistas. Defende que esta unidade seja fruto da vontade e da consciência política dos trabalhadores da cidade e do campo;
- e) Solidariedade com todos os movimentos da classe trabalhadora, em qualquer parte do mundo, desde que os objetivos e princípios desses movimentos não firam os princípios da

CUT. Defenderá a unidade de ação e manterá relações com o movimento sindical internacional, desde que seja assegurada a liberdade e autonomia de cada organização.

1.3.2. A CUT e a Escola Nordeste

A Escola sindical tem sua sede no Recife, no mesmo prédio da CUT-PE, sendo responsável pela articulação política entre as nove CUT's do Nordeste. O seu papel é unir e formular ações conjuntas sobre o desenvolvimento regional, a economia solidária e a qualificação profissional. Os projetos de maior destaque são: "Todas as Letras" (alfabetização de jovens e adultos) e a "Capacitação de Conselheiros" (intervenção de políticas públicas, emprego e renda).

A Escola de Formação da CUT no Nordeste tem como principais objetivos preparar o movimento sindical para a disputa de hegemonia, fortalecer as ações das CUT's e desenvolver políticas que garantam os interesses dos trabalhadores. Os mecanismos para atingir essas metas são discutir juntos às Centrais quais as prioridades, realizando também cursos de formação, além de capacitações e encontros municipais e estaduais.

1.3.3. O Projeto Trabalho Doméstico Cidadão

O Trabalho Doméstico Cidadão apresenta um desenho cuja origem é as demandas e lutas sociais das trabalhadoras domésticas, e cuja concepção está fundamentada na educação popular e no trabalho como princípio educativo. O projeto está baseado em uma experiência iniciada na Bahia em 1999, conduzida pelo Sindicato de Trabalhadoras Domésticas com recursos da Fundação de Amparo ao Trabalhador (FAT) acrescida de inovações conceituais e metodológicas das entidades parceiras e do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), como é o caso dos arcos ocupacionais.

Entretanto, as maiores protagonistas na construção do plano foram as próprias trabalhadoras domésticas. A versão inicial foi discutida com seus sindicatos. O plano foi validado em reuniões e oficinas, com a presença de lideranças e trabalhadoras de base.

A gestão do plano contempla a participação e acompanhamento permanente da execução do plano, por meio dos sindicatos e da FENATRAD (Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas). O projeto é uma política pública com participação e controle social.

O Trabalho Doméstico Cidadão é uma ação governamental em diversas frentes, cujo objetivo é valorizar o trabalho e a trabalhadora doméstica, rumo a uma política de Estado para este importante setor da sociedade brasileira.

Concebido como ações piloto, O Trabalho Doméstico Cidadão é constituído de três subprojetos. O primeiro subprojeto, “Qualificação social e profissional integrada com elevação de escolaridade”, pretende atacar o problema da baixa escolaridade e da qualificação profissional, através de uma metodologia inovadora, que inclui, além dos conhecimentos da educação geral, o reconhecimento social do saber da trabalhadora, as dimensões de gênero e raça/etnia, e uma formação profissional ampla, voltada para diversas dimensões da ocupação trabalhadora doméstica.

O segundo subprojeto, “Qualificação social – formação para auto-organização” pretende contribuir para que as próprias trabalhadoras continuem seu processo de luta. Em outras palavras, mais que oferecer o pescado, ensinar a pescar.

O terceiro subprojeto “Intervenção em políticas públicas” contempla a elaboração de campanhas voltadas para sociedade em relação a questões do trabalho doméstico, tais como Direitos Humanos e Violência contra a Mulher; Direito à Moradia, Saúde Trabalho e Previdência Social e Erradicação do Trabalho Infantil Doméstico (TID).

1.3.2.1. Organização curricular integrada

O currículo proposto pelo TDC (Trabalho Doméstico Cidadão) foi montado estrategicamente para viabilizar os princípios norteadores do projeto pedagógico. Neste sentido, a construção desse currículo se fez à luz das diversas abordagens interdisciplinares (filosófica, pedagógica, sociológica, etc.) e multireferenciais (vivências, experiências e conhecimentos individuais e coletivos, das referências afetivas, culturais, artísticas, religiosas, utópicas, etc.)

Levando em consideração que os/as educandos/as não são como folhas em branco e trazem construções elaboradas coletivamente no seio familiar, na comunidade, no trabalho

e em outros aspectos da vida social, o currículo não pôde ser elaborado de forma arbitrária. Ele levou em consideração o conhecimento de mundo construído ao longo da vida do/a educando/a, o qual funcionará como suporte para o reconhecimento e interpretação de novas situações, e base para a solução de problemas que se apresentem.

Desta forma, a estrutura curricular deve expressar a concepção de que a teoria e a prática são indissociáveis. Assim a formação teórica dos conhecimentos gerais e profissionais deve estar integrada ao cotidiano, às atividades práticas e concretas e, fundamentalmente ao exercício da cidadania, levando em consideração os conhecimentos prévios e a diversidade cultural, as questões de gênero e raça, as experiências fundamentadas nos valores da cooperação, solidariedade, responsabilidade, autonomia, etc.

1.3.2.2 Organização da base curricular

A organização curricular está baseada em três eixos: Base comum (Linguagem, Ciências exatas e naturais, Ciências sociais), parte diversificada (Linguagem e Cultura) integrada com a Formação Técnica geral e a qualificação social e profissional, com os Arcos Ocupacionais do trabalho doméstico. A qualificação social e profissional está integrada ao conjunto de ações formativas que o projeto pretende desenvolver.

Base comum	Linguagem	Língua portuguesa Artes
	Ciências Exatas e naturais	Matemática Ciências naturais Meio-ambiente Direitos sexuais e reprodutivos
	Ciências sociais	Geografia História
Parte diversificada	Linguagem	Comunicação e expressão Psicologia e Relações Humanas Língua Estrangeira
	Cultura	História do trabalho doméstico O valor social do trabalho doméstico Direitos humanos Questões de gênero, raça e geração no mundo do trabalho doméstico Ética e cidadania História e cultura Afro-Brasileira A discriminação de Gênero, raça e Etnia no Mercado de Trabalho Trabalho Religiosidade – Matrizes africanas e outras
Qualificação profissional	Social e Formação Técnica Geral (FTG)	As múltiplas dimensões do trabalho doméstico As novas tecnologias no mundo da casa Inclusão digital Organização do trabalho doméstico Organização da economia doméstica Saúde e segurança no trabalho e meio-ambiente Ética profissional Legislação previdenciária Negociação individual e coletiva Segurança alimentar Equipamento básico Organização e gestão do Estoque Primeiros Socorros

QUADRO 1: BASE CURRICULAR

Fonte: Projeto TDC, 1996

No item qualificação, há os Arcos Ocupacionais, os quais estão baseados em: Cozinha, Arrumação e Cuidado com pessoas. Articulados com os módulos temáticos, nos laboratórios sócio-culturais e sócio-profissionais se desenvolveram as ações de Qualificação Profissional, bem como garantiram a discussão e preparação das ações mais gerais a serem realizadas pelas educandas, tais como: assistência e discussão de vídeos; audiência e debate de músicas, poesias, palestras, fóruns; trabalhos de campo; feiras de ciências; visitas a museus, bibliotecas e outros espaços da cidade como momentos privilegiados de aprofundamento de questões que tenham sido planejadas e levantadas em sala de aula.

As ações de intervenção social foram desenvolvidas ao término de cada módulo formativo, articuladas aos módulos temáticos. Além das educandas, a comunidade foi incorporada procurando debater e propor soluções para os problemas locais ou gerais, na perspectiva de intervenção em políticas públicas.

1.3.2.3. TDC- um projeto em quatro temáticas

TEMA I - IDENTIDADE E CULTURA – Esse módulo é o primeiro e está organizado, como em todos os outros, a partir de uma antologia de diversos gêneros textuais cuja temática está relacionada ao tema. O objetivo principal desse conceito no TDC é reconstruir elementos e referenciais de identidade dinâmica, mutante, fundada num entendimento largo e fundo de cultura e ação cultural. Cultura essa que se constitui a partir da organização do trabalho, e das configurações profissionais, mais especificamente o trabalho doméstico. Esse conceito também está permeado por questões de etnia/raça, sexo/gênero, de idade, religiosidade.

Os objetivos específicos do tema são:

- a) Reconhecer e valorizar a sua identidade individual e coletiva;
- b) Perceber os condicionantes históricos e espaciais da identidade dos seres humanos;
- c) Compreender a importância das relações com a natureza (descoberta/transformação) para a construção das identidades;
- d) Compreender as relações sociais como potencializadoras/limitadoras das identidades individual e coletiva.

A ementa e os objetivos nos permitem concluir que o conceito de IDENTIDADE E CULTURA do projeto TDC está relacionado à construção da identidade dessa trabalhadora numa perspectiva social e profissional. O primeiro texto da coletânea, escolhida para as educandas, nesse conceito, traz a história de uma doméstica que começou a trabalhar desde criança e só tomou consciência dos seus direitos pelo rádio. A partir daí começou a distribuir folhetos em vários locais públicos convidando as trabalhadoras criando, junto com outras companheiras, o Sindicato das Trabalhadoras Domésticas na Bahia. Essa trabalhadora, segundo o texto, também frequenta aulas e vence o preconceito que tinha em relação à sua cor e ao seu cabelo. Há também outro texto, o de no. 04, intitulado “Empregada doméstica, nem amiga, nem escrava”, cujo objetivo é mostrar à patroa que a empregada é uma especialista em trabalhos domésticos e não uma pessoa da família. O texto trata também da questão dos direitos que são muitas vezes suplantados em nome de uma “falsa” relação familiar que os empregadores gostam de manter com suas trabalhadoras.

TEMA II – TRABALHO DECENTE

Esse é o segundo conceito trabalhado no TDC, o qual analisa as diferentes formas que o trabalho vem adquirindo, através dos tempos e dos espaços (trabalho por conta própria, trabalho escravo, trabalho servil, trabalho cooperativo, trabalho assalariado), convergindo para o que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) está denominando de trabalho decente, que se apóia na análise dos problemas, contradições, ambigüidades, conflitos e possibilidades do trabalho, especificamente do doméstico, inclusive sugerindo que ele possa ser decente e cidadão. Todas essas possibilidades do trabalho historicamente condicionadas são discutidas de tal maneira que se busque seu sentido no mundo atual (globalizado, tecnologicamente organizado e regulado), permeado pelas relações de gênero, étnico-raciais, geracionais, de direitos instituídos e negados, bem como das conquistas que podem ser construídas para a trabalhadora doméstica.

Objetivos do conceito:

- a) Discutir sobre o significado histórico e conceitual do trabalho e trabalho decente;
- b) Conhecer a realidade do trabalho feminino no Brasil;

- c) Discutir o significado histórico do trabalho doméstico;
- d) Conhecer e discutir a realidade do trabalho infantil doméstico;
- e) Analisar as desigualdades das condições de vida e trabalho na sociedade brasileira;
- f) Conhecer as transformações do mundo do trabalho (avanços tecnológicos e globalização) e a relação com o desemprego;
- g) Analisar as mudanças e os impactos das tecnologias domésticas;
- h) Discutir as condições e as relações de trabalho, especificamente o trabalho doméstico (as mensalistas e as diaristas), a precarização, o confinamento e o valor social desse trabalho;
- i) Conhecer os Direitos trabalhistas - avanços e retrocessos;
- j) Conhecer as Políticas Públicas e os Programas Federal/estadual/municipal que estão voltados para o trabalho e renda;
- k) Debater o processo de organização da classe trabalhadora (homens e mulheres) no Brasil, na luta pelo direito e melhores condições de trabalho;
- l) Discutir como se definem as relações de gênero, raça/etnia e geração nas relações de trabalho;

Para alcançar o objetivo geral, esse conceito está desdobrado em três subtemas:

- 1) Trabalho feminino X Trabalho doméstico
- 2) Transformações no Mercado de Trabalho
- 3) Repensando e agindo no Mundo do Trabalho

O primeiro texto da coletânea diz que trabalho decente é, segundo a OIT, um trabalho remunerado adequadamente, num ambiente de liberdade, igualdade e segurança, livre de

qualquer tipo de discriminação. É um trabalho capaz de dar uma vida digna a todas as pessoas que vivem dele. O trabalho decente, segundo essa mesma organização, está baseado na seguinte agenda de convenções: Liberdade de organização sindical, eliminação de todas as formas de trabalho forçado ou obrigatório, abolição efetiva do trabalho infantil, igualdade de remuneração para trabalho de igual valor e eliminação da discriminação do em matéria de trabalho e ocupação.

TEMA III – QUALIDADE DE VIDA

A partir da ementa e dos textos relacionados a esse tema, podemos concluir que o objetivo principal desse conceito é discutir o significado de qualidade vida na sociedade e a partir da realidade das trabalhadoras domésticas. Essa qualidade de vida também se constitui nas diferentes dimensões do que é qualidade de vida das mulheres no seu local de trabalho. No meio desse módulo, também são encontrados textos que tratam de questões relacionadas a questões de sexo, raça, etnia e também sobre a vulnerabilidade social dessas mulheres em relação às questões de assédio moral e sexual realizado pelos empregadores.

Ao abrir a coletânea, encontramos o primeiro texto, o qual conceitua que é qualidade de vida em diferentes frentes. Observe o conceito de qualidade de vida que o texto traz:

Qualidade de Vida: é o índice que determina as condições físicas, psíquicas, psicossociais e sócio-políticas saudáveis. Ela envolve capacidade de sobrevivência, trabalho, educação, sexualidade, direitos humanos, relações sociais e lazer.

A partir desse trecho do texto, podemos visualizar que o principal objetivo do módulo é analisar a qualidade de vida no âmbito social e psicossocial em que as trabalhadoras estão, uma vez que elas, realidade muito comum na vida dos trabalhadores do Brasil, trabalham apenas para garantir sua sobrevivência. Não têm muita idéia a respeito do que pode melhorar a sua qualidade de vida e não têm acesso a alguns direitos garantidos por lei tais como: educação, saúde, lazer, condições de trabalho mais dignas, qualidade de transporte, etc. O conceito também enfatiza o respeito nas relações sociais e profissionais, principalmente no âmbito privado em que o trabalho doméstico se realiza.

TEMA 4 – EMPODERAMENTO

Esse conceito tem como objetivo principal fazer com que as trabalhadoras conheçam sobre a organização social das mulheres no Brasil e também a sua própria história de organização enquanto categoria, para, a partir daí, refletir sobre a sua participação social no sindicato e em diferentes movimentos sociais, os quais discutem questões de raça, gênero, e etc. nos quais estão inseridas.

Objetivos:

- a) Discutir e conhecer a história da organização das mulheres no Brasil;
- b) Conhecer a História dos movimentos de caráter étnico/racial e suas protagonistas;
- c) Discutir as relações de gênero, raça/ etnia no processo histórico.
- d) Refletir sobre o que é participação política;
- e) Conhecer a formação dos partidos políticos brasileiros;
- f) Conhecer a História política das mulheres no Brasil;
- g) Discutir a importância da organização social/sindical;

O primeiro texto encontrado na coletânea⁹ dá a noção de empoderamento de uma maneira bem adequada à realidade das trabalhadoras. Observe:

Texto 1-



Hoje as mulheres ocupam um espaço maior na sociedade. Tudo foi conquistado com a luta, com a organização e com a mobilização das mulheres.

Sempre que uma mulher faz alguma coisa considerada “coisa de homem”, ela conquista um novo espaço. Na sua cabeça, os homens começam também a respeitar esta capacidade feminina. Assim as mulheres são consideradas pessoas que adquiriram capacidades antes vistas apenas nos homens, ou seja, a habilidade para conquistar novos espaços e apoio de outras pessoas nos dá poder. Assim, as mulheres buscam o empoderamento visando à cidadania e as condições necessárias para a participação na vida

⁹ Caderno das Educandas – Tema:Empoderamento - Versão preliminar Março 2006. p. 10 - Texto transcrito na íntegra.

social. Neste sentido, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) define empoderamento como um “neologismo que vem da palavra inglesa *empowerment* e “significa uma ampliação de liberdade de escolher e agir, ou seja, o aumento da autoridade e do poder dos indivíduos sobre os recursos e decisões que afetam sua vida” (OIT, 2005).

A falta de poder é um dos componentes essenciais da pobreza. Ela se torna mais grave em função das relações de gênero e raça/etnia existentes na sociedade brasileira, que afetam negativamente as mulheres e suas famílias, sobretudo das populações negras. A falta de poder determina a falta de acesso e de controle sobre os recursos necessários para garantir o sustento e o desenvolvimento das/os trabalhadoras/es, restringe as oportunidades e se expressa na incapacidade de influenciar nas decisões que afetam a própria vida.

Define-se neologismo como toda palavra ou expressão de criação recente. Também se considera neologismo uma nova acepção atribuída a uma palavra já existente no léxico. [1] Ex. Um exemplo prático, muito usado no Brasil, é o caso do termo “*refri*” onde se faz uso de um neologismo, uma vez que esta palavra é uma criação relativamente recente.

(<http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende/neologismos.htm>)

Percebe-se, claramente, que a noção de empoderamento aqui está relacionada à questão da organização. Isso significa dizer que as trabalhadoras domésticas precisam analisar como categoria, quais as decisões em conjunto afetarão a sua vida profissional e social em relação aos seus direitos. A cidadania também está ligada à questão da participação social e do direito. Sem a participação social, as trabalhadoras não terão a oportunidade de influenciar nas decisões de sua própria vida.

“A falta de poder é um dos componentes essenciais da pobreza. Ela se torna mais grave em função das relações de gênero e raça/etnia existentes na sociedade brasileira, que afetam negativamente as mulheres e suas famílias, sobretudo das populações negras. A falta de poder determina a falta de acesso e de controle sobre os recursos necessários para garantir o sustento e o desenvolvimento das/os trabalhadoras/es, restringe as oportunidades e se expressa na incapacidade de influenciar nas decisões que afetam a própria vida.”

Fonte: (<http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende/neologismos.htm>)

Finalizamos esse capítulo dizendo que esse é o objeto que pretendemos descrever, analisar e interpretar à luz dos conceitos bakhtinianos.

2-CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA UMA ANÁLISE DISCURSIVO-ENUCIATIVA

2.1 CIRCUNSCREVENDO O MÉTODO DIALÓGICO

Embora não se possa afirmar que Bakhtin tenha proposto uma teoria e/ou análise do discurso, estudiosos de sua obra (BRAIT, 2005; FARACO, 2008; TEZZA, 2005) reconhecem que o seu pensamento trouxe uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem. A teoria dialógica do discurso tem como base

a relação indissolúvel existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção do conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas (BRAIT, 2006, p. 10).

É na obra “Problemas da Poética em Dostoiévski” (BAKHTIN, 2002, p. 208) que encontramos a sugestão precisa de que o discurso não deve ser estudado na perspectiva de uma abordagem que contemple a “língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da lingüística”. Trata-se da concepção de uma nova disciplina, a *Metalingüística*, que terá, por objeto, as relações dialógicas materializadas em discursos. Nesse sentido, Bakhtin (2002) esclarece que não pode haver relação dialógica entre as palavras no dicionário, entre os morfemas ou entre os elementos de um texto. E nem podem existir entre as unidades sintáticas e nem entre os textos, vistos sob uma “*perspectiva rigorosamente lingüística*”, embora esta conheça o funcionamento da sua composição, bem como as suas escolhas lingüísticas no plano da língua. Por isso, ao estudar o “discurso dialógico”, de acordo com Bakhtin, “*a lingüística deve aproveitar os resultados da metalingüística.*” (BAKHTIN, 2002, p.210).

Reportando-se a *Dostoiévski*, Bakhtin (2002, p. 209) observa que o mais importante, na análise do discurso dessa obra, não é a existência de certos estilos de linguagem, dialetos sociais, os quais podem ser estudados através de critérios meramente lingüísticos: o que interessa analisar é “*sob que ângulo dialógico os estilos e dialetos confrontam ou se opõem na obra.*”. As relações dialógicas, para o autor (BAKHTIN, 2002),

são de natureza extralingüística e “*não podem ser separadas do campo do discurso, da língua enquanto fenômeno integral completo. Essas relações pertencem ao campo do discurso*” (BAKHTIN, 2002, p. 210), não pertencem a um campo puramente lingüístico de seu estudo.

A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. Mas a lingüística estuda a “*linguagem*” propriamente dita com sua lógica específica na sua *generalidade*, como algo que *torna possível* a comunicação dialógica, pois ela abstrai conseqüentemente as relações propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógica e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela metalingüística, que ultrapassa os limites da lingüística e possui objeto autônomo e metas próprias. (BAKHTIN, 2005, p.210)

O diálogo, segundo Bakhtin (2002), não acontece apenas na enunciação integral, mas é possível em qualquer parte significativa do enunciado, inclusive em uma palavra isolada, desde que essa palavra não seja interpretada de forma interpessoal, mas como um signo que tem uma posição semântica em relação a um outro. Sendo assim, as relações dialógicas seriam possíveis também entre os estilos de linguagem, os dialetos sociais, etc., desde que eles fossem entendidos como certas “*posições semânticas, como uma espécie de cosmovisão da linguagem, isto é, numa abordagem não mais lingüística*” (BAKHTIN, 2002, p.212)

Referindo-se a forma pela qual Bakhtin vai abordar essas relações dialógicas, Brait (2006) observa que elas são trabalhadas a partir de uma teoria da enunciação em que as questões de sentido, de sua construção e de seus efeitos são apresentadas por meio da discussão dos conceitos de tema e significação e também pelas formas de presença do outro na linguagem e no fio do discurso. Ainda para a autora (Brait, 2006), só a partir da análise da obra de Dostoiévski é possível reconhecer um procedimento analítico essencial para uma teoria/análise dialógica do discurso. Não se trata,

“necessariamente, de chegar a uma categoria, a um conceito, a uma noção, a partir de uma determinada análise de um corpus discursivo, dos sujeitos e das relações que ele instaura. Mas de deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir de um ponto de vista dialógico, de um embate (BRAIT, 2006: p.13).

Sugere-se assim (BRAIT, 2006) que o trabalho metodológico e interpretativo com textos e discursos dar-se-á na confluência de uma nova disciplina (metalingüística) com a filosofia, a antropologia, a teoria da literatura, herdando, da lingüística a possibilidade de

esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indiciam sua heterogeneidade constitutiva assim como a dos sujeitos aí instalados. Além da materialidade lingüística, deve-se reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam e descobrir a natureza da atividade em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo entre essas macro e micro organizações, encontrar a sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos e com outros sujeitos (BRAIT, 2006, p.13).

Considerando-se que as relações dialógicas devem ser estudadas no âmbito de uma teoria enunciativa, abordaremos o tema *enunciado e enunciação* no tópico seguinte.

2.1.1 Enunciado e a Enunciação

No tópico anterior vimos que os estudos bakhtinianos estavam voltados para a literatura, mais especificamente à estética da linguagem de Rabelais e Dostoiévski. Não obstante, Bakhtin não se deteve sua atenção apenas ao discurso literário. Sua análise estendeu-se também ao discurso cotidiano, como ponto de observação das relações entre o mundo e o homem habitado pelo signo e ideologicamente marcado pelas estruturas sociais: seres socialmente organizados que interagem e produzem a enunciação, a partir do meio social no qual estão inseridos.

Souza (1999), ao estudar o termo enunciado, no conjunto das obras assinadas por Bakhtin/Volochínov/Medvedev, observou que este vai aparecer relacionado a uma série de outros conceitos, como palavra-enunciado, signo-enunciado, texto-enunciado, discurso enunciado, etc os quais se encontram na fronteira de várias disciplinas que se ocupam de questões relacionadas à linguagem.

Para Bakhtin (1997b), referindo-se ao enunciado concreto, toda a palavra compreende os seguintes aspectos: conteúdo/sentido: (a) conceito – a designação de um objeto; (b) expressividade: imagem; (c) emotividade/volitividade: entonação valorativa sobre o objeto.

A consideração de tais aspectos significa admitir que os enunciados não sejam neutros e que não podem ser estudados fora de um contexto cultural e semântico-axiológico ou ainda em um contexto de uma situação específica da vida privada

Volochínov (1981, p. 191), referindo-se ao enunciado cotidiano, afirma que ele é composto de uma parte verbal – a palavra (forma composicional) e de outra extra-verbal (situação) a qual “integra-se ao enunciado como um elemento indispensável a sua constituição semântica.” A situação, assim compreendida, pressupõe os seguintes elementos: (a) elemento espacial: horizonte espacial comum; (b) o elemento semântico: o conhecimento e a compreensão da situação (tema); (c) o elemento axiológico: o valor comum. Isso significa que esses elementos extra-verbais constituem um todo orgânico com a forma composicional da palavra e que todo o estudo de sua forma verbal deve tomar em consideração seus elementos extra-verbais. Além disso, há de se considerar também que o *horizonte social* do enunciador é que vai, em certa medida, orientar e organizar a forma, desde a escolha da palavra até a sua disposição e entonação. Nesse sentido, todo o enunciado obedece a uma dupla orientação do locutor, tanto em direção ao ouvinte como em direção ao objeto do enunciado (tema) (SOUZA, 1999).

Assim, toda a palavra comporta duas faces, procede de alguém e se dirige a alguém. É o produto da interação entre o locutor e o ouvinte, é o “território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p.113). A palavra é extraída de uma espécie de estoque social dos signos disponíveis cujo significado social se realiza na enunciação concreta determinada pelas relações sociais.

Tais postulações vão provocar uma profunda mudança nos estudos da linguagem, principalmente no que se refere ao objeto da lingüística, pois os autores vão defender que o objeto da lingüística deve ser a fala, a interação verbal, que constitui a realidade fundamental da língua. Para ele (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p.123) “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, (...), mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação”.

Bakhtin e Volochínov (2004, p.113) estabelecem, assim, o princípio do dialogismo da linguagem, que inclui um processo de compreensão ativo e responsivo, ou seja, intersubjetivo. É preciso ressaltar que o termo diálogo passa a ser entendido não no

sentido estrito, que também é uma das formas da interação verbal, mas num sentido amplo, envolvendo toda a comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. É a própria vida que, para esse filósofo russo, representa e apresenta-se como um grande diálogo.

Nesse sentido, o sujeito traz em si todas as vozes que o antecederam, um mundo que já foi articulado, compreendido diferentemente. A linguagem está sempre em movimento, sempre inacabada, em constante processo de renovação, pela compreensão que acontece no intervalo do diálogo, onde se constitui a singularidade, pelo fato de a relação entre os sujeitos ser anterior à subjetividade e de a relação entre os interlocutores ser responsável pela construção dos sujeitos produtores de sentido. Para Bakhtin (2002), a compreensão, que está relacionada a um juízo de valor, é submetida à ação do diálogo. O dialogismo estabelece, pois, uma transformação na visão do sujeito e da linguagem, ambos submetidos às pressões sociais e ideológicas.

Por conseguinte, na visão bakhtiniana são os elementos extralingüísticos dialógicos que perpassam todos os enunciados. Isso significa que para estudar esses elementos é necessário analisar o sentido. A análise de um enunciado isolado, segundo Bakhtin, 2000, compete à lingüística. Já a análise das relações de sentido, presentes num enunciado concreto e de caráter distinto, é dialógica.

Dois enunciados distintos confrontados um com o outro, ignorando tudo um do outro, apenas ao tratar superficialmente um único e mesmo tema entabulam, inevitavelmente, uma relação dialógica entre si. Ficam em contato, no território de um tema comum, de um pensamento comum. (BAKHTIN, 2000, p.191)

São essas relações de sentido, apoiadas nas marcas extralingüísticas de um enunciado que, segundo Brait e Melo (2008, p.72)

[...] fazem muita diferença no sentido de conceber, por exemplo, marcas enunciativas como discursivas, ou seja, não apenas as deixadas verbalmente no enunciado, mas marcas da enunciação de um sujeito, de um lugar histórico e social, de uma posição discursiva, que circula entre discursos e faz circular discursos. Tanto na vida como na arte e nas ciências.

A concepção de enunciado e enunciação, em Bakhtin (2000) só pode ser compreendida numa perspectiva comunicativa, interativa, avaliativa e dialógica.

Compreender tal perspectiva, requer ampliar a nossa visão para outra dimensão do enunciado: ele tem sempre um locutor e sempre se dirige a alguém, está voltado para o destinatário. Esse destinatário, por sua vez, pode ser o parceiro, o interlocutor que, a partir de sua atitude responsiva, pode ressignificar esse enunciado. Essa ressignificação acontece no intervalo do diálogo entre discursos a partir da interação verbal.

Nesse sentido, Bakhtin e Volochínov (2004, p.146) vão tratar da questão do discurso de outrem numa perspectiva dialógica.

O estudo fecundo do diálogo pressupõe uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes da recepção ativa do discurso de outrem, e é essa recepção que é fundamental para o diálogo.

Para Flores & Teixeira (2005 p. 53), o estudo do discurso, a partir da perspectiva bakhtiniana, traz a questão do outro de maneira concreta e numa dimensão constitutiva da linguagem: o outro assume o papel de outro como discurso e outro como receptor. Assim, o discurso passa a ser considerado um fenômeno lingüístico trabalhado como “enunciação na enunciação, reação da palavra à palavra, discurso no discurso, recepção ativa do discurso de outrem.”

Assim, o enunciado, como totalidade discursiva, não pode ser considerado como unidade do último e superior nível do sistema da língua, pois forma parte de um mundo totalmente diferente, o das relações dialógicas, as quais não podem ser equiparadas às relações lingüísticas dos elementos nos sistemas da língua. No decorrer de nossa análise procuraremos observar, descrever e interpretar os efeitos de sentido decorrente dessas relações.

No próximo tópico, abordaremos uma outra questão que remete à perspectiva enunciativa-discursiva: *tema e significação*.

2.1.2 Tema e Significação na perspectiva enunciativa-discursiva

Outro conceito que é caro a Bakhtin e Volochínov (2004), e que aparece em *Marxismo e filosofia da linguagem*, diz respeito ao problema da significação, o qual apresenta uma

semântica que comporta dois aspectos para a construção do sentido da enunciação: tema e significação.

O sentido de uma enunciação completa é o tema, o qual é único e depende de uma situação histórica concreta no momento de sua enunciação. Há também no tema e na sua realização os elementos extralingüísticos, não-verbais da situação. Enquanto o tema é a enunciação que só pode ser tomada em sua amplitude concreta, a partir do instante histórico em que é enunciada, a significação é idêntica em todas as instâncias históricas nas quais um enunciado é pronunciado.

A significação de uma palavra “não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um *potencial*, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto”. Já o tema “é um atributo apenas da enunciação completa; ele pode pertencer a uma palavra isolada somente se essa palavra opera como uma enunciação global.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p. 126)

Bakhtin e Volochínov (2004, p.124) esclarecem esta questão através de um exemplo de enunciado: “*Que horas são?*” Sua significação, observa ele, pode ser segmentada em todos os seus elementos constitutivos; já o *tema* está relacionado a uma situação histórica concreta e não pode ser segmentado. Ou seja, o tema da enunciação não é determinado apenas “pelas suas formas composicionais (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p. 124), sendo necessárias as duas dimensões - forma e situação - para construir o sentido de um enunciado como o referido pelo autor.

Assim, podemos dizer que o tema e a significação na enunciação estão, pois, inter-relacionados, sendo impossível construir uma fronteira entre um e outro.

Para se compreender melhor a distinção entre tema e significação é preciso relacionar com o problema da compreensão, o qual pode ser abordado de duas formas: compreensão passiva - exclui qualquer resposta (própria dos filólogos); compreensão ativa - contém o germe de uma resposta (interação verbal). Para Bakhtin e Volochínov (2002, p. 132) só a compreensão ativa, vista como uma forma de diálogo, permite-nos apreender o tema. Todo o ato de compreensão é uma resposta na medida em que ele introduz o objeto de compreensão num novo contexto. Dessa forma, os autores (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p.132) argumentam que “a significação pertence a uma palavra enquanto traço de

união entre interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva”. Seria nisso que consiste o processo de compreensão: quanto maiores e substanciais forem nossas palavras, mais profunda será a compreensão acerca delas.

O processo de compreensão ativo e responsivo compreende também o acento de valor ou o acento apreciativo. Segundo Bakhtin e Volochínov (2004, p. 132) “*não há palavra que não contenha acento*”. Mas em que consiste esse acento e de que forma ele se relaciona com a significação? Trataremos dessas questões no tópico a seguir.

2.1.3 Acento apreciativo

No tópico anterior vimos que o acento apreciativo está relacionado ao tema e à significação, porque não há palavra, segundo Bakhtin e Volochínov (2004) que não contenha acento, o qual está relacionado diretamente à questão da compreensão ativa. Mas em que consiste essa entoação dada à palavra dentro de um tema referido pelo autor?

Para Bakhtin e Volochínov (2004, p. 135), toda enunciação traz em si uma “orientação apreciativa”. Essa orientação se realiza no momento da enunciação viva que contém um sentido e uma apreciação ao mesmo tempo. E é essa apreciação social que nos permite compreender a evolução histórica de um tema e das significações que o compõem. Essa entoação social também se deve às mudanças de significação, ou seja, a palavra é deslocada de um contexto apreciativo para outro. De acordo com Bakhtin e Volochínov (2004, p. 134) a palavra está entrelaçada à apreciação e o seu significado não pode ser dissociado da evolução viva e nem da evolução histórica. Dando continuidade a essa idéia, Bakhtin e Volochínov (2004, p. 136) esclarecem que há uma luta entre os acentos, na *semântica da existência*¹⁰, e que não há nada na composição do sentido que seja superior à evolução ou independente do *alargamento dialético do horizonte social*.

A sociedade em transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo. É por isso que a significação,

¹⁰ Bakhtin e Volochínov (2004, p.136) esclarecem que os novos aspectos da existência foram integrados no círculo do interesse social e que se tornaram objetos da fala e da emoção humana. Eles não coexistem pacificamente com os elementos que foram integrados antes deles: ao contrário, entram em luta com eles e os submetem a uma reavaliação, fazem-nos mudar do lugar no interior da unidade do horizonte apreciativo. Essa luta, entre esses acentos, vai ser refletida na *evolução semântica* a qual se dará ao longo de toda a vida do indivíduo.

elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias. (p. 136)

Bakhtin (2002), em *Problemas da poética em Dostoiévski*, ao tratar do valor do acento apreciativo, afirma que é ele que dá o tom daquilo que é dito. Uma mesma oração pode ser entendida de diversas formas, pode ter diversos sentidos e o acento apreciativo torna-se responsável pela “*nuance*” que atribui à palavra um determinado sentido. Pensando a perspectiva da compreensão daquilo que é exposto pelo enunciador, em Bakhtin e Volochínov (2004:132) “compreender é opor à palavra do locutor uma contra palavra”. Assim, é na relação dialética que ocorre a interação das pessoas por meio das palavras, as palavras do outro vão aos poucos se tornando as minhas palavras. Aos poucos eu vou me apropriando delas e, ao mesmo tempo, vou concordando com as vozes sociais ou discordando do que foi já dito antes.

Para esse filósofo russo (BAKHTIN, 2000), isolar a significação da apreciação significa destituir a língua da evolução social e histórica. O que significa dizer que é necessário levar em conta, no estudo das significações, a apreciação social. É nesse contexto que dizemos que as trabalhadoras domésticas ressignificam os novos conceitos, as palavras trazidas pelo projeto TDC, uma vez que elas se encontram situadas histórica e socialmente como categoria trabalhadora.

Os autores (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004), na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, sugerem também que, na relação locutor-interlocutor, o que importa não são as palavras ditas pelo interlocutor ou pelo locutor, mas a interação que se trava entre os dois através dos discursos. É nesse momento que as palavras confrontam-se e se estabelecem na arena das lutas sociais cujas relações de sentido se dão no embate entre ambos (locutor e interlocutor) na enunciação dialógica. É nas relações humanas e, mais especificamente, no mundo do trabalho, que os trabalhadores, em suas organizações e esferas de atividade profissional, apropriam-se das palavras do outro, tornam as palavras do outro as suas próprias palavras apropriando-se assim dos signos e valores ideológicos. Esses trabalhadores apropriam-se assim dos diversos sentidos das palavras, dos enunciados, inserindo-se na cultura.

E é nessa dimensão, nessa relação entre o discurso do “eu” e do “outro” que os sujeitos se constituem através das trocas linguageiras. É essa alteridade que constitui as relações dialógicas. Mas como esse “eu” e esse “outro” se constituem na dimensão da alteridade? É o que veremos no tópico a seguir.

2.1.4 O Eu e o Outro na dimensão da alteridade

Para Bakhtin (2000) a presença do “outro” é parte constitutiva do sentido como uma outra voz que habita o discurso. Para ele (BAKHTIN, 2000), a palavra traz em si uma outra voz, ou seja, a palavra é *bivocal*.

Nesse sentido, sugere-se que a interação verbal é estabelecida em meio às relações sociais e que, por conseguinte, não pode ser atribuída a um sujeito de maneira isolada, pois “toda a parte verbal de nosso comportamento (quer se trate de linguagem exterior ou interior) não pode, em nenhum caso, ser atribuída a um sujeito individual considerado isoladamente” (BAKHTIN, 2000, p. 182)

Segundo Bakhtin e Volochínov (2004), o homem constitui-se na relação com o outro, pois nenhum locutor quando fala está agindo sozinho. Nenhum enunciado é monológico ou neutro. Ele sempre está dado num contexto sócio-histórico e cultural:

Um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, franco, cínico, autoritário e assim por diante. Não há enunciados, neutros, nem pode haver; mas a lingüística vê neles somente *o fenômeno da língua, relaciona-os apenas com a unidade da língua*, mas não com a unidade de conceito, de prática de vida, da História, do caráter de um indivíduo, etc (2004, p. 46)

Partindo desse enfoque poderíamos dizer, com Bakhtin e Volochínov (2004), que há uma articulação entre o textual e o histórico na construção da identidade, uma vez que a significação de uma atividade enunciativa pode ser relacionada a posturas externas e ao

sentido já estabelecido de uma luta pelo poder, pois “cada objeto, cada entonação, está englobado numa luta ideológica renhida” (Bakhtin, 2000, p. 467). Assim a formação da identidade subjetiva de um indivíduo se dá na sua relação com o outro, pois é na subjetividade em que o sujeito “*eu-para-si*” é também um “*eu-para-o-outro*”. (BAKHTIN, 2000) Essa identidade subjetiva, seria, então, construída no âmbito de um conjunto de relações sociais do qual participa o sujeito. Na perspectiva bakhtiniana, o sujeito não é assujeitado, submisso às estruturas sociais e nem um indivíduo autônomo em relação à sociedade. É, antes de tudo, um sujeito que age em relação aos outros. Sua consciência constrói-se na comunicação social, na sociedade, na história. Como a realidade social é heterogênea, podemos dizer, de acordo com a teoria bakhtiniana, que o homem constrói a sua voz social-discursivamente a partir da apreensão das vozes sociais que constituem a sua realidade.

Se é através da linguagem que os indivíduos se apropriam da realidade e da própria linguagem e assim podem agir no mundo, poderíamos então dizer que essa forma de apropriação objetiva se dá através do discurso. O discurso seria, pois, o produto das relações entre os indivíduos. É nesse processo que o sujeito se constitui e as marcas que ele traz em seu discurso carregam o caráter histórico e ideológico que ele estabelece na relação com o mundo.

De acordo com Bakhtin e Volochínov (2004) o homem é habitado pelo signo e ideologicamente marcado pelas estruturas sociais nas quais está inserido e é nessas estruturas sociais que os sujeitos se constituem. É essa relação que possibilita o diálogo o qual pressupõe sempre um movimento de ida e vinda, que não se limita apenas à comunicação entre pessoas face a face, mas que possibilita também o diálogo entre os discursos.

Visto nessa perspectiva, o discurso seria um espaço marcado pelas diversas vozes vindas de outros discursos, que se inter-relacionam, pois conforme Bakhtin (2000), o sujeito “traz em si todas as vozes que o sucederam um mundo que já foi articulado, compreendido diferentemente.” (p. 290) É nesse mundo articulado pelas estruturas sociais que esses sujeitos e seus discursos dialogam, se refutam e se refratam.

Bakhtin (2000) defende também que a posição de que o acabamento do *eu* venha de fora, ou seja, é o outro que nos completa, pois, só ele, pela posição que ocupa – posição *exotópica* - pode ver o que não vemos pelo excedente de visão dele. O lugar do qual vejo o outro não é qualquer lugar, é sempre um lugar social, valorado, que tem significação. O autor (BAKHTIN, 1993a, p. 34) segue dizendo que o ato de pensar é um movimento responsabilmente consciente da consciência a qual, no momento do Ser-evento único, não é uma passiva reação psíquica, mas é moralmente válida e responsabilmente ativa. Esse momento, constituído por pensamentos, sentimentos, palavras e ações representam uma atitude emocional-volitiva e estão relacionados a um contexto na vida real, unitária e única.

Partindo dessa teoria levantamos a hipótese de que o discurso da formação, através do Projeto TDC, possibilita a construção de uma nova identidade para as trabalhadoras domésticas enquanto categoria de trabalho.

E de que forma essa nova identidade da doméstica, como categoria de trabalho, é construída? Em que momentos essa nova visão da realidade é configurada no discurso dessas trabalhadoras que passaram por esse processo de formação? Lembramos Bakhtin (1993), quando diz que cada pensamento que temos é um ato que realizamos num determinado momento de nossas vidas, o qual é irrepetível e acontece durante toda a nossa vida. Esse *ato*, segundo ele (BAKHTIN, 1993a) dá-se num determinado evento situado histórica e socialmente. A discussão, acerca dos conceitos de *Ato e Evento*, postulados por Bakhtin, é o assunto do próximo tópico.

2.1.5 Ato e evento

O ato nosso de atividade, além de fazer parte da nossa experiência real, envolve o conteúdo desse ato, seu processo. Esse ato responsável/responsável está relacionado à valoração e à avaliação do seu agente com relação ao seu próprio ato. A responsabilidade do ato está relacionada a um compromisso ético do seu agente. Para Bakhtin (1993a), nada que diga respeito ao mundo da cultura pode ser extraído da abstração primeira do signo.

Na vida real, todo signo é duplo, não como expressão de duas referências abstratas, mas como expressão de dois sujeitos e de duas visões de mundo. Nosso olhar sobre o mundo só é nosso porque há um outro olhar com relação ao qual o nosso ganha sentido.

Segundo a teoria bakhtiniana (BAKHTIN, 1993a), cada pensamento que temos, junto com o seu conteúdo, é um ato ou ação que realizamos. E é justamente esse conjunto de todos esses atos irrepetíveis que fazem, da nossa vida, uma vida única e inteira. (p.3)

São atos, para Bakhtin (1993a), tanto as ações físicas como as de ordem mental, emotiva, estética, como as ações tomadas em termos concretos e não somente cognitivos e psicológicos. Para ele todo o evento de linguagem – mesmo aquilo “*que sonhamos, na última solidão do ser*” (BAKHTIN, 1993a, p.5), – é a atualização de uma relação entre sujeitos históricos e sociais.

Quanto ao evento, este é definido como o momento histórico-concreto em que o ato está situado, ou seja, a presentificação dos seres à consciência viva. Assim como não há objetos que não ocorram, não se tornem eventos, não há eventos sem a presença de objetos, ou entidades. O evento ocorre num dado lugar e espaço. Evento e objeto se pressupõem mutuamente, uma vez que incluem tanto um dinamismo e uma singularidade, tanto estaticidade e universalidade. O evento contém os vários atos de atividade do homem ao longo desse diálogo compreendido entre o nascer e o morrer.

Já o evento do ser em processo é, para Bakhtin (1993), alguma coisa que está em devir e se projeta para o futuro. É exatamente isso que queremos analisar nos atos executados pelas trabalhadoras domésticas em formação, através da linguagem. O ato como algo que se projeta para o futuro que é a construção de uma nova identidade profissional enquanto categoria de trabalho através desse retrabalho da linguagem.

Compreendendo que a trabalhadora doméstica configura uma nova identidade, enquanto categoria de trabalho, na confluência da alteridade, pelo embate dialógico entre o eu (trabalhadora doméstica) e o outro, no discurso, iremos abordar no tópico seguinte, a relação entre discurso e identidade.

2.2. DISCURSO E IDENTIDADE

De todas as identidades, a do indivíduo é aquela que está em constante processo de reconstrução, pelo fato de termos uma cultura marcadamente individual. A crença na própria individualidade é tida como a primeira garantia de sobrevivência desde a época do iluminismo, cuja lógica estava centrada na potencialidade do indivíduo de auto-emancipação pelo exercício da razão. A modernidade trouxe consigo um paradigma que emerge a partir do conceito de indivíduo, como centro de uma reinterpretação fundadora da autoria de si e do mundo. No entanto, as referências hegemônicas que pautaram os processos sociais e culturais do ocidente – *o etnocentrismo, o imperialismo, o racismo e a patriarquia* – fizeram com que a modernidade trouxesse também a perda de identidades e da memória (CASTELLS, 2002).

Segundo Schmidt (2000), a identidade é como um movimento contínuo/descontínuo das relações que os sujeitos, comunidades, nações estabelecem imaginariamente com o *outro*, o que garante sua auto-constituição e inserção dentro de certas condições sócio-históricas e discursivas que são, elas próprias, sustentáculos daquelas relações. Em relação ao *outro*, referido pela autora, podemos fazer um paralelo interessante com a teoria baktiniana (BAKHTIN, 2000), especialmente quando discute o problema do autor na atividade estética, considerando-se que a construção da identidade também passaria pela forma de acabamento estético do sujeito que enuncia, no presente caso, a trabalhadora doméstica. Da mesma forma que o autor, aludido por Bakhtin (2000, p. 33), esta trabalhadora precisa situar-se fora de si mesma, viver a si mesma num plano diferente daquele em que ela vive na sua vida cotidiana. Essa seria a condição para que ela pudesse se contemplar de uma posição exotópica, reconhecendo-se a si mesma tanto em relação aos seus próprios valores, como vendo-se através dos valores e dos olhos do *outro*, o patrão, a CUT, através do seu projeto de formação. Seria justamente esse processo de auto-reconhecimento do eu-para-mim e do eu-para-o-outro, até formar um todo, que asseguraria a sua forma de acabamento e construção de uma nova identidade.

Bastos (2002) compreende o conceito de identidade como uma construção social que se refere a uma série de *personas* sociais, incluindo status, papéis, posições, relacionamentos e outras identidades institucionais que uma pessoa pode desejar reivindicar para si ou atribuir a outros no curso da vida social. Bastos (2002) também

defende que identidades são dinâmicas e colaborativamente construídas e reconstruídas no curso de interações sociais e não são categorias fixas e estáveis. Outros autores como Berger e Luckmann (2003), entendem a identidade, ou as identidades, como núcleo de resistência à hegemonia, podendo constituir-se em semente de mudanças sócio-culturais

Ainda do ponto de vista sociológico, segundo Castells (2002), toda e qualquer identidade é construída. A principal questão para ele diz respeito a *como, a partir de que, por quem e para que* isso acontece. Com relação à identidade, o autor (CASTELLS, 2002) descreve três formas de construção¹¹:

1. **Identidade legitimadora**, cuja origem está ligada às instituições dominantes; (teorias nacionalistas, fundamentalistas etc).
2. **Identidade de resistência**, gerada por atores sociais em posições desvalorizadas ou discriminadas. São verdadeiras trincheiras de resistência.
3. **Identidade de projeto**, produzida por atores sociais que partem dos materiais a que têm acesso para redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda estrutura social. (movimento feminista, movimentos étnicos etc).

A partir dessa proposta de Castells (2002), poderíamos supor que as trabalhadoras domésticas situar-se-iam, nessa classificação, na identidade da resistência, uma vez que historicamente estão em posições desvalorizadas e discriminadas socialmente. Para vencer e resistir a essas discriminações, elas buscam se organizar e se fortalecer como categoria através de formações que tragam a dimensão social do valor do trabalho doméstico.

CASTELLS (2002) sugere ainda uma distinção entre identidade e o que sociólogos têm chamado de papéis, definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade. Para ele (CASTELLS, 2002), identidades constituem fontes de significado para o próprio ator. São fontes mais importantes de significado do que papéis, por causa do processo de individualização e autoconstrução que envolvem. Já os papéis são as funções assumidas pelo indivíduo na sociedade (uma mulher, por exemplo, pode ser trabalhadora, mãe, militante, sindicalista, freqüentadora de uma determinada igreja,

¹¹ Castells (2002, p.22-28)

fumante, ao mesmo tempo) Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções.

A construção de identidades, segundo o autor (CASTELLS, 2002), vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva, por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelação de cunho religioso. Todos esses materiais, no entanto, são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seus significados em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço.

Assim, é possível dizer que existem tipos diferentes de manifestações identitárias (ex. movimento feminista). Todas estão marcadas pela história de um determinado grupo, assim como pelas instituições existentes, pelos aparatos de poder e pelas crenças religiosas, embora nem todas desenvolvam uma prática renovadora.

Poderíamos perguntar que aproximações podem ser feitas entre as teorias de Castells (2002), Bastos (2002), Berger e Luckmann (2003), e Bakhtin (1997). Um ponto em comum, entre esses autores, é o fato de todos concordarem que a identidade é construída socialmente. O que difere, entre os autores, é a forma como cada um concebe o processo de construção da identidade nesse social. Enquanto que no âmbito das teorias sociais referidas, a construção da identidade é influenciada, como já foi dito, por fatores tais como o status, papéis, posições, relacionamentos e outras identidades institucionais que os indivíduos reivindicam para si ou atribuem a outros no curso da vida social, na perspectiva de uma teoria filosófica da linguagem, tal como a formulada por Bakhtin, a identidade se constrói na relação de alteridade que se estabelece entre o discurso do “eu” e o do “outro”. Para ele (BAKHTIN, 1997a), na vida sempre julgamo-nos do ponto de vista do outros e sempre tentamos compreender o que transcende a nossa própria consciência, levando em conta o valor que conferimos ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar a *outrem*. Estamos sempre à espreita de como os reflexos de nossa vida se manifestam na consciência dos outros. No entanto, esse conhecimento que temos de nós mesmos, através da visão do outro, apesar de parecer ser traduzido para a linguagem da nossa consciência, não ganha autonomia e nem rompe a unidade de nossa vida orientada

para o *por-vir* de nossa existência e não fica em repouso e nem coincide com a sua própria atualidade. Dizendo isso de uma maneira melhor, Bakhtin (1997a, p. 37) afirma que

na vida, depois de vermos a nós mesmos pelos olhos de outro, sempre regressamos a nós mesmos; e o acontecimento último, aquele que parece-nos resumir o todo, realiza-se sempre nas categorias de nossa própria vida.

Ao tratar do ato estético do *autor* e do *herói*, o autor (BAKHTIN, 1997a, p. 86) diz que o sujeito pode enunciar sua vida interior, sua orientação cognitiva, sua visão de mundo através de categorias do discurso cognitivo, teórico. Esse ato, interpretado pelo filósofo russo como *introspecção-confissão*, seriam as formas através das quais o sujeito expressa sua *postura emotivo-volitiva* a respeito do mundo, visto a partir do interior dele mesmo.

Dessa forma, acreditamos que as teorias, anteriormente referidas, tanto na perspectiva filosófica da linguagem, como na perspectiva sociológica, se complementem e nos auxiliem a compreender como as trabalhadoras domésticas, através de seus discursos, expressam sua visão de mundo, ou seja, a visão que têm de si mesmas e do lugar que ocupam na sociedade enquanto categoria de trabalho, um lugar valorado a partir da visão dos olhos de *outrem*, mas não de uma forma acabada, pronta, mas sempre em processo de ampliação de sua própria consciência, pois como pondera Bakhtin (1997a, p. 36):

ainda que conseguíssemos apreender o todo de nossa consciência, no acabamento que ele adquire no outro, esse todo não poderia impor-se a nós e assegurar nosso próprio acabamento, nossa consciência o registraria e o superaria, assimilando-o a uma modalidade de sua unidade que, no essencial, é pré-dada e por-vir; a última palavra pertencerá sempre à nossa consciência e não à consciência do outro; quanto à nossa consciência, ela nunca dará a si mesma a ordem de seu próprio acabamento.

Se a identidade está relacionada aos papéis sociais desempenhados pelos indivíduos e sempre em processo de construção social, como as identidades individuais se construiriam diante de uma sociedade globalizada, fragmentada e em constante processo renovação pelo advento de tecnologias cada vez mais avançadas? Como se comportaria então uma trabalhadora doméstica frente à necessidade de uso de novos aparelhos domésticos e

recursos tecnológicos como o computador, por exemplo, no seu ambiente de trabalho? Como ela se posicionaria ao entrar em contato com o discurso da qualificação proposto pelo projeto TDC? Faremos uma breve discussão acerca da Identidade e mudança no próximo tópico.

2.3 IDENTIDADE E MUDANÇA

Como vimos no tópico anterior, a identidade é uma questão que vem sendo bastante discutida na teoria social. O argumento para tal discussão, segundo Hall (2002, p. 7) vem do fato de as velhas identidades estarem em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno. Segundo o autor (HALL, 2002), esses processos de mudança representam um processo de transformação tão fundamental e abrangente que somos levados a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada.

Para ele (HALL, 2002), a sociedade pós-moderna tem sido atravessada por diferentes divisões e antagonismos que produzem uma variedade de diferentes identidades para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas não são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem ser conjuntamente articulados.

Referindo-se ao fato de que as identidades não são unificadas, Hall (2000) observa que elas são cada vez mais fragmentadas e fraturadas, nunca singulares, mas construídas nos diferentes discursos, práticas e posições. As identidades estariam, então, na visão do autor, sujeitas a uma historicização radical, e por isso, sempre num processo de mudança e transformação. Para ele a identidade é formada através de processos inconscientes: ela está sempre “incompleta” e “em processo”. (HALL, 2000, p. 38). Ela surgiria não tanto da plenitude que já está dentro de nós como indivíduos, mas do preenchimento que vem do nosso exterior, pelas formas pelas quais nos imaginamos ser vistos pelos outros (HALL, 2000).

Assim, uma trabalhadora doméstica não é apenas uma trabalhadora doméstica, ela também é mãe, negra, católica, sindicalista, etc. Portanto, outras domésticas são constituídas por traços identitários que muitas vezes estão dentro de uma mesma pessoa

de forma antagônica ou contraditória, nas mesmas práticas discursivas ou em outras. Moita Lopes (2003, p.28), afirma que “as identidades sociais devem ser entendidas, portanto, como um feixe de traços identitários que coexistem, às vezes de forma contraditória, na construção das diferenças de que somos feitos”.

Pudemos observar, no decorrer dessa discussão, que a sociedade, a identidade e a realidade cristalizam-se, pois, subjetivamente, no mesmo processo de interiorização da linguagem. Processo que se constitui no mais importante instrumento de socialização, principalmente no âmbito das relações de trabalho.

Seria, então, interessante observar de que forma a linguagem permeia esses atos identitários, construídos socialmente pelas trabalhadoras nas suas relações de trabalho em sociedade, com os seus empregadores e o sindicato. Faremos, no tópico seguinte, um breve apanhado de como se dão os atos identitários dos indivíduos nas relações de trabalho.

2.4 OS ATOS IDENTITÁRIOS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO

Garcia (2005, p. 50) em seu artigo “Las nuevas formas de organización del trabajo: obstáculo para la construcción de una identidad.” destaca que o trabalho estrutura a personalidade, dá status, ou seja, é muito mais do que um sustento econômico. Esse mesmo autor analisa o trabalho numa perspectiva de atividade humana que produz bens, tanto econômicos, quanto políticos, sociais e subjetivos. O trabalho aqui é visto como uma instância primordial da relação entre o indivíduo e a sociedade por ser um suporte fundamental da própria identidade.

É nesse espaço de construção e de novas formas de organização do trabalho em tempo e espaços diferentes é que podemos perceber o impacto sobre a construção da identidade. Segundo Garcia (2005, p. 59), “a identidade implica e pressupõe, como se sabe, a presença do “outro” e o estabelecimento de um vínculo relacional de confrontação que permita estabelecer as diferenças entre um e esse outro.”

Ainda segundo o autor (Garcia, 2005), as identidades e alteridades são construções intelectuais que se confirmam em seu caráter relacional e se afirmam na singularidade e

na diferença ao mesmo tempo. A identidade se constrói nesse espaço e também num lugar que habilite e permita sua existência.

Garcia (2005) sugere que as identidades são construídas no espaço de alteridade, ou seja, não há um *eu* que possa co-habitar fora do *outro*. Fazendo uma relação entre o dizer de Garcia com o de Bakhtin, observamos que o filósofo russo (BAKHTIN, 1997a, p. 313-314) tem um discurso semelhante quando diz que a experiência individual do homem toma forma e evolui a partir do contato que ele tem com os enunciados individuais do *outro*, como se fosse um processo de assimilação mais ou menos criativo das palavras do *outro*. Os enunciados estariam, assim, repletos das palavras do *outro em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação*. As palavras do *outro* trariam seu próprio tom valorativo, o qual seria assimilado, reestruturado e modificado pelo *eu*.

Nessa perspectiva, podemos dizer que as relações estabelecidas nos ambientes de trabalho são responsáveis pela construção da identidade, uma vez que *eu* me defino enquanto uma categoria na relação que tenho com o *outro*.

Trazendo essas questões para o nosso objeto de análise, o discurso das trabalhadoras domésticas em formação, acreditamos que a identidade dessas trabalhadoras seja re-definida na relação que elas têm com o seu sindicato, uma vez que o projeto TDC seria esse elo entre as trabalhadoras e o sindicato, pois tem como principal objetivo conscientizá-las acerca do valor social do Trabalho Doméstico, ao rediscutir o seu lugar na esfera do trabalho e, assim fazendo, promover a reconstrução de sua identidade como categoria trabalhadora via linguagem, considerando-se que são precisamente as relações dialógicas o espaço privilegiado para a construção de identidades. Segundo Fanta (2005), a linguagem é permeada de valores e saberes pertencentes a uma determinada esfera de trabalho. Ela é o lugar onde germinam, se desenvolvem e se retrabalham os objetos das atividades.

Considerando-se que a vida do homem está impregnada de uma relação complexa entre ele e a palavra do outro, em todas as esferas da cultura e da atividade, podemos afirmar que isso não seria diferente na esfera de trabalho, uma vez que a linguagem permite travar e manter relações sociais entre indivíduos inseridos numa determinada categoria de trabalho, como é o caso das trabalhadoras domésticas, categoria em estudo nesse trabalho de pesquisa.

Nessa perspectiva, esperar-se-ia que as empregadas domésticas reconfigurassem suas identidades a partir dos novos valores e conceitos, através de uma coletânea de textos apresentados pelo projeto TDC, o qual foi gestado e desenvolvido pela CUT, pela Fenatrad e pelo Sindicato das Trabalhadoras domésticas.

3 MÉTODO

3.1 CARACTERIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DOS *CORPORA* DISCURSIVOS EM VARIÁVEIS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE UMA ABORDAGEM QUANTIQUALITATIVA

Neste capítulo descreveremos a caracterização e a constituição dos *corpora discursivos* e os procedimentos teórico-metodológicos quantiqualitativos aqui utilizados para a realização da análise dos dados.

Foram utilizadas duas abordagens de análise complementares: (1) o Método de Análise Lexical, Textual e Discursiva, proposto por Camlong (1996), baseado na estatística paramétrica, para a descrição quantiqualitativa da população lexical de nossos *corpora* discursivos e (2) A Análise Dialógica do Discurso, baseada em pressupostos teóricos provenientes do princípio dialógico da linguagem, postulado por Bakhtin, para possibilitar uma análise qualitativa dos aspectos da subjetividade dos sujeitos envolvidos e cujo percurso teórico-metodológico foi esboçado na fundamentação teórica.

3.1.1 Universo e seleção da amostra

O universo da amostra foi constituído por 30 trabalhadoras domésticas em processo de formação, na cidade do Recife, através do projeto Trabalho Doméstico Cidadão, com idade entre 25 a 60 anos.

Selecionou-se uma amostra de 43,3% por cento desse universo (13 sujeitos) pelo critério de conveniência que se refere a “seleção daqueles casos a serem acessados em determinadas condições” (FLICK, 2004, P. 83). No caso do estudo em questão foram consideradas as seguintes condições: disponibilidade e acessibilidade.

3.1.2 Instrumento de coleta de dados

O instrumento utilizado foi a entrevista narrativa semi-padronizada (gravada em vídeo e áudio). Durante as entrevistas, o entrevistador mencionou diversas áreas temáticas, sendo cada uma delas introduzida por uma questão aberta elaborada pela pesquisadora.

Este tipo de entrevista permitiu uma abordagem do mundo subjetivo e a obtenção de informações sobre como as trabalhadoras domésticas percebem a sua realidade enquanto categoria trabalhadora. Além disso, estimula o entrevistado a responder espontaneamente, em forma de narrativa, a uma pergunta aberta. (Flick, 2004, p.95).

3.1.3 Procedimentos: aplicação da entrevista na amostra

A entrevista foi feita individualmente, gravada em áudio e transcrita posteriormente. O instrumento utilizado na coleta de dados não ofereceu risco para os sujeitos voluntários, tendo sido assegurado o sigilo da identidade dos sujeitos bem como o direito de não responder a perguntas constantes nas entrevistas e de recusar-se a participar ou desistir da participação no projeto em qualquer etapa do seu desenvolvimento. Foi assegurado também que a utilização dos dados seria com fins acadêmicos de divulgação científica. Considerando que se trata de uma pesquisa envolvendo seres humanos, está prevista a devolução dos resultados através de palestras para as domésticas envolvidas no projeto e a CUT. Vale ressaltar que o nosso projeto de pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal de Pernambuco em julho/2007.

As quatorze questões elaboradas para essa entrevista giravam em torno dos quatro temas sobre os quais o projeto TDC foi organizado, a saber: Identidade e cultura, trabalho decente, qualidade de vida e empoderamento.

As perguntas efetuadas, de acordo com os conceitos trabalhados pelo projeto da CUT, foram as seguintes:

CONCEITO: TRABALHO DECENTE → “4-Para você o que significa a palavra trabalho? 5- O trabalho doméstico é um trabalho decente?”

CONCEITO: EMPODERAMENTO → “6- Você acha que os direitos das trabalhadoras domésticas têm sido garantidos? Por quê? 7- O que significa pra uma trabalhadora doméstica ter uma carteira de trabalho assinada? 8- O que as trabalhadoras domésticas podem fazer para garantir os seus direitos? 9-Na sua opinião o que é ser cidadã (o)?”

CONCEITO: QUALIDADE DE VIDA → “10- O que você acha das trabalhadoras

domésticas que trabalham desde muito cedo? 11- O que é ter qualidade de vida pra você? 12- Como obter mais qualidade de vida no trabalho, em casa, na sociedade? 13- As trabalhadoras domésticas conseguem adquirir seus direitos quando participam das ações do seu sindicato? 14- O que representa o projeto trabalho doméstico cidadão em sua vida?”

3.1.4 Definição das variáveis

Sendo os nossos *corpora* constituídos por 13 depoimentos narrativos (discursos), produzidos por trabalhadoras domésticas que passaram por todas as etapas de formação do TDC (Trabalho Doméstico Cidadão), cada um desses depoimentos foi considerado como uma variável, preservando-se assim o seu caráter individual.¹²

3.2. O MÉTODO CAMLONG

O método de análise escolhido para entrada nos *corpora* refere-se à utilização de instrumentos estatístico-computacionais, baseado em pressupostos metodológicos de análise lexical, textual e discursiva, proposto por André Camlong (1996).

Ao descrever o método, o autor define-o da seguinte forma:

Método de análise estatística destinado ao tratamento informático de dados lexicais textuais e discursivas, para o uso de todos aqueles que desejam se dedicar à prática de análise “científica” de qualquer corpus textual (escrito ou transcrito), exposto de um ponto de vista teórico e prático. (CAMLONG, 1996, p. 5)

O método foi desenvolvido especialmente para análises lingüísticas, em função de um modelo de análise lexical, textual e discursiva - *método matemático-estatístico-computacional de análise de textos* Ele permite que se faça indexação de textos, tratamentos estatístico de léxicos, extração de seqüências e concordâncias, bem como a criação automática de dicionários

¹²Não definimos variáveis outras nesse estudo, tais como: (idade, tempo de profissão, tempo de participação em sindicato), uma vez que nosso objetivo é fazer uma análise enunciativo-discursiva desses sujeitos em sua individualidade.

O método STABLEX¹³, segundo Camlong (1996) tem sua importância pelo fato de nos propiciar um tratamento de *corpora* através de um critério científico (a estatística paramétrica), de forma a permitir, através de uma leitura da descrição do peso da população recenseada, visualizar todo o conjunto de constituição lexical, textual e discursiva, tanto do ponto de vista de cada variável individualmente, como compará-las e interpretá-las entre si.

O método estatístico permite descrever, analisar e tornar visíveis as relações que ligam os elementos lexicais-sintático-semânticos na estruturação de textos e de discursos. A estatística não trata apenas de dados quantitativos, mas de dados qualitativos sobre um fundo quantitativo: ele mede as grandezas.

O método Camlong considera o conteúdo real dos léxicos criados e de seus repertórios lexicais recenseados. Esses formam o texto que veicula um discurso. O método fornece os procedimentos de cálculos, as regras de validação e as leis de determinação, o da distribuição permite visualizar a arquitetura textual do discurso.

Nesse sentido, o método possibilita, ao analista, num primeiro momento, uma leitura dos dados descritos (pesos dos itens lexicais), evitando, assim, a escolha intencional de determinados itens lexicais que pudessem oferecer as respostas esperadas pelo pesquisador em relação às suas hipóteses e perguntas de pesquisa.

O nosso objeto de estudo, nesse trabalho, é o discurso enunciado pelas trabalhadoras domésticas que passaram por um processo de formação escolar e profissional durante um ano e meio. Assim, para muitos, pode parecer inadequado utilizarmos dados numéricos para tratar esse discurso. No entanto, vale salientar que estes números representam o léxico, o qual representa os textos e estes os discursos. Desse modo, o método estatístico permite descrever e analisar as relações entre os elementos lexicais e sintático-semânticos que permeiam os discursos das trabalhadoras. (CAMLONG, 1996)

Esse é, pois, um método quantiquantitativo de análise de dados, o que significa dizer que se trata da descrição de dados qualitativos sobre um fundo quantitativo. Segundo Camlong (1996), através da matriz lexical é possível visualizar toda a “arquitetura textual do

¹³ STABLEX significa: *STA*– de statistique (estatística), *TAB*– de tables, tableaux (tabelas), *LEX*– de lexique (léxico= dicionário) *T...EX*– de texte (texto).

discurso”, o que nos possibilita, como pesquisadores, obter recortes enunciativos validados a partir do peso atribuído a cada léxico do conjunto discursivo.

3.2.1 O processamento informatizado dos dados e suas etapas:

O processamento de dados, pelo software STABLEX, é realizado em três etapas, conforme descrição a seguir:

PRIMEIRA ETAPA: constituição de léxicos – recenseamento exaustivo dos itens lexicais dos textos, distribuídos em variáveis

SEGUNDA ETAPA: constituição de Tabelas através da MACRO STAB. Aplicando-se fórmula estatística, são geradas as tabelas de freqüência e de pesos dos itens lexicais no conjunto das variáveis

TERCEIRA ETAPA: definição de novos agrupamentos de itens lexicais, de acordo com as temáticas que se pretende analisar.

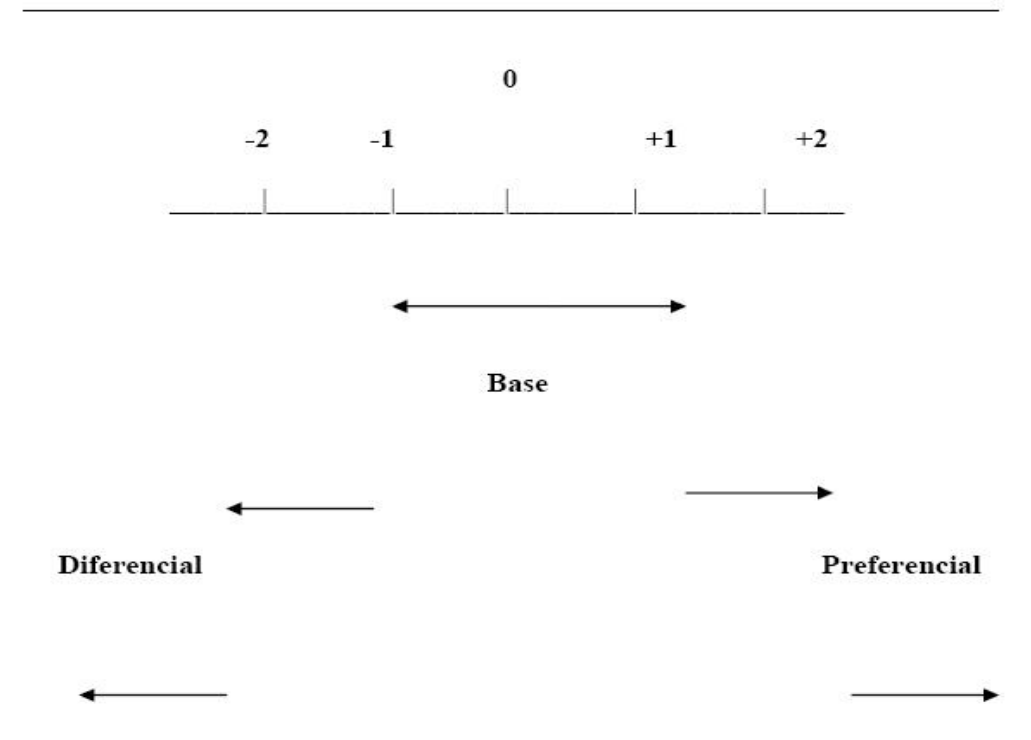
3.2.2 Léxicos e tabelas

Os discursos de nossos *corpora* de arquivo foram precedidos de um processamento de dados, através do programa de informática STABLEX, a partir do qual foram produzidas tabelas de descrição de freqüências e de pesos lexicais (CAMLONG, 1996). A constituição dos léxicos foi, pois, realizada a partir do recenseamento exaustivo do vocabulário obtido através do processamento de 13 variáveis que constituem o nosso *corpora*, gerando tabelas de distribuição de freqüência e de desvios reduzidos, organizadas por ordem alfabética e por ordem de freqüência de emprego (CAMLONG, 1996).

As *TDFs – tabelas de distribuição de freqüências* – são utilizadas para informar o número de ocorrências e a freqüência dos léxicos recenseados nos *corpora* das variáveis e servem de matriz à construção das TDRs– *tabelas de desvios reduzidos*. A Tabela de desvio reduzido é uma matriz de medidas algébricas, com a qual pode-se determinar o sentido da distribuição dos vocábulos nas variáveis (teste da normalidade), o peso lexical e o sentido vetorial dos pesos. Segundo Camlong (1996: p. 29-41):

O valor do desvio reduzido permite a localização dos espaços de implantação dos vocábulos e a determinação de sua qualidade e representatividade. O peso lexical, quando positivo, expressa uma escolha preferencial; quando negativo, uma rejeição; e nulo, um emprego normalizado em torno da média "0".

ESCALA 2 (DE PESOS LEXICAIS)



(CAMLONG, 1996, p. 127)

QUADRO 2 – Escala de Pesos Lexicais

Fonte: CAMLONG, 1996, p. 127

VOCABULÁRIO BÁSICO: ENTRE +1,96 e -1,96

VOCABULÁRIO PREFERENCIAL: DE +1,96 ACIMA

VOCABULÁRIO DIFERENCIAL: DE -1,96 EM DIANTE

Segundo Zapparoli e Camlong (2002, p.44-45),

(...) a densidade de peso, de um texto, é expressa em função da escala aritmética de uma matriz que situa a massa lexical no eixo das abscissas e o peso lexical no eixo das ordenadas. A densidade do peso, dependente do conteúdo lexical de cada célula da matriz, é tanto mais forte ou mais fraco em proporção inversa ao número de elementos lexicais nela contidos; é tanto mais forte, ou tanto mais fraca, quando a medida algébrica tende mais para o alto, ou mais para o baixo da escala aritmética da matriz: positiva, exprime uma escolha preferencial; negativa, uma rejeição; nula, um emprego normalizado em torno da média. Ou seja, todo o desvio reduzido positivo acusa um uso privilegiado; negativo, um uso rejeitado; em torno da média reduzida a zero, um uso normal.

Considerando que o nosso objetivo nessa pesquisa é compreender como se dá a construção identitária das trabalhadoras domésticas enquanto categoria, à luz da cultura e dos novos conceitos introduzidos pelo Projeto de qualificação TDC e bem como qual é o papel da linguagem no retrabalho desse processo de construção identitária, realizamos um recorte dos itens lexicais e discursivos a partir dos conceitos de: identidade e cultura, trabalho decente, qualidade de vida e empoderamento.

O recorte dos itens lexicais, do ponto de vista quantitativo, foi efetuado a partir de uma tipologia de vocábulos que expressam exatamente o valor do conjunto de pesos lexicais distribuídos nas 13 (treze) variáveis.

Tais itens de vocabulário podem ser definidos, segundo Camlong (1996), como:

Vocabulário Preferencial é aquele cujo emprego é significativamente excedente, ou seja, é objeto de escolha privilegiada de nossos atores – com peso lexical altamente positivo (possui uma força temática devido às suas qualidades particularmente apropriadas à composição do texto e do discurso);

Vocabulário Diferencial é um vocabulário de um emprego significativamente deficitário de nossos atores, ou seja, objeto de abandono ou rejeição – cujo peso lexical negativo é altamente significativo;

Vocabulário Básico é um vocabulário cujo peso lexical é centrado em torno da média reduzida a zero ($-2 < z < +2$). Distinguem-se: vocabulário fundamentalmente básico (entre $-1 < z < +1$) constituído por palavras nocionais fundamentais e que servem de suporte para a construção do texto;

Vocabulário Particular é aquele exclusivo de uma única variável. Dentre o vocabulário

particular destacam-se os hápax, que pertencem exclusivamente a uma única variável e ocorrem uma única vez em todo o *corpus*, caracterizando-se pela precisão da escolha de nossos atores e sendo essencialmente temáticos.

3.2.2.1 O processo de lematização

Após constituir as tabelas de frequência e a tabela de desvios reduzidos (TDFs e TDRs), assim como todo o conjunto de vocábulos de cada variável ter sido distribuído de acordo com a tipologia e vocabulários descritos acima, segundo o peso lexical, foram identificados os conjuntos de itens lexicais cujos campos semânticos e respectivos pesos lexicais remetiam às temáticas que eram objeto de nosso interesse para esse estudo. Tais itens foram reagrupados através da técnica de síntese, última fase de processamento do método Camlong, chamada lematização.

A lematização é uma técnica de síntese parcial do léxico que permite o reagrupamento de um conjunto de vocábulos (nomes, verbos, adjetivos e advérbios) a um tema para formar um novo vetor e pesá-lo, bem como determinar suas características (carga semântica, temática, retórica...) e o lugar que ele ocupa no corpus ou na variável.

A título de demonstração, vamos mostrar um pequeno recorte da nossa lematização a partir de um determinado conceito¹⁴.

LÉXICO	Freq.	Freq. Variável (1)	Valor do desvio reduzido
Decente	12	12	+5,42
Honesto	4	3	+5,61
Recompensa	2	2	+5,42
Amor	4	2	+3,57
Serviço	12	2	+2,64
Dignidade	9	0	0
recompensado	1	1	+3,83
TOTAIS	44	22	+26,49

QUADRO 3 – Tema: Trabalho decente

Fonte: Joseane Brito, 2007.

Os subtemas, lematizados a partir de recortes dos itens lexicais recenseados e descritos nas TDRs e TVLs, foram organizados em função dos campos semânticos (sentidos) aos quais tais itens lexicais remetem, a saber: aos conceitos que servem de suporte ao projeto TDC, já descritos anteriormente. Essas inter-relações e a constituição textual e discursiva deste trabalho serão discutidas a seguir na análise dos dados.

¹⁴ Esse é o recorte de apenas uma variável. Trata-se de uma demonstração do trabalho que fizemos com o método!

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

4.1 ESFERA DO TRABALHO: TEMAS DOS DISCURSOS DAS TRABALHADORAS EM FORMAÇÃO

Nesse capítulo iremos analisar os discursos das trabalhadoras domésticas, produzidos na esfera do trabalho, à luz dos conceitos bakhtinianos *enunciado e enunciação* (BAKHTIN, 2000), *ato e evento* (BAKHTIN, 1993a), *sujeito e alteridade* (BAKHTIN, 2000), *acento apreciativo*, e *tema e significação* (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004)

Os conceitos bakhtinianos já enunciados acima, e que também se encontram melhor descritos em nossa fundamentação teórica; são as categorias de análise que utilizamos nesse trabalho. Essas categorias, em resumo, significam o seguinte:

Enunciado e enunciação: Segundo Bakhtin (1997) toda palavra compreende o conceito e a designação do objeto; a expressividade; a imagem e a entonação valorativa sobre o objeto. Essa palavra é a interação social de três participantes, o locutor, o ouvinte e aquilo de que se fala, cujo significado social se realiza na enunciação concreta determinada pelas relações sociais.

Ato e evento: Para Bakhtin (1993a) tanto as ações físicas como as de ordem mental, emotiva, estética e tomadas em termos concretos e não somente cognitivos e psicológicos são consideradas como atos. Já o evento é a atualização desses atos entre sujeitos históricos e sociais.

Acento apreciativo: De acordo com Bakhtin e Volochínov (2004), toda enunciação traz em si uma “orientação apreciativa”. Essa orientação se realiza no momento da enunciação viva que contém um sentido e uma apreciação ao mesmo tempo. E é essa apreciação social que nos permite compreender a evolução histórica de um tema e das significações que o compõe.

Sujeito e alteridade (O “Eu” e o “Outro” no discurso): Segundo Bakhtin e Volochínov (2004), o homem constitui-se na relação com o outro, pois nenhum locutor quando fala está agindo sozinho. Nenhum enunciado é monológico ou neutro. Ele sempre está dado

num contexto sócio-histórico e cultural:

Tema e significação: O tema, segundo Bakhtin/Volochinov (2004), é um sentido de uma enunciação completa, o qual depende de uma situação histórica concreta no momento da enunciação.

Foram identificadas quatro temáticas enunciativo-discursivas na esfera de trabalho:

- 1- Identidade – temática que remete a questões conceituais e da vida prática relativas ao processo de formação da identidade da empregada doméstica, como categoria trabalhadora, e de seu reconhecimento social.
- 2- Trabalho decente – temática que remete a questões conceituais e da vida prática relativas ao significado de *trabalho decente* o qual pressupõe o direito a remuneração digna e o exercício desta atividade de trabalho em condições de liberdade, de igualdade e sem discriminação, de modo a garantir condições de vida digna às trabalhadoras.
- 3- Qualidade de vida – temática que remete a questões conceituais e da vida prática relativas ao significado de qualidade de vida que envolve aspectos como *capacidade de sobrevivência, trabalho, educação, sexualidade, direitos humanos, relações sociais e lazer*.
- 4- Empoderamento – temática que remete a questões conceituais e da vida prática relativas ao processo por meio do qual a empregada doméstica adquire controle sobre questões relativas aos seus interesses de categoria.

Vale salientar que os conceitos acima aludidos estão interligados e foram trabalhados sucessivamente durante a formação integrada, oferecida pelo projeto TDC, para valorizar o trabalho e a trabalhadora doméstica, visando a elaboração de uma política de Estado para este importante setor da sociedade brasileira.

4.1.1 De “Secretária do lar” a trabalhadora doméstica: a construção da identidade como categoria de trabalho

Nesse tópico, iremos descrever, analisar e interpretar, quantiquantitativamente, o diálogo estabelecido entre o discurso instaurado no projeto TDC e o discurso das trabalhadoras domésticas, em relação à temática identidade conforme ilustrado no Gráfico

1. O Gráfico 1 ilustra a lematização de palavras como *guerreiras, orgulho, lutadora, valor, identidade, dignidade, reconhecida, atenciosa, valorização, respeitada, profissão, profissional, cidadã, cidadania*, etc remetendo ao conceito de identidade na perspectiva profissional enquanto categoria trabalhadora

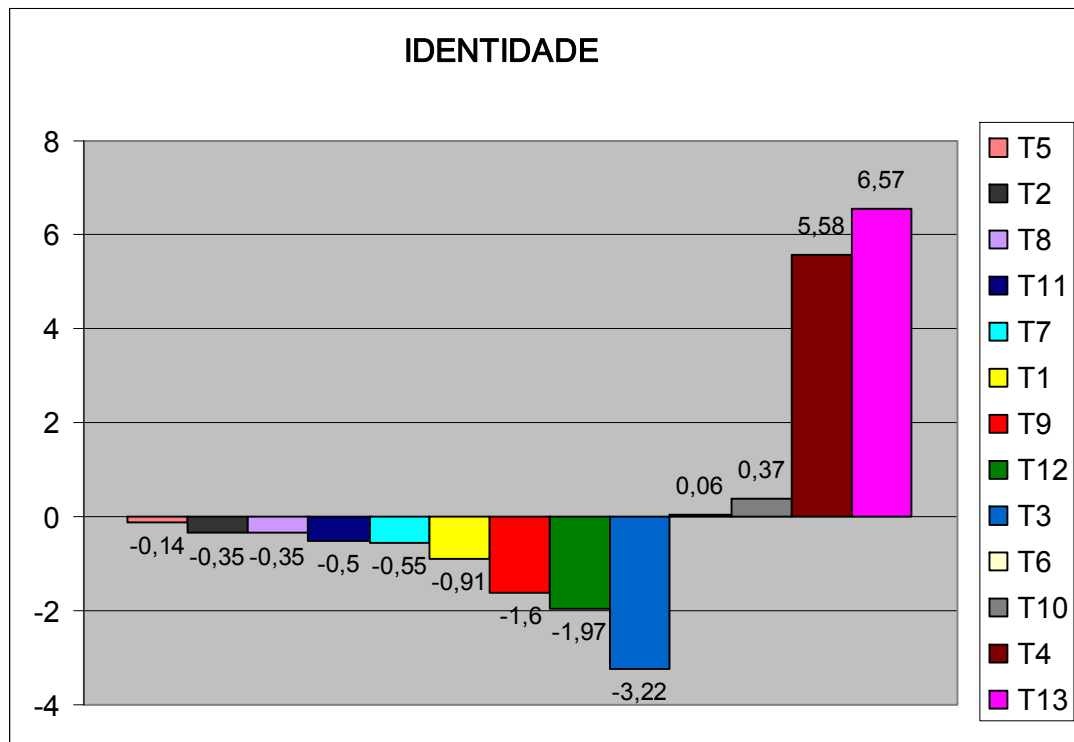


GRÁFICO 1 – Identidade

Fonte: Joseane Brito, 2007

Analisando quantiquantitativamente o Gráfico 1, podemos observar, numa primeira leitura, a arquitetura discursiva, em torno dessa temática, a qual pode ser visualizada a partir dos pesos que são atribuídos a cada uma das variáveis. Num primeiro bloco encontram-se as nove variáveis, dispostas em colunas seqüenciais, com tendência negativa, inseridas no vocabulário básico, com peso lexical próximo à média da escala “0” (com valor menor que -2), ou seja, aquele que dá suporte ao vocabulário diferencial no âmbito do discurso – T5(-0,14); T2e T8(-0,35); T11 e T7(-0,55); T1(-0,91); T9(-1,60) e

diferencial T3(-3,22), objeto de rejeição e descarte dos enunciadores. No segundo bloco, observamos que duas variáveis estão inseridas no vocabulário fundamentalmente básico, com tendência positiva – T6(0,06); T10(0,37), que dá suporte ao vocabulário preferencial e duas variáveis que estão inseridas no vocabulário do tipo preferencial, objeto de escolha privilegiada dos enunciadores, com peso lexical altamente positivo (T4 5,58); T 13 (6,57).

O conjunto de valores, positivos e negativos, dos dados acima descritos, sugere que os discursos das variáveis em questão são heterogêneos e que há uma oposição quantiquantitativa evidente entre os pesos das variáveis T3 (-3,22) e T4 (5,58) e T13 (6,57), as quais, por essa razão, serão objeto privilegiado de nossa análise. Esperamos que a análise qualitativa dos recortes discursivos abaixo possam elucidar estas diferenças observadas.

Trabalhadora doméstica pra mim é uma profissão como outra qualquer, tão digna quanto quanto um médico, um engenheiro, um advogado. (T4)

Os recortes discursivos da trabalhadora (T4) nos permitem observar que a questão da identidade está relacionada à esfera do trabalho com um acento apreciativo que demonstra uma tomada de consciência do valor da atividade que empregada doméstica exerce, nivelando-a a outras categorias profissionais comumente valorizadas socialmente, tais como o médico, o engenheiro e advogado:

Trabalhadora doméstica pra mim, é um serviço honesto, entendeu?que mais?(T3)

Trabalhadora doméstica pra mim é uma profissão como outra qualquer, tão digna quanto quanto um médico, um engenheiro, um advogado. (T4)

A partir da análise do recorte discursivo acima, podemos perceber a identidade dessa trabalhadora em relação ao seu trabalho ainda muito fragilizada, uma vez que precisa se colocar na esfera de comparação com outras atividades para poder valorizar o seu próprio trabalho.

Ao confrontar os discursos, entre as variáveis T3 e T4, observamos que a tendência negativa observada na trabalhadora (T3) (-3,22) é justificada pelo fato de não

apresentar, em relação à trabalhadora (T4) (5,58) quase nenhum vocabulário relativo ao conceito de identidade de trabalhadora doméstica em relação à questão profissional e, portanto, de categoria. A única referência que encontramos no discurso da trabalhadora(T3), referente a essa temática refere-se ao fato de ele ser um trabalho honesto. Podemos observar que o acento apreciativo da palavra “honesto”, em relação à palavra trabalho, aproxima-se mais do tema “Trabalho decente”, o qual trataremos a seguir, do que o tema em questão.

Trabalhadora doméstica pra mim é uma profissão como outra qualquer, tão digna quanto quanto um **médico**, um **engenheiro**, um **advogado**. (T4)

Comparando ainda as enunciações das trabalhadoras (T3) e (T4), podemos observar que essas enunciadoras têm conceitos diferentes acerca do que é ser trabalhadora doméstica. Observa-se também que há uma interação, um luta social, que se trava entre as trabalhadoras, seu discurso e o discurso do outro, no caso o discurso da formação.¹⁵ A comparação desses discursos permite-nos dizer que, na relação locutor-interlocutor o que importa não são as palavras ditas pelo interlocutor ou pelo locutor isoladamente, mas a interação que se trava entre os dois, ali é que as palavras confrontam-se num embate ideológico que se dá no centro na enunciação dialógica (BAKHTIN, 2002).

Ser atenciosa com os patrão. Eu acho. E dar **valor** à sua **profissão** né? (T13-1)

Ser reconhecida pra mim é a gente, a sociedade dar mais **valor**
Que a gente é uma classe ainda muito discriminada... (T13-2)

Se compararmos o discurso da trabalhadora (T3) - (-3,22) de tendência negativa com a variável de tendência altamente positiva da trabalhadora (T13) - (6,57), podemos observar, em relação a essa última, que o acento apreciativo dado ao aspecto *profissional* (profissão) recai no juízo de *valor* que a doméstica atribui à profissão, como também ao seu reconhecimento pela sociedade. Nesse recorte discursivo (*Vide-T13-2*), o efeito de

¹⁵ Para o TDC, identidade é “a soma de significados que estrutura a vida de um indivíduo ou de um povo; contudo, parte-se do princípio de que antes de qualquer coisa, a identidade não é única e sim múltipla.” (Projeto TDC, mimeo-1996)

sentido, de quem se percebe enquanto categoria não valorizada, é proporcionado pelo acento apreciativo da palavra “*discriminada*”. Em ambos os recortes de T13, acima referidos, há dois acentos apreciativos diferentes para a palavra “valor”. O primeiro acento da palavra “valor” está relacionado à valoração individual que a trabalhadora deve dar ao seu próprio trabalho; o segundo, está relacionado à valoração que o trabalho deve ter na sociedade. Observamos aqui um avanço no processo de formação de T13, uma vez que ela recupera o discurso do projeto TDC, o qual objetiva promover a reflexão das trabalhadoras acerca do valor social do trabalho¹⁶. Podemos então dizer que, nesse caso, a consciência é despertada pelo *outro*, pela palavra alheia e está sempre em movimento no intervalo do diálogo. O diálogo estabelece, assim, uma transformação na visão dos sujeitos quando submetidos às pressões sociais e ideológicas. (BAKHTIN, 2000, p.378). É esse discurso de valorização social do trabalho da doméstica, presente na formação, que mobiliza as posições intersubjetivas da trabalhadora (T13) em relação a seu próprio discurso.

Ser reconhecida pra mim é a gente, a sociedade dar mais **valor** à gente Que a gente é uma classe ainda muito discriminada. (T13)

[...] eu acho que... ser mais **respeitada**...e... não sei... ser **reconhecida** na sociedade. Eu não acho não! Acho que um salário (T8)

No discurso da trabalhadora (T13), podemos observar que essa enunciadora, no recorte discursivo abaixo, atribui, à palavra *valor*, um acento apreciativo que recai na falta de reconhecimento da sociedade ao trabalho doméstico. Acento apreciativo semelhante pode ser observado no discurso da trabalhadora (T8), quando diz que a trabalhadora doméstica precisa ser mais *respeitada* e *reconhecida* na sociedade. Podemos observar que ambos os recortes discursivos, acima, dos enunciadores (T13) e (T8), entram em relação dialógica ao recorrerem a um tema comum, o da *desvalorização dessa profissional na sociedade*.

¹⁶ “a questão identidade, para as trabalhadoras domésticas, coloca-se como um processo de apropriação crítica da formação de sua identidade ao longo da sua história de trabalho, apontando para um processo de desconstrução crítica dos resquícios de escravidão de gênero e raça.” (Projeto TDC – mimeo- 1996)

No recorte discursivo a seguir, a trabalhadora (T13) relaciona a questão do trabalho à formação profissional como uma forma de promover um trabalho mais qualificado e *responsável*. E, ao fazer isso, o enunciador expressa uma relação da identidade social das trabalhadoras domésticas enquanto categoria que precisa se profissionalizar. Isso pode ser observado através do uso de palavras como *ensinar, direito e responsável*. Esse recorte nos permite dizer que a trabalhadora (T13) acredita na formação, via sindicato, como uma forma de viabilizar um trabalho doméstico mais qualificado:

Eu acho que precisa porque hoje tem muitas domésticas que não tão trabalhando **direito**. Eu já vi umas pessoas falando que o sindicato devia chamar essas meninas pra fazer assim um recrutamento, sabe? Pra **ensinar** ela a como fazer as coisas porque hoje ta muito difícil empregada que seja **responsável** pelos seus trabalhos.
(T13)

A partir da análise dos recortes dos enunciadores T6(0,06); T10(0,37); T5(-0,14); T2 e T8(-0,35); T11 e T7(-0,55); T1(-0,91); T9(-1,60), os quais tiveram a representação desse tema no vocabulário do tipo básico, que dá suporte à construção do texto, pudemos fazer algumas observações:

1 No discurso da trabalhadora (T5), foram observadas apenas três palavras relativas ao tema, a saber: “empregada”, “doméstica” e “identidade”. A questão da identidade, para esse enunciador, em relação ao trabalho por ele desempenhado na sociedade, era inicialmente valorado como algo negativo. A trabalhadora (T5) negava que era doméstica quando alguém lhe fazia perguntas sobre a sua profissão:

Trabalho-doméstico é você trabalhar, tomar conta dos filhos dos patrões não negar a **identidade** feito eu fazia isso. Antigamente, uma pessoa perguntava a minha profissão e eu não dizia que **era** doméstica.”(T5).

No mesmo recorte discursivo da trabalhadora (T5), observamos, ainda, uma mudança de valoração, expressa no acento apreciativo da palavra *identidade*, conferido pelo seu autoreconhecimento como categoria profissional:

1.1 Ao passar pelo processo de formação, essa valoração negativa adquire um outro sentido para esse enunciador. A partir da observação do recorte abaixo, podemos

observar que ela faz referência ao curso e à palavra da professora em relação ao fato de as trabalhadoras domésticas negarem a sua identidade enquanto profissionais:

Feito o curso que a gente teve com a professora Virgínia, ela sempre dizia pra gente que a gente não deve falar sobre a **identidade**, feito por exemplo eu negava que era doméstica. (T5)

Observa-se aqui claramente a citação do discurso do “outro”, no caso, a trabalhadora retoma o discurso da professora e aponta para uma modificação da sua visão em relação a sua identidade enquanto trabalhadora doméstica. Essa citação do discurso do “outro”, segundo Bakhtin (2000, p.318), possui uma expressão dupla, a do outro e a do enunciado que o acolhe. Há nessas situações uma inter-relação dialógica que se estabelece através da citação aberta do enunciado do outro.

1.2 Acerca das observações feitas na análise do recorte discursivo da trabalhadora (T5), retomamos Hall (2002, p.17) quando sugere que as identidades são cada vez mais fragmentadas e fraturadas, nunca singulares, mas construídas nos diferentes discursos, práticas e posições. Elas estariam sujeitas a um processo histórico de mudança e transformação. Observa-se, assim, na enunciação da trabalhadora (T5), uma contra palavra em relação à temática trabalhada pelo TDC, em relação à palavra da professora do projeto, numa relação dialética, em que as palavras do outro se tornam as minhas palavras, momento em que vou me apropriando delas. (BAKHTIN, 2002)

2 Para a trabalhadora (T12)-(-1,97), o trabalho doméstico é considerado um serviço como outro qualquer e que precisa de uma qualificação para atender ao mercado de trabalho, porque envolve outros tipos de serviços não característicos das funções de uma doméstica, como por exemplo, *pagamentos*. Isso pode ser observado pelo uso da partícula de realce *até*:

Mas como o mercado de trabalho hoje tá cada dia mais exigente, ele tá exigindo a **empregada doméstica** ela tenha pelo menos conhecimento básico de como atender um telefone, fazer determinadas anotações, fazer **até** tipo como eu falei pra você que eu já fiz isso antes, **pagamentos** fora, ir a determinados locais que essa última casa onde eu passei quase onze anos eu fazia isso. Eu saía, não ficava só lá. Quando eles precisavam que eu me deslocasse pra fazer **pagamentos**.(T12)

A relação estabelecida entre as palavras *identidade, formação e exigências do mercado de trabalho*, que encontramos no discurso da trabalhadora (T12), vem corroborar com a idéia de Garcia (2005:50) em seu artigo “Las nuevas formas de organización del trabajo: obstáculo para la construcción de una identidad” quando sugere que as novas formas de organização do trabalho, em tempos e espaços diferentes, têm impacto sobre a construção da identidade. Isso significa dizer que a trabalhadora (T12) está consciente do papel da trabalhadora domésticas frente às exigências do mercado de trabalho e, por isso, precisa redefinir a sua identidade enquanto trabalhadora doméstica qualificada para várias funções na sua esfera de atividade.

3 Quanto à trabalhadora (T6), ao responder à primeira pergunta de nossa pesquisa: *Para você o que é ser trabalhadora doméstica?* responde:

Essa foi a **profissão** que eu **tive** na vida! Porque eu **não** estudei. (T6)

Parece que a trabalhadora T6 não teve outra escolha a não ser seguir essa profissão. Isso pode ser observado também em outro trecho de seu discurso, no qual retoma o que dissera antes, dizendo que a trabalhadora doméstica está nessa profissão porque não estudou e por isso não pode escolher.

Trabalha porque não teve oportunidade de fazer um outro serviço, como eu já disse antes de fazer outra profissão. Não **estudou** isso é que foi ruim e tá sendo ainda muito ruim. Quem é empregada, empregada doméstica não **escolhe**. Ninguém nunca fez uma faculdade pra ser empregada doméstica, só vai pela uma condição que **impõe**” (T6).

[...] Trabalhadora-doméstica pra mim é um trabalho **sacrificado**. Que a gente tem que sair de sua casa pra cuidar da casa de outras pessoas e ter... e mesmo assim tem **empregador** que não valoriza o trabalho da gente. Trata a gente como **lixo**.(T10-1)

Comparando o recorte discursivo da trabalhadora T6(0,06) com o da trabalhadora

T10(0,35), ambos inseridos no vocabulário de uso comum, com tendência positiva, observamos que o trabalho doméstico tem um acento apreciativo negativo, quando a trabalhadora (T6) diz que ser trabalhadora doméstica é fazer um trabalho sacrificado e ainda não receber nenhuma valorização, porque há empregadores que a tratam como *lixo*.

Ao comparar os recortes discursivos das trabalhadoras T6 e T10, observa-se que ambos os enunciadores não consideram o trabalho como uma atividade profissional e sim como algo que se faz por não se ter outra opção ou por *sacrifício*. Observa-se também que essas enunciativas tem a sua identidade enquanto categoria de trabalho um tanto fragilizada, quando dizem que fazem esse trabalho porque não havia outra coisa a fazer e/ou que nem precisam estudar ou se qualificar para poder realizá-lo. Nesse mesmo recorte da trabalhadora (T10-1), observa-se o acento apreciativo negativo que o eu - enunciador tem, em relação à visão do trabalho, pelo olhar do outro - empregador, dessa outra voz que habita o seu discurso e que expressa a desvalorização social do trabalho dessa categoria. Assim, poderíamos dizer, com Bakhtin, que a palavra não designa meramente um objeto como uma entidade pronta, mas também expressa por sua entonação, uma “atitude valorativa” em direção ao objeto, sobre o que é desejável ou indesejável nele, colocando-o em direção ao que ainda está para ser determinado nele, tornando-se assim “um momento que faz parte do evento vivo em processo” (1993 a, p. 33)

[...] uma trabalhadora-doméstica é uma pessoa ser **responsável**. Ser muito **responsável** no que está fazendo. Ser **atenciosa** com os patrão. (T13)

Ela precisa ser **educada**, ser discreta, muitas vezes trocam confiança a ela... ela tem que (T8)

4 Comparando os recortes discursivos da trabalhadora T13 com o da trabalhadora T8, acima, observa-se que a identidade da doméstica está vinculada a um trabalho profissional em relação ao relacionamento que têm com os empregadores. As palavras *responsável*, no discurso de T13, e *educada* no discurso de T8, portam o acento apreciativo de que a identidade da doméstica estaria vinculada à responsabilidade que elas têm ao exercerem

o seu trabalho. Já as palavras *atenciosa*, no discurso da trabalhadora T13, e *discreta*, no discurso enunciado por T8, denotam um bom relacionamento interpessoal entre empregadas e empregadores. No discurso da trabalhadora (T8), mais especificamente no trecho “*muitas vezes trocam confiança a ela*”, percebe-se uma relação ainda mais profunda entre empregadora e empregada, trazendo a realidade denunciada no discurso do Sindicato quando diz que a empregada é tratada como pessoa da família e não como uma trabalhadora. Por receber e aceitar esse tratamento, muitas vezes a trabalhadora doméstica tem os seus direitos suplantados em nome de uma “suposta” relação familiar.

Os dados acima descritos, em relação à temática da *Identidade*, revelam como muito bem pontua Garcia (2005), que as identidades e as alteridades são construções intelectuais que se confirmam em seu caráter relacional e se afirmam na singularidade e na diferença ao mesmo tempo. Os discursos enunciados pelas trabalhadoras analisadas aqui nos permitem afirmar que elas:

- a) reconhecem o valor social do seu trabalho comparando-o a qualquer outra profissão exercida na sociedade, demonstrando assim a fragilidade no seu próprio reconhecimento, ou seja, precisa comparar-se a uma outra categoria de trabalhadores para poder se auto-afirmar enquanto classe trabalhadora;
- b) apropriam-se do discurso da formação ao dizer que as trabalhadoras precisam se adequar às novas necessidades do trabalho e exercê-lo de forma mais qualificada;
- c) exigem que o seu trabalho seja valorizado e respeitado
- d) demonstraram uma apreciação valorativa negativa acerca do trabalho doméstico porque ambos os enunciadores acreditam que o trabalho doméstico não é algo valorado socialmente, e por isso não precisa de qualificação para ser exercido. (duas variáveis com vocabulário de tendência negativa), pois é feito por quem não teve outra opção. Esse discurso da desvalorização é o mesmo reproduzido socialmente nas relações entre empregadores e empregadas domésticas.
- e) uma das variáveis relaciona o seu trabalho a uma relação interpessoal íntima com o seu empregador, trazendo um discurso contrário ao da formação o qual objetiva conscientizar a categoria acerca da sua profissão remunerada dizendo que elas

não podem ser tratadas como uma pessoa da família porque isso afrouxaria as relações empregatícias exercidas na esfera dos direitos do trabalho.

A síntese dos dados acima sugerem que a identidade se constrói nesse espaço e também num lugar que habilita e permite a sua existência. Trata-se, pois, de uma construção efetiva de um sujeito social e individual capaz de administrar e organizar as diferentes dimensões da experiência coletiva e das singularidades que essa vai configurando. Observa-se também a fragilidade dessa construção identitária que ora se alterna entre a visão que se tem enquanto categoria de trabalho em relação a outras categorias, ora vê-se como alguém que é valorizada enquanto categoria de trabalho porque é alguém em que se pode confiar considerando assim a possibilidade de “ser alguém da família” por exercer seu trabalho na esfera familiar.

4.1.2 O trabalho doméstico não é decente por quê? É um trabalho decente sim!

Nesse tópico propomo-nos a descrever, analisar e interpretar, quantitativamente, o diálogo entre o conceito “Trabalho Decente”¹⁷ do TDC e o discurso das trabalhadoras domésticas, conforme ilustrado no Gráfico 2

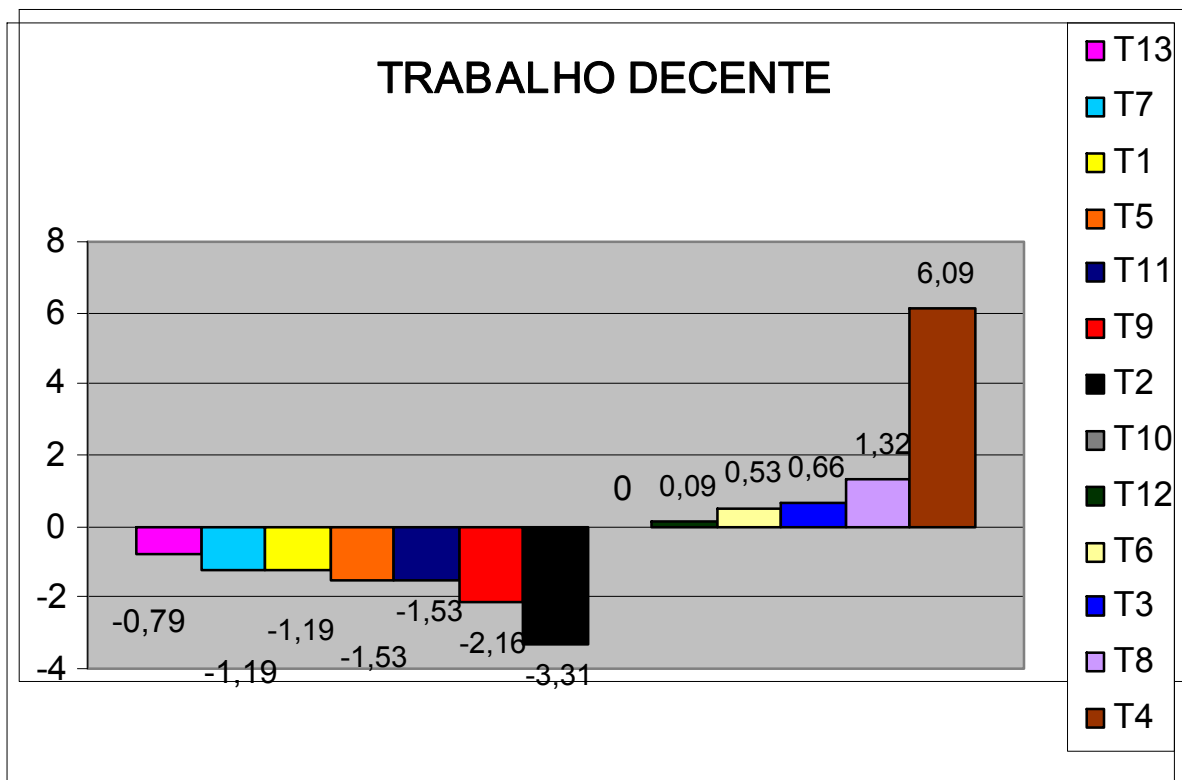


Gráfico 2 – Trabalho Decente

Fonte: Joseane Brito, 2007

O Gráfico 2 ilustra a lematização dos itens lexicais *reconhecido*, *decente*, *sobrevivência*, *dinheiro*, *confiança*, *dignidade*.

¹⁷ Trabalho decente foi um conceito bastante discutido pelo projeto de formação com as trabalhadoras. Decente, nessa classificação, seria um trabalho realizado em igualdade de direitos. Essa nomenclatura se deve também ao fato de que o trabalho doméstico historicamente não é reconhecido pela sociedade.

Analisando quantiqualeitativamente este Gráfico podemos observar, numa primeira leitura, um primeiro bloco com sete variáveis dispostas em colunas seqüenciais, com tendência negativa, inseridas no vocabulário básico, com peso lexical próximo à média de escala “0”, (com valor menor que -2), ou seja, aquele que dá suporte ao vocabulário diferencial no âmbito do discurso – T13(-0,79); T7e T1(-1,19); T5 e T11(-1,53); e diferencial, T9(-2,16) e T2(-3,31), objeto de rejeição e descarte dos enunciadores. No segundo bloco observamos a Variável T4, que está inserida no vocabulário do tipo preferencial, objeto de escolha privilegiada dos enunciadores, com peso lexical altamente significativo (6,09). Os pesos desta temática, em relação às demais variáveis, encontram-se inseridos no vocabulário básico com tendência positiva T8(1,32); T3(0,66); T6(0,53), com exceção de T10, cujo peso lexical encontra-se localizado na mediana zero (0) no gráfico 2, sugerindo a ausência do tratamento dessa temática pelo enunciador.

O conjunto de valores positivos e negativos dos dados acima descritos sugere que os discursos das variáveis em questão são heterogêneos e que há uma oposição quantiqualeitativa evidente entre os pesos dos discursos das trabalhadoras T10(0), T4(6,09) e T12(-3,31), as quais, por essa razão, serão objeto privilegiado de nossa análise. Esperamos que a análise qualitativa recortes discursivos abaixo possa elucidar estas diferenças de peso observadas, ou seja, se há alguma relação entre os valores dos pesos observados nas variáveis – positivos (vocabulário de predileção) e os negativos (vocabulário de rejeição ou descarte) – e a compreensão responsiva ativa ou não dessas variáveis, relativa ao discurso contido no projeto TDC o qual trata do conceito trabalho decente, apoiando-se na análise dos problemas, contradições, ambigüidades, conflitos e possibilidades de trabalho.

O primeiro recorte discursivo da trabalhadora T4(+6,09), abaixo, permite-nos observar que o acento apreciativo da trabalhadora, em relação ao valor social do seu trabalho, recai nas palavras *confiança* – que a patroa tem na trabalhadora doméstica – e o segundo em *dignifica* – referindo-se ao trabalho e à *dignidade*. Não obstante, no primeiro caso, a palavra *confiança* não representa um sentimento que, vindo de dentro para fora, significa auto-estima, mas algo que, vindo de fora para dentro, ou seja, vindo de um *outro*, para ser internalizado pelo *eu*, representa a introjeção de outros discursos que circulam socialmente. Uma empregada de confiança é aquela que não rouba, que não é desonesta.

Então, ao assumir e apenas reproduzir o discurso de que se trata de um “trabalho de confiança”, ela demonstra que ainda não tem uma compreensão responsiva ativa sobre esta questão que foi trabalhada na formação do TDC, conforme ilustrado no exemplo abaixo:

Porque envolve toda uma questão de **confiança** né, você tá dentro da casa, convivendo com as pessoas, a pessoa bota você dentro da casa dela, então tem que ter aquela **confiança**, né? E... é um trabalho decente sim, muito decente (T4-1)

No entanto, este mesmo enunciador, em outro enunciado abaixo, parece assumir o discurso do curso de formação quando trata do tema *dignidade*, sendo capaz de, não apenas reproduzi-lo, como também de re-elaborá-lo. A dignidade estaria relacionada à remuneração e independência financeira.

Significa **dignidade** porque a pessoa que trabalha é... tem o seu **dinheiro**, tem autosuficiente, em a sua independência financeira. Trabalho é uma frase que eu escuto desde criança que o trabalho **dignifica** o homem. No caso o ser humano né? (T4-2)

Para fazermos a afirmação acima, fizemos um recorte do discurso da formação encontrado numa coletânea de textos sobre o assunto Trabalho Decente¹⁸:

Para a OIT, Trabalho Decente significa um trabalho adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, livre de quaisquer formas de discriminação e capaz de garantir uma vida digna a todas as pessoas que vivem de seu trabalho. (p.12)

Os dados descritos acima sugerem que a compreensão de um enunciado, de um discurso, não se dá, como já havia observado Bakhtin (1997a), de forma linear e direta. Ao contrário, a compreensão de um enunciado, de um discurso, pelo ouvinte, pressupõe a adoção de uma atitude *responsiva ativa*, ou seja, é feita de concordâncias e discordâncias, de complementações, de adaptações, etc, num processo de elaboração e re-elaboração

¹⁸ (Texto extraído do caderno Trabalho Doméstico e Igualdade de Gênero e Raça: desafios para promover o Trabalho Decente no Brasil (Organização Internacional do Trabalho – OIT) – Texto retirado da coletânea de textos relativa ao tema trabalho decente, encontradas no caderno da educanda. – p.12 - Produzido pela PLANSEQ. VERSÃO PRELIMINAR – março -2006

constante. Em relação aos recortes enunciativos acima descritos observamos que o processo de compreensão responsiva ativa é desencadeado no diálogo que se instaura entre diversas consciências: do *eu - empregada doméstica* e dos *outros - empregadores - Central Única dos Trabalhadores*. No primeiro exemplo (T4-1), os enunciados do eu - empregado doméstico polemizam com enunciados anteriores, do *outro-empregadores-CUT* e não simplesmente os duplicam em sua consciência: se assim fosse, ainda que o enunciado do *outro* tenha encontrado eco em sua consciência verbal, ao estabelecer uma relação conflituosa com o significado da palavra “confiança”, no âmbito da relação empregado-patrão, não seria capaz de elaborar, com o fez, a compreensão de que o trabalho doméstico é “decente, muito decente.” Assim, os enunciados proferidos pela trabalhadora T4 não parecem ter, em relação ao discurso de formação, uma compreensão passiva. Não se trata de um discurso que é reproduzido como uma cópia, mas um discurso responsivo em relação ao discurso do *outro*, pois, como pondera Bakhtin (1997a, p.291), “o que foi ouvido ou compreendido de modo ativo *encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte.*”

Com relação aos itens lexicais lematizados, *dignidade, dinheiro e dignifica*, retirados do exemplo ilustrado acima (T4-2), os quais inserem esta temática no vocabulário preferencial de tendência altamente positiva, podemos observar que estão em relação dialógica com o conceito de as *condições decentes de trabalho*, preconizado no projeto TDC. Podemos observar, pois, que os discursos de T4 são atravessados por discursos outros os quais expressam posicionamentos ideológicos opostos: 1) o da classe empregadora, que, ao mesmo tempo em que diz explicitamente: “você merece a minha confiança e pode, pois, estar na minha casa”, (Vide discurso da trabalhadora T4-1) está, implicitamente, afirmando que a categoria das empregadas domésticas nem sempre é merecedora de tal sentimento e que a empregada que recebe tal crédito deve ser agradecida ao patrão; e 2) o do TDC o qual defende que tal trabalho deve oferecer meios para que o trabalhador possa ter condições de liberdade, igualdade e sem discriminação, com direito a uma remuneração digna. Tais conceitos, expressos pelo TDC, em nada se relacionam com sentimentos como “gratidão”, “subserviência”, “intimidade”. A respeito desta possibilidade que toda a palavra tem de registrar as mais imperceptíveis modulações

ideológicas que perpassam as relações sociais, como no caso do exemplo anterior, lembramos Bakhtin e Volochínov (2004, p. 41) quando sugere que:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais, mesmo daquelas que despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho por sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (...) A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.

A plurivocalidade que podemos observar nas palavras enunciadas por T4 evidencia um atributo que é inerente a todo ser humano: a inconclusividade, o inacabamento, o nosso permanente processo de vir-a-ser. A palavra desse enunciador não está pronta e acabada e nem é proveniente de uma mesma fonte: ao contrário, é atravessada por diferentes índices de valores ideológicos. Considerando-se que o discurso proposto pela formação, via TDC, é o de que o trabalho decente é aquele que deve ser valorizado socialmente, com boas condições de trabalho, qualificação e salário, observamos a recuperação desse discurso nos recortes discursivos da trabalhadora T4, cujo acento apreciativo reforça a idéia de que a dignidade do trabalho está associada ao valor material *dinheiro* que lhe é atribuído (T4. 2). Observa-se nessa análise um entrecruzamento dos discursos que não se confirmam e nem se completam, mas que se encontram em relação dialógica a medida que tratam de uma mesma temática, embora sob valorações ideológicas distintas.

Comparando-se os recortes discursivos da trabalhadora T4, acima descritos, com os de T8(+1,32), que transcrevemos abaixo, observa-se que os significados, atribuídos por ambos, ao conceito *trabalho decente*, são diferentes:

(...) um trabalho **decente**, mas não vamo dizer que toda classe... respeite esse trabalho não, viu! Porque tem muitas patroa que não **respeita** os direitos da empregada. Eu conheço mesmo colegas minha de trabalho que ganha R\$ 150,00 pra sobreviver. (T8-1)

(...) meu caso. onde eu trabalho, **respeitam** meu trabalho, me pagam tudo direito. Salário, décimo, férias. Tudo direitinho, mas eu vejo muitas de minha classe que não respeitada não, não são **reconhecido** o trabalho delas. (T8-2)

(...) é porque emprego de empregada doméstica não é. um emprego **reconhecido** ainda não! Tão **reconhecido** não, né?! (T8-3)

Eu espero que esse novo governo aí, antes faça o fundo de garantia, né? Que aí sim foi **reconhecido** o trabalho doméstico! (T8-4)

Podemos observar que, enquanto para trabalhadora T8 (vide recortes T8-1 e T8-2) o acento apreciativo da palavra *decente*, referente ao do trabalho da doméstica, está vinculado ao reconhecimento que vem do empregador quando este remunera bem a trabalhadora e a respeita enquanto categoria de trabalho, concedendo-lhe todos os seus direitos trabalhistas –“respeitam meu trabalho, me pagam tudo direito. Salário, décimo, férias. Tudo direitinho” –, para a trabalhadora T4, esse trabalho só é *decente* porque a trabalhadora doméstica goza da confiança do empregador: “porque envolve toda uma questão de confiança né, você tá dentro da casa, convivendo com as pessoas, a pessoa bota você dentro da casa dela, então tem que ter aquela confiança.”. Observa-se aqui que T8 não apenas tem consciência de que um trabalho decente só é possível diante do reconhecimento dos direitos do trabalhador (T8-2; T8-3) como também tem consciência que esses direitos ainda não estão sendo cumpridos de forma efetiva: “Eu espero que esse novo governo aí, antes faça o fundo de garantia, né? Que aí sim foi reconhecido o trabalho doméstico!” (T8-4). Comparando-se o discurso da trabalhadora T8 com o discurso de formação do projeto TDC¹⁹, pode-se verificar que o discurso dessa trabalhadora projeta-se para o futuro, para um *dever*²⁰. A marca lingüística desse *dever*, no discurso da trabalhadora T8, presentifica-se através do verbo “esperar” que o governo garanta o direito ao FGTS de forma obrigatória. Para esse enunciador é preciso reivindicar direitos já garantidos a outros trabalhadores: o FGTS. Direito que, pela lei vigente, só é concedido às empregadas domésticas se os empregadores optarem por depositá-lo. A trabalhadora T8 demonstra, assim, ter a consciência de que os direitos existem e o trabalho doméstico só poderá ser valorizado se eles forem garantidos a todas

¹⁹ Para o projeto TDC, “os desafios da qualificação social e profissional das trabalhadoras domésticas remetem para a aprendizagem e exercício da cidadania, no sentido também de aprender: a exercer direitos; a organizar-se; a negociar; a valorizar a sua própria história...” (Projeto TDC – mimeo, 1996)

²⁰ Bakhtin (1997, p. 139) sugere que a vivência de memória ativa que se exerce no nível dos valores do objeto e do sentido pré-dado, e não no nível de seu conteúdo atual, isolado daquilo que havia pensando sua emergência no “eu”. Dessa maneira, há um renovo, indefinido em relação ao pré-dado em cada uma das vivências do “eu”, as quais são juntadas todas ao futuro desse “eu” no que está “por-vir” e não no passado.

as trabalhadoras domésticas (Vide T8-4). Este ato enunciativo da trabalhadora (T8), nos exemplos de recortes discursivos acima descritos revelam, pois, um horizonte social orientado para o futuro. Relacionando esse ato da trabalhadora (T8) com a teoria bakhtiniana, observamos que ele (BAKHTIN, 1997a) diz que o ato se insere no mundo cujo futuro é presumido internamente, ou seja, tem o seu objetivo situado no futuro, cujo plano de realização futura “desagrega o corpo das coisas na sua atualidade. Todo o horizonte da consciência física fica impregnado e dissolvido em sua estabilidade pela presunção da realização futura.” (BAKHTIN, 1997a, p. 63)

[...] seus direitos garantidos e anda pela lei. Ah, é... É **sacrificado** né? Porque a pessoa trabalhar, começar a trabalhar como empregada doméstica desde cedo é um trabalho **sacrificado** porque tem que pegar de sete da manhã (...) (T10-1)

Trabalho é alguma coisa que a gente tem que se **esforçar** a fazer né? Não é aquela coisa que a gente que nem a gente vai pra uma firma só pra assinar papel, não é trabalho. Trabalho é esse que a gente faz. É lavar, passar, cozinhar, todo santo dia. (T10-2)

Ao confrontarmos as escolhas lexicais dos enunciadores T8 e T10, com base nos recortes discursivos acima, podemos observar diferenças mais sutis no tipo de vocabulário que constitui seus discursos. Enquanto a trabalhadora (T10) utiliza-se do vocábulo *sacrificado*, cuja ocorrência é exclusiva dessa entrevistada, portanto uma escolha refinada do enunciador, no discurso da trabalhadora (T8) a escolha recai no vocabulário do tipo preferencial *reconhecido*, considerando o trabalho como algo que tem valorização social a partir da concessão dos direitos. Já no discurso enunciado por T10, o conceito “trabalho decente” é ressignificado em relação a um discurso já instituído na esfera social de que trabalho que não necessita de qualificação, é *sacrificado* e demanda *esforço* para a sua realização.

O acento apreciativo que a trabalhadora (T10) confere à palavra é diferente daquele do discurso da formação. Enquanto que o conceito “Trabalho decente”, para o TDC, está relacionado a um trabalho valorado socialmente nas esferas dos direitos trabalhistas, para a trabalhadora (T10 - Vide T10-1), o trabalho é visto como um sacrifício. Essa luta ideológica que se trava entre a palavra do TDC e a palavra de T10 se dá no confronto, das

vozes sociais que atravessam esses discursos, a saber: o da valorização social do trabalho doméstico promovido pela formação e o da desvalorização sociohistórica desse trabalho na sociedade.

Ao analisar o recorte discursivo da trabalhadora T2, abaixo, esse último cujo peso do conjunto do vocabulário lematizado, em relação a essa temática, é deficitário e objeto de rejeição (-3,31), por parte do enunciador, observamos que para T2, o conceito de *trabalho decente* é explicitado de forma pouco precisa, sendo associado inicialmente ao orgulho, à saúde e à vitalidade, para só depois referir-se à idéia de cidadania. Observa-se, pois, que a compreensão, desse enunciador, acerca do significado de *trabalho decente* difere da visão do sindicato cuja compreensão é a de *um trabalho que deve ser valorizado socialmente*.

Trabalho?saúde, orgulho e... é um sinal de que eu tô **viva**. É com certeza. Porque me faz uma **cidadã**. (T2)

Em T9 também se observa que o peso (-2,16), referente ao conjunto de itens lexicais lematizados para esta temática, é objeto de descarte por parte do enunciador, o que, em termos qualitativos, é traduzido, a exemplo de T2 (-3,31), por uma escolha lexical pouco precisa em relação ao conceito de *trabalho decente* cujo acento apreciativo está associado à outras questões, como *sobrevivência* e *sustento*. Além disso, outros acentos apreciativos valorativos são associados à decência do trabalho, o qual é comparado, através da negação, a atos marginais: “a gente não rouba”, “a gente não mata”, chegando-se à conclusão que este trabalho, em não se constituindo em delito, “é decente”.

[...] como doméstica não. Trabalho pra mim é se **manter**, se **sustentar**, entendeu? Trabalhando a gente ter o que a gente precisa né? Porque é trabalho! Não é decente por quê? A gente não **rouba** a gente não **mata**, a gente trabalha! E como trabalha! É decente (T9)

Ao analisar o recorte discursivo da trabalhadora T3, abaixo, cujo peso lexical (+0,66) insere essa temática no vocabulário básico, de uso comum, observamos que o conceito de *trabalho decente* ainda permanece vinculado a valores como a honestidade, para só depois ser vinculado à idéia do direito de ter uma carteira de trabalho assinada. O discurso

de T3 está, pois, atravessado pela idéia do *senso comum* de que trabalho decente é trabalho *honesto*. O *trabalho decente* estaria, assim, vinculado a um valor socialmente reconhecido – a de que todo o trabalho é digno – e não á idéia de direitos adquiridos socialmente pelos trabalhadores enquanto categoria *trabalhadora*.

O trabalho doméstico pra mim é um serviço **honesto** e... pronto, é um serviço **honesto**. (T3)

Cabe ressaltar que, contrariamente à idéia acima, postulada pelo *senso comum*, a cidadania social, elaborada no séc. XX, e definida preponderantemente pelos direitos credores, como direito ao trabalho, à *saúde*, à *proteção social*, etc, garantidos pelo Estado, confere um conteúdo concreto à noção de cidadania, como assegura Schnapper (2000, p. 109):

as condições materiais que asseguram a dignidade de cada um é hoje um direito do cidadão ao qual a sociedade democrática, em função de seus princípios, sobre os quais ela funda sua legitimidade, terá de responder.

Podemos observar nos recortes discursivos das trabalhadoras T9 e T3 o retorno a um discurso atravessado por outros que circulam socialmente: o discurso de que o indivíduo só tem dois caminhos na vida: ou trabalha honestamente ou vai ser marginal:

[...] como doméstica não. Trabalho pra mim é se **manter**, se **sustentar**, entendeu? Trabalhando a gente ter o que a gente precisa né? Porque é trabalho! Não é decente por quê? A gente não **rouba** a gente não **mata**, a gente trabalha! E como trabalha! É decente (T9)

O trabalho doméstico pra mim é um serviço **honesto** e... pronto, é um serviço **honesto**. Que ele recompensa, recompensa sim. A partir do momento que a gente tem a nossa carteira (T3)

Em T9, observa-se não apenas a heterogeneidade de vozes, mas um conflito entre elas, assim como foi verificado em T4 (cf. análise feita anteriormente na página 97), ao falar da confiança que a patroa deposita na trabalhadora doméstica, os discursos são

sustentados por ideologias que se opõem (a do curso de formação e o do preconceito social que a categoria enfrenta em relação à valorização do seu trabalho). Como diz Bakhtin (2000), nenhum comportamento verbal do ser humano (interior ou exterior) pode ser atribuído a um sujeito que age isoladamente. O conflito é marcado pela entonação avaliativa presente na pergunta: “Não é decente por quê?” O que vem a seguir é uma série de afirmações que, ao mesmo tempo em que traduzem aquilo que, para T9, dignifica o trabalho doméstico – “não roubar”, “não matar” –, ratificam o discurso do preconceito da categoria enraizado socialmente de que trabalho decente é aquele que é honesto.

A diversidade de acentos apreciativos expressos em relação à temática *trabalho decente* não apenas é verificada no interior do discurso de um mesmo enunciador, mas também e, principalmente, entre os discursos de diferentes enunciadores, ou seja, das empregadas que participaram do curso de formação do projeto TDC.

Os dados acima descritos, em relação à temática *trabalho decente*, sugerem que:

- a) A compreensão responsiva de T4 evidenciou, através do embate dialógico de seus diferentes acentos apreciativos, em relação ao conceito trabalho decente, a complexidade do processo de formação da consciência pretendida, pela CUT, com o curso de formação destinado às empregadas domésticas;
- b) O conceito de *trabalho decente* é relacionado à questão financeira e à sobrevivência;
- c) Há o reconhecimento da existência dos direitos trabalhistas conquistados pela categoria e também a compreensão de que estes, na prática, ainda não são garantidos a elas de forma efetiva;
- d) Ainda subsistem juízos de valor controversos acerca da qualificação do trabalho doméstico: de um lado, que o trabalho é algo que não necessita de qualificação e, de outro, que é qualificado e exige esforço para sua realização;
- e) O trabalho decente é relacionado ao valor da honestidade. Um valor socialmente reconhecido de que todo o trabalho é digno e não à idéia de direitos adquiridos socialmente pelos trabalhadores enquanto categoria *trabalhadora*.
- f) A compreensão, como já observado por Bakhtin (1997a, p. 355) “é de natureza dialógica”, operando “num sistema dialógico cujo sistema global ela modifica.” No caso do curso de formação do TDC, tais mudanças são reveladas na diversidade de acentos apreciativos expressos pelas empregadas domésticas, o que também

corroborar com os dados quantitativos observados cujos pesos, que variam de uma escala positiva a negativa, sugerem a heterogeneidade constitutiva desses discursos.

Tais resultados são relevantes para a ampliação de nossa compreensão acerca de como se dá a apreensão do discurso de formação, do projeto TDC, pelas empregadas domésticas, pois, como muito bem observam Bakhtin (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004), a palavra de outrem, ao ser internalizada pelos sujeitos, não os encontra desprovidos de suas próprias palavras. Ao contrário, entra em contato com o seu discurso interior, o que significa que as empregadas domésticas não agiram passivamente, mas que, nesse processo de interação do *eu* e do *outro*, fizeram o que Bakhtin denomina de “apreensão apreciativa da enunciação de outrem”. É justamente por isso que são singulares, ímpares, as formas de apreensão do dizer do outro e irrepetíveis em relação à produção de sentidos. Bakhtin e Volochínov (2004, p. 150), ao tratarem do discurso citado, assim se colocam sobre tal questão:

Como, na realidade, apreendemos o discurso de outrem? Como o receptor experimenta a enunciação de outrem na sua consciência, que se exprime por meio do discurso interior? Como é o discurso ativamente absorvido pela consciência e qual a influência que ele tem sobre a orientação das palavras que o receptor pronunciará em seguida? Encontramos justamente nas formas do discurso citado um documento objetivo que esclarece esse problema. Esse documento, quando sabemos lê-lo, dá-nos indicações, não sobre os processos subjetivo-psicológicos passageiros e fortuitos que se passam na “alma” do receptor, mas sobre as tendências sociais estáveis características da apreensão ativa do discurso de outrem que se manifestam nas formas da língua.

4.1.3 Qualidade de vida pra mim é...

Nesse tópico propomo-nos a descrever, analisar e interpretar, quantiqualitativamente, o diálogo entre o conceito “Qualidade de vida”, do TDC e o discurso das trabalhadoras domésticas, conforme ilustrado no Gráfico 3.

Para o TDC, Qualidade de Vida é o parâmetro a partir do qual são estabelecidas as condições físicas, psíquicas, psicossociais e sócio-políticas saudáveis de uma comunidade. Ela envolve capacidade de sobrevivência, trabalho, educação, sexualidade,

direitos humanos, relações sociais e lazer. O conceito de qualidade de vida, trabalhado no projeto TDC, compreende, ainda, outras dimensões acerca da qualidade de vida das mulheres em seu ambiente de trabalho, como assédio moral e sexual praticado pelos empregadores.

O Gráfico 3 ilustra a lematização dos itens lexicais esgoto, saúde, moradia, respeito, segurança, lazer, educação, alimentação, direitos trabalhistas.

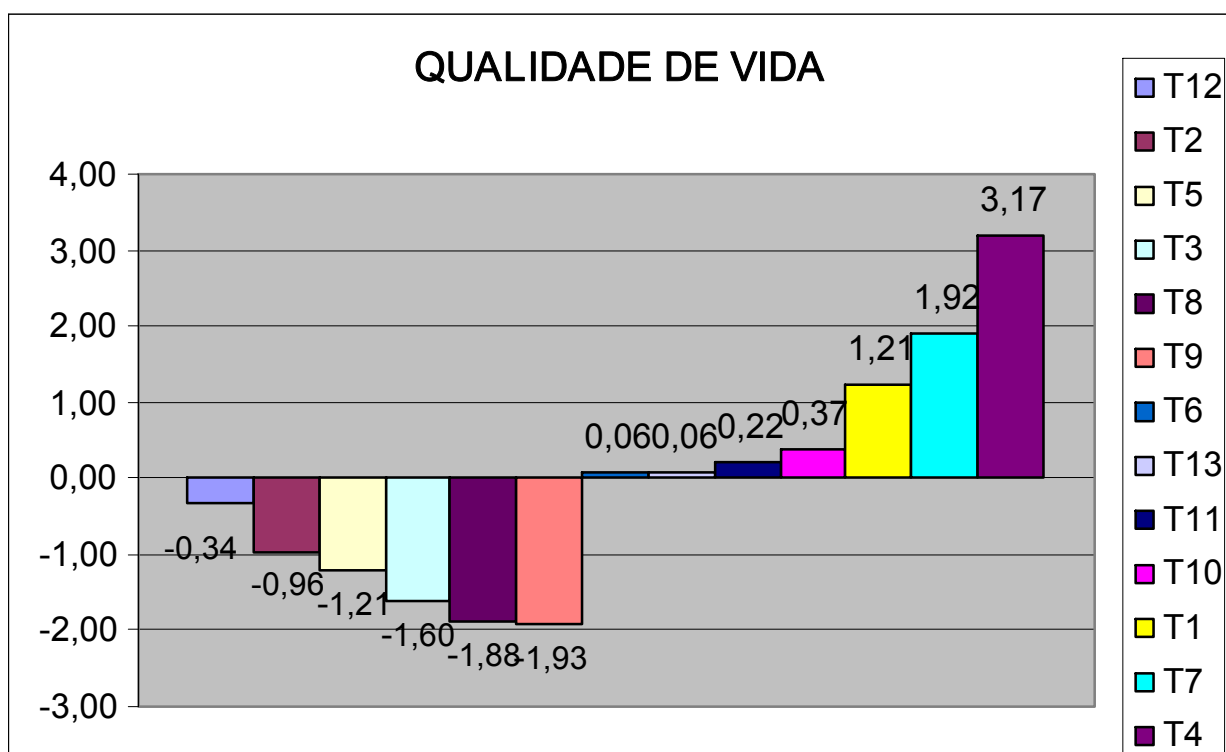


GRÁFICO 3 – Qualidade de Vida

Fonte: Joseane Brito, 2007

Analisando quantitativamente o Gráfico 3, podemos observar, numa primeira leitura, um primeiro bloco, com seis variáveis, dispostas em colunas seqüenciais, inseridas no vocabulário básico, com tendência negativa, quais sejam: T9(-1,93); T8 (-1,88) e T3(-1,60); T5(-1,21), T2(-0,96) e T12(-0,34). Inversamente, no segundo bloco, encontram-se seis variáveis, inseridas no vocabulário básico de tendência positiva, ou seja, de uso comum, recorrente. À exceção da trabalhadora (T4), a qual encontra-se inserida no

vocabulário diferencial, objeto de predileção pelos enunciador, observamos uma variável que está inserida no vocabulário do tipo preferencial, objeto de escolha privilegiada dos enunciadores, com peso lexical significativo: T4(3,17). Há também outras variáveis cujos pesos (positivos) estão mais próximos do discurso da trabalhadora T4(3,17). É o caso dos discursos enunciados pelas trabalhadoras T7(1,92) e T1(1,21). Verificamos também que as enunciatórias T10(0,37), T11(0,22) T13 e T6(0,06), estão inseridas no vocabulário fundamentalmente básico que dá suporte ao vocabulário do tipo preferencial.

Os valores daquelas variáveis cujos pesos as inserem no vocabulário básico sugerem que os itens lexicais lematizados na temática qualidade de vida, contidos nos discursos das trabalhadoras em questão, são de uso comum, embora se diferenciem pela oposição positivo/negativo. Observa-se também que há uma diferença quantitativa significativa entre os pesos das variáveis T4(3,17 – voc. de predileção) e T9(-1,93 – voc. de rejeição); bem como entre as variáveis T7(1,92 – voc. básico com tendência positiva) e T5(-1,21 - voc. básico com tendência negativa). Por essa razão, esses recortes discursivos serão objeto privilegiado de nossa análise a fim de elucidarmos as diferenças observadas.

Ao analisarmos o discurso da trabalhadora T4(3,17), em relação ao conceito *qualidade de vida*, observa-se que essa enunciatória relaciona o conceito à palavra “dignidade”, à questão, por exemplo, da moradia.

Qualidade de vida pra mim é ter meu espaço, é ter minha casa, meus filhos ter a minha... a minha renda todo mês né? O meu dinheiro todo mês. Não preciso de luxo, eu quero apenas um pouco assim de **dignidade** na moradia né? Ter uma casa para morar, saneamento básico, saúde, educação, qualidade de vida é tudo isso aí junto. (T4-1)

Como obter mais qualidade de vida?! É tanta coisa né? Aí começa pela **educação** aí vem saúde, vem segurança, vem habitação... vem **dignidade**, tudo isso junto pra mim é qualidade de vida. (T4-2)

Qualidade de vida para essa trabalhadora é ter saneamento básico, saúde e educação. Discurso bastante aproximado ao conceito de Qualidade de vida proposto pelo projeto TDC²¹. Ao ser perguntada (na entrevista) sobre como *obter mais qualidade de*

²¹ Para o projeto TDC, a qualidade de vida envolve a capacidade de sobrevivência, trabalho, educação, sexualidade, direitos humanos, relações sociais e lazer.(Mímeo, s.d., p.25)

vida, verificamos que para T4(Vide T4-2) tudo começa através da educação, a qual pode proporcionar qualidade de vida e, por conseguinte, trazer a dignidade às trabalhadoras. Há ainda outros juízos de valor no discurso dessa trabalhadora (T4-3) que evidenciam a importância da educação/qualificação para uma melhor qualidade de vida também nas relações de trabalho, quando ela diz que a trabalhadora doméstica que tem formação *profissional* tem mais *chances* no mercado de trabalho.

[...] Não necessariamente um processo de formação, a trabalhadora doméstica que tem uma **formação profissional**, ela tem mais chances **no mercado** de trabalho...
[...] Então eu acho que uma **qualificação** é bom! Toda profissão **qualificada**, é melhor!(T4-3)

A partir da análise dos discursos proferidos pela trabalhadora T4 (vide os recortes discursivos T4-2 e T4-3), foi possível verificar a tomada de consciência dessa enunciativa ao entrar em contato com o universo de conhecimentos propostos pelo projeto de formação. Trata-se de uma postura ético-valorativa que a trabalhadora, sujeito desse dizer, assume num espaço existencial, historicamente situado num determinado contexto: aquele da formação/qualificação profissional (TDC) da CUT em 2006. É através desse ato ético valorativo, que foi possível de ser executado através do *excedente de visão* dessa trabalhadora, que se instaura uma “esfera particular de sua atividade”, ou seja, um conjunto de *atos internos e externos* que só ela pode “pré-formar a respeito desse outro”, no caso o discurso da formação, completando-o onde ele não pode completar-se. Parafraseando Bakhtin, Sobral (2006) diz que o sujeito é “*dotado de um excedente de visão com relação ao outro: o sujeito sabe do outro o que este não pode saber de si mesmo, ao tempo em que depende do outro para saber o que ele mesmo não pode saber de si.*”(SOBRAL, 2006, p.23)

Ao compararmos os recortes discursivos de T4-2, acima descrito, com o de T9, abaixo

Ter trabalho **digno**, ter uma **casa**, ter o que comer. Ser **digno** do que faz, trabalhar... Eu creio que no trabalho você ser digna do que você faz. Na **sociedade** você mostrar os seus **direitos**, em casa também. (T9)

podemos verificar que essas variáveis apresentam pesos lexicais significativamente opostos em relação a temática *qualidade de vida*: variável T4(3,17 - vocabulário de predileção do enunciador, com tendência positiva) e T9(-1,93 - vocabulário básico, de uso

comum do enunciador, com tendência negativa). Estas diferenças de pesos observadas são sugestivas de uma maior precisão na escolha lexical do enunciador T4 o qual relaciona a qualidade de vida a vocábulos como moradia, saúde, saneamento básico e educação; já a trabalhadora T9 é menos preciso na suas escolhas lexicais, relacionando qualidade de vida a questões mais amplas, como melhores condições de trabalho na sociedade e na esfera dos direitos.

Observa-se que esse enunciador (T9), cf. recorte discursivo acima, traz no seu discurso uma voz quando diz que os *direitos* devem ser mostrados na *sociedade* e *em casa*, voz que foi construída socialmente a partir da apreensão das vozes que constituem a sua realidade: no caso aqui a voz do sindicato, segundo o qual a trabalhadora deve conhecer os seus direitos para assim exercê-los e, dessa forma, valorizar o seu trabalho.

Qualidade de vida é que na sua comunidade tem um posto de saúde, tem uma **delegacia**, tem o comércio, a sua rua é calçada, seu esgoto é **encanado**, água, luz, energia e segurança que a gente não tem. Ser é, na sociedade, é a gente **votar**, conhecer o candidato e **exigir** que as pessoa não sabe exigir. E no trabalho, é ser respeitado e **respeitar**. (T7)

É ter **boas coisas pra oferecer**.

Uma boa **escola**, uma boa **alimentação**, um bom **ensino**. (T5-1)

Ao comparamos as enunciações de T7(+1,92) e T5(-1,21), observamos que o discurso de T7 relaciona-se mais ao conceito de Qualidade de vida em comunidade e também no trabalho, através das seguintes escolhas lexicais: *saúde, segurança, delegacia, esgoto encanado, água, luz, energia, respeito e direito de votar*.

Em relação ao trabalho, o acento apreciativo da palavra *respeito* recai no assédio moral no trabalho, tema esse abordado no curso de formação proposto pelo TDC na coletânea que se refere ao tema “Qualidade de Vida”. O enunciador T7, ao incluir, na qualidade de vida, os bens e serviços anteriormente descritos, enfatiza que estes ainda não ocorrem de forma efetiva na sociedade porque as *“pessoas não sabem exigir”*, ou seja, para essa trabalhadora, eles só aconteceriam através do direito ao voto e da cobrança aos políticos. Comparando os recortes discursivos de T7 e T5, observamos que a trabalhadora T7 tem um discurso mais politizado que a trabalhadora T5. Isso se evidencia quando essa

enunciadora diz que é preciso votar, conhecer e exigir do seu candidato os seus direitos enquanto cidadãos. Talvez essa politização possa ser explicada pelo fato dessa trabalhadora (T7) fazer parte da liderança do sindicato e, dessa maneira, conhecer os discursos que circulam nos espaços organizados socialmente: sindicatos, federações e movimentos sindicais. Relacionando a teoria bakhtiniana à análise desse recorte discursivo de T7, podemos dizer que a consciência desse enunciador adquire existência a partir dos signos criados pelos grupos sociais organizados dos quais participa, pois conforme Bakhtin, a consciência individual só pode ser explicada a partir do “meio ideológico e social” no qual o indivíduo se encontra inserido, sendo assim um “fato sócio-ideológico” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p. 34)

Diferentemente da trabalhadora T7, a trabalhadora T5 considera que ter qualidade de vida é *ter boas coisas para oferecer, uma boa escola, uma boa alimentação e um bom ensino*. Como se isso fosse algo que dependesse unicamente daquilo que alguém pode oferecer individualmente. Comparando-se os discursos das trabalhadoras T5 e T7, observamos que os enunciados de T5 opõem-se ao da formação por reproduzir de maneira implícita um discurso construído historicamente no nosso país de que o acesso ao estudo e à saúde de qualidade só está garantido às pessoas de boa renda, uma vez que esses serviços, quando oferecidos pelo Estado, não são de boa qualidade. O discurso de T5 ao mesmo tempo em que se refrata, ele se reflete e opõe-se ao discurso de T7, pois esta variável enfatiza que a oferta desses serviços (saúde, educação, saneamento) aos trabalhadores estaria condicionada à cobrança de uma ação mais efetiva dos políticos, os quais deveriam ser mais cobrados pelo povo que os elegeu como representantes.

Para o enunciador T5(+0,37), qualidade de vida está relacionado ao *estudo* e à *qualificação*:

[...] qualidade-de-vida pra mim é poder ter um bom **emprego**, ter um bom estudo, ser qualificada naquilo que quer fazer. (T5-2)

Como obter mais qualidade de vida?! É tanta coisa né? Aí começa pela **educação** aí vem saúde, vem segurança, vem habitação... vem **dignidade**, tudo isso junto pra mim é qualidade de vida. (T4-2)

Obter mais qualidade-de-vida? É assim, você se aperfeiçoar mais, você **estudar** mais... (T11)

Esse discurso, quando comparado ao da trabalhadora T4-2 e ao da trabalhadora T11(+0,22), acima, permite-nos observar que, apesar das diferenças, na forma de enunciação, essas enunciadoras fazem a mesma avaliação valorativa acerca do tema educação/qualificação: o fato de a educação poder possibilitar uma melhor qualidade de vida.

Na análise a seguir, comparando-se os recortes discursivos de T13 e T6, abaixo, ambos com peso (+0,06),

Qualidade de vida é a gente morar num lugar **digno**, onde a gente tenha um lazer. Eu acho que seja isso. (T13)

Ter qualidade de vida é ter todos os direitos **garantidos** pela lei. Ter emprego. Ter casa, ter família... Ter enfim, e aí com um bom **emprego** a gente tem boa qualidade de vida. (T6)

Eu creio que no trabalho você ser digna do que você faz. Na sociedade você mostrar os seus **direitos**, em casa também.(T9)

podemos observar o seguinte: T13 relaciona qualidade de vida ao lazer e à moradia, mas demonstra não estar certa quanto a isso. Isso pode ser observado a partir do termo axiológico “Eu acho que seja isso” (T13). Enquanto que as trabalhadoras T6 e T9 relacionam qualidade de vida aos “direitos garantidos” pela lei. Observa-se, aqui, apesar de terem um tema em comum: a relação entre qualidade de vida e direitos garantidos; os discursos, quando confrontados, ora se relacionam ora se refratam ao discurso da formação. Há, por exemplo, no enunciado de T13, uma *compreensão responsiva ativa* em relação ao conceito trabalhado durante a formação, pois mesmo que essa enunciadora não tenha certeza do que é realmente ter qualidade de vida, é possível observar que há, na sua palavra, uma nova significação em torno desse objeto, ou seja, ela se encontra num processo de construção da sua consciência individual em relação a essa nova temática. Há um diálogo no intervalo compreendido entre o seu discurso e o discurso da formação que sugere uma transformação na sua visão de sujeito. Acerca disso, Bakhtin e Volochínov (2004, p.132) sugerem que “a significação pertence a uma palavra enquanto

traço de união entre interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva”.

Os dados acima descritos, em relação à temática da *Qualidade de vida*, revelam que as trabalhadoras realizam uma série de atos concretos, irrepetíveis, singulares, mas, ao mesmo tempo, repetíveis, comuns, enquanto sujeitos situados em um contexto sócio-histórico específico, de uma categoria de trabalho. Os discursos enunciados pelas trabalhadoras analisadas expressam as posturas ético-valorativas dessas trabalhadoras e confirmam a heterogeneidade discursiva observada nos dados quantitativos em relação ao conceito em questão. Os dados recortados para essa análise sugerem que os enunciadores – trabalhadoras domésticas:

- a) compreendem que a qualidade de vida estaria diretamente atrelada à educação e também à qualificação profissional;
- b) relacionam a qualidade de vida à garantia de direitos sociais e também a um emprego digno;
- c) compreendem que a qualidade de vida está relacionada à prestação de serviços essenciais (saúde, educação, moradia, segurança, etc), mas que esta qualidade só será garantida e colocada em prática quando as pessoas tomarem a consciência de que precisam cobrar mais dos seus representantes a efetiva garantia desses serviços;
- d) reproduzem o discurso construído historicamente em nosso país de que os serviços prestados pelo poder público não são de boa qualidade.

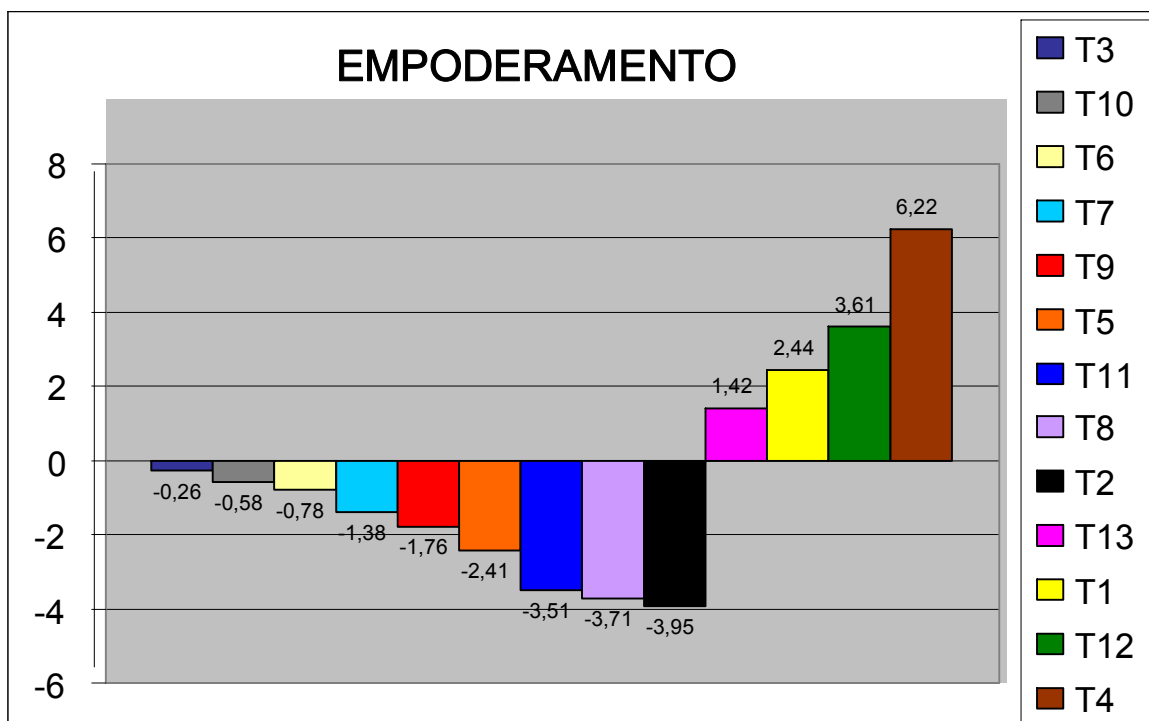
O dialogismo instaurado nos enunciados proferidos por essas trabalhadoras permite-nos dizer, com Bakhtin (1997a), que todo enunciado cria o novo, mas só o faz a partir daquilo que já existe, algo que está sempre relacionado a uma posição valorativa do próprio sujeito em relação à sua visão de mundo. Esses “limites dialógicos entrecruzam-se por todo o campo do pensamento vivo do homem.” (BAKHTIN, 1997, p. 348). Cada enunciado proferido por cada uma das variáveis seria um ato irrepetível dentro do acontecimento humano.

4.1.4. Ser uma trabalhadora doméstica empoderada é...

Nesse tópico, iremos descrever, analisar e interpretar, quantitativamente, o diálogo estabelecido entre o discurso instaurado no projeto TDC e o discurso das trabalhadoras domésticas, em relação à temática Empoderamento, conforme ilustrado no Gráfico 4

Empoderamento²² significa uma ampliação de liberdade de escolher e agir, ou seja, o aumento da autoridade e do poder dos indivíduos sobre os recursos e decisões que afetam sua vida.

O Gráfico 4 ilustra a lematização de palavras como *oportunidade, fortaleza, lutas, conquistas, mudança, conquistas, participação, formação, categoria, saber, movimento, reuniões, direitos*, remetendo ao conceito de empoderamento da trabalhadora doméstica enquanto categoria.



²² do inglês *empowerment*. A comunicação e o conhecimento são elementos essenciais para que o indivíduo (o jovem) tenha condição de tomar alguma decisão e agir em seu próprio benefício e de sua comunidade, sejam, portanto, empoderados. (Caderno da Educanda, versão março 2006).

GRÁFICO 4 – Empoderamento

Fonte: Joseane Brito, 2006

Analisando quantiquitativamente o Gráfico 4, podemos observar, numa primeira leitura, a arquitetura discursiva em torno dessa temática, a qual pode ser visualizada a partir dos pesos que são atribuídos a cada uma das variáveis. Num primeiro bloco encontram-se as nove variáveis, dispostas em colunas seqüenciais, com tendência negativa, inseridas no vocabulário básico, com peso lexical próximo à média da escala “0” (com valor menor que -2), ou seja, aquele que dá suporte ao vocabulário diferencial no âmbito do discurso – T9(-1,76); T7(-1,38); T6 (-0,78); T10(-0,58) e T3(-0,26) – e diferencial (indica o conjunto de vocábulos que servem de suporte à construção do texto, em que seu peso lexical se encontra próximo à média escalar (superior a -1,96). É o caso das seguintes variáveis: T5(-2,41); T11(-3,51); T8(-3,71); T2(-3,95).

No segundo bloco, observamos que uma variável está inserida no vocabulário fundamentalmente básico, com tendência positiva – T13(+1,42), que dá suporte ao vocabulário preferencial e duas variáveis que estão inseridas no vocabulário do tipo preferencial, objeto de escolha privilegiada dos enunciadores, com peso lexical altamente positivo T4(+6,22); T1(+ 2,44); T12 (+3,61).

O conjunto de valores, positivos e negativos, dos dados acima descritos, sugere que os discursos das variáveis em questão são heterogêneos e que há uma oposição quantiquitativa evidente entre os pesos das variáveis: T4(+6,22); T1(+ 2,44); T12 (+3,61), e T2(-3,95); e entre as variáveis T12(+3,61); T13(+1,42) e T11(-3,51); T8(-3,71) T3(-0,26).

Todas essas variáveis serão, por essa razão, objeto privilegiado de nossa análise. Esperamos que a análise qualitativa dos recortes discursivos abaixo possam elucidar estas diferenças observadas entre esses recortes e a temática *empoderamento*. Essa temática, trabalhada no curso de formação do projeto TDC, apóia-se no pressuposto de que as trabalhadoras domésticas devem conhecer todo o processo histórico da organização social das mulheres no Brasil e também a sua própria história de organização como categoria de trabalho. Essas mulheres ao conhecerem a sua própria história podem participar do sindicato e dos diferentes movimentos sociais a fim de discutirem questões de raça, gênero, direitos sociais e trabalhistas. Esta última temática, segundo o projeto de

formação (TDC) resume todos os outros anteriores, a saber: Identidade e Cultura, Trabalho Decente e Qualidade de vida, os quais estão inter-relacionados. Ainda, segundo o projeto de formação, as trabalhadoras devem primeiro saber quem são quais os seus direitos trabalhistas, como obter mais qualidade de vida no trabalho e na sociedade para assim poderem agir e tomarem decisão em relação à participação e ação enquanto categoria.

Ah, vem a **luta** de toda uma **categoria**, né? Falta pouco pra gente possa ter todos os **direitos** que as outras categorias profissionais têm que é jornada de trabalho regulamentada e o FGTS porque quando uma trabalhadora doméstica se desemprega ela não tem direito ao **seguro-desemprego**. Se ela tivesse o FGTS ela teria esse direito. Eu acho que falta essas duas coisas. **Jornada de trabalho regulamentada** e principalmente o FGTS. Mas carteira assinada nós já temos, licença-maternidade nós já temos, aposentadoria por invalidez, por tempo de serviço, férias, décimo - terceiro, então eu acho que todas as trabalhadoras domésticas deveria **inclusive fazer parte** do seu **sindicato**, porque um sindicato que reúne muitos **associados**, muitos trabalhadores a tendência dele é se **fortalecer** mais e mais ainda e conseguir **benefícios** pra toda uma categoria.(T4)

O recorte discursivo da trabalhadora T4, cujo peso do vocabulário de predileção, por parte do enunciador, é altamente significativo, (+6,22) e sugere, por suas escolhas lexicais - *categoria, seguro-desemprego, jornada de trabalho regulamentada*, - que essa variável demonstra conhecer não só os direitos já conquistados por sua categoria, mas também os que já foram garantidos a outras categorias e que ainda não foram conquistados pelas domésticas. A consciência da participação dessa variável é reforçada pelo acento apreciativo dado à palavra *inclusive* a qual resume a idéia de que as trabalhadoras deveriam participar ativamente do seu sindicato para assim fortalecê-lo e conseguir os *benefícios* que ainda faltam para toda a categoria, a saber: FGTS, seguro-desemprego e jornada de trabalho. Há uma consciência de que só um sindicato fortalecido pode trazer melhorias para a categoria. As palavras *fazer parte, associadas e fortalecer* no discurso enunciado por T4 sugerem que ela tem total consciência desse movimento de empoderamento. Ao relacionar o seu discurso com o do sindicato²³, observamos

²³ “O Valor Social do Trabalho Doméstico”, cartilha direcionada às trabalhadoras domésticas, cujo objetivo é resgatar o valor histórico e social do trabalho doméstico. Foi elaborada pelo Sindicato dos Trabalhadores Domésticos na Área Metropolitana da Cidade do Recife.

semelhanças entre eles em relação a mudanças sensíveis na construção dessa nova identidade enquanto categoria de trabalho. Os efeitos de sentido que se estabelecem entre esses discursos seriam a organização e o fortalecimento do sindicato, esses elementos provocariam mudanças nas relações de trabalho e, por conseguinte, na situação das empregadas domésticas.

As empregadas domésticas organizadas no seu sindicato lutam por mudanças nas **relações de trabalho** e, com isso, estão provocando mudanças na sociedade, são **construtoras da democracia**. A situação das empregadas domésticas mudou e o sindicato é o maior responsável pela luta que teve em prol das transformações que aconteceram nos últimos anos. (p.39)

O recorte discursivo da trabalhadora T12(+3,61), abaixo, nos permite observar a importância que essa enunciatória atribui ao sindicato como um espaço através do qual a *conquista* de direitos trabalhistas é viabilizada. A apreciação social dessa enunciatória, em relação ao tema *Empoderamento*, revela que essas conquistas não foram obtidas sem esforço, mas através de *muitas lutas*, não advieram *de beijo*, nem *de braços abertos não* (T12-1), as conquistas vieram principalmente da luta empreendida pelo sindicato. Encontramos semelhanças entre o discurso do sindicato e o da trabalhadora T12 numa cartilha elaborada pelo Sindicato dos Trabalhadores em Recife²⁴. No recorte do discurso sindical, abaixo, podemos observar, pela ação enunciativa do Sindicato, que ele é o responsável pela organização das trabalhadoras na luta pela implantação dos direitos adquiridos e pela aquisição dos novos direitos ainda não garantidos por lei:

O Sindicato realiza organiza a luta para: 1- A **implantação** dos direitos adquiridos: carteira-assinada, folga semanal paga, férias, licença-maternidade; 2- para a aquisição de novos direitos: horas-extras, jornada de trabalho. (Recorte do sindicato p.42)

Através de muitas **lutas**. As **conquistas** que tem até agora não foi de beijo, de braços abertos não. Foi através de muita **luta** do **sindicato**, das pessoas que realmente tomam a frente pra que nós tenhamos...principalmente do sindicato, o sindicato é a fonte principal dessas **conquistas**, porque sem ele, a gente estaria ainda muito atrasado.(T12-1)

²⁴ Idem

Ao analisarmos o recorte discursivo da trabalhadora T12, em comparação com o do Sindicato, observamos que ambos os discursos entram em relação dialógica à medida que se estabelece uma compreensão responsiva deste enunciador T12 com o discurso do sindicato. O recorte analisado, acima, sugere que a trabalhadora acredita que só houve conquistas por causa da luta empreendida pelo sindicato ao dizer que “[...] Foi através de muita luta do sindicato, das pessoas que realmente tomam a frente para que nós tenhamos [...]” “[...] o sindicato é a fonte principal dessas conquistas.” (T12) Nesse sentido, concordamos com Bakhtin e Volochínov (2004, p.116) quando ponderam que a palavra é o “território comum do locutor e do interlocutor”, ou seja, há aqui um entrecruzamento entre a voz do sindicato e a voz dessa trabalhadora, nesse contexto de transformação e de reconhecimento de direitos enquanto categoria de trabalho.

Ao responder a pergunta de nossa entrevista *O que acha que as trabalhadoras domésticas podem fazer pra garantir os seus direitos*, T12 nos informou o seguinte:

Garantir é. Primeiro, se chegar mais ao sindicato, ter mente aberta, boa vontade de estar nas **reuniões** né? , boa vontade porque pra tudo tem que ter boa vontade, não basta só querer não é o suficiente, nós temos que ter boa vontade e estar sempre atento às **necessidades** tanto da nossa categoria, do nosso dia-a-dia e também do que possa **ajudar** o sindicato. (T12-2)

Na resposta à outra pergunta para esse mesma temática – *As trabalhadoras domésticas conseguem adquirir seus direitos quando participam das ações do seu sindicato?* –, T12 deu a seguinte resposta:

Sim porque uma **andorinha** só não faz verão e o sindicato ele tem uma força né? O sindicato das domésticas por exemplo, já é filiado à CUT e a CUT já é um órgão que está inserido dentro do contexto nacional né? Então com certeza a **viabilidade** de **benefícios** é muito maior. (T12-3)

Em relação aos recortes discursivos de T12, mais especificamente T12-2, acima, observa-se que a questão da **participação**, para essa variável, relaciona-se às escolhas lexicais do enunciador, tais como: *garantir, reuniões, necessidades e ajudar*. Essas palavras sugerem que, para T12, só a organização das trabalhadoras e o fortalecimento de seu sindicato podem dar um retorno mais efetivo a uma profissão socialmente reconhecida nas esferas dos direitos trabalhistas. O recorte discursivo (Vide T12-2) nos

permite observar que T12 constrói a sua consciência, enquanto categoria de trabalho que precisa se organizar. Ela é um sujeito que age em relação à palavra do *outro*- sindicato, o qual traz o discurso de que seria o responsável pela organização da luta pela implantação dos direitos adquiridos e pela aquisição de novos direitos já garantidos a outras categorias.

Analisando ainda o outro recorte discursivo desse enunciador (Vide T12-3), observamos o seguinte:

(1) para responder a essa questão de nossa entrevista: *As trabalhadoras domésticas conseguem adquirir seus direitos quando participam das ações do seu sindicato?* A variável T12 faz uma analogia entre as trabalhadoras enquanto categoria de trabalho organizada e o provérbio popular “Uma andorinha só não faz verão”. A “*andorinha*” representa a trabalhadora doméstica que sozinha não terá a *força* que vem do sindicato. Ainda analisando esse mesmo recorte discursivo, observamos que, para esse enunciador, toda a trabalhadora deve estar vinculada ao seu Sindicato, e este, por sua vez, estaria filiado à CUT, a qual representa um espaço de vinculação maior, o que, na opinião da trabalhadora T12, traria uma *viabilidade* muito maior aos *benefícios*. Relacionando esse discurso enunciado por T12 com o do sindicato, através da cartilha²⁵, encontramos um discurso muito semelhante ao da trabalhadora: o de que as trabalhadoras são uma categoria diferente das outras porque exercem o seu trabalho “isoladas, longe uma das outras nas casas de outras pessoas, não é como uma fábrica ou uma loja onde as pessoas trabalham juntas”. As escolhas lexicais *isoladas e sozinha*, recortadas do discurso sindical abaixo, no qual o sindicato argumenta com a trabalhadora acerca da necessidade da participação no sindicato, nos remetem ao provérbio “uma andorinha só não faz verão” enunciado no recorte discursivo da trabalhadora em análise (T12). O sindicato, por sua vez, diz que as trabalhadoras, ao participarem de suas ações, podem dialogar entre si e assim garantir que as leis protejam todas as trabalhadoras domésticas enquanto categoria as quais *sozinhas* encontrar-se-iam desprotegidas:

Diferentemente de outras profissões, as domésticas trabalham **isoladas** (grifo nosso) nas casas de outras pessoas, longe umas das outras. Não é como uma fábrica ou uma loja, onde as pessoas trabalham juntas e, por isso, podem conversar trocar idéias e se unir pelos seus direitos. **Sozinha** (grifo nosso) na casa dos patrões e patroas, só a lei pode nos proteger e só o sindicato pode garantir que a lei seja

²⁵ Idem

cumprida. Assim, só um sindicato forte pode garantir que cada vez mais domésticas tenham seus direitos garantidos, tal como manda a lei. E aí fica uma pergunta: se você procura o seu sindicato para fazer valer os seus direitos, porque não se junta a nós para fortalecer o nosso sindicato?(p.44)

(2) As análises dos recortes enunciativos acima, tanto da trabalhadora T12(vide T12-2 e T12-3), quanto do sindicato, sugerem que é nas relações do mundo do trabalho que os trabalhadores, em suas esferas de atividade profissional, apropriam-se das palavras do *outro*, fazem das palavras do *outro* as suas palavras, tornando as palavras do *outro* as suas próprias palavras, nessa alteridade que se constitui nas relações dialógicas. Há uma apropriação dessa trabalhadora em relação às palavras do sindicato ao enunciar que para garantir os direitos seria necessário “primeiro, se chegar mais ao sindicato, ter mente aberta, boa vontade de estar nas **reuniões** né?”, e depois que ele só garante o cumprimento das leis trabalhistas se for *fortalecido*, no trecho “estar sempre atento às **necessidades** tanto da nossa categoria, do nosso dia-a-dia e também do que possa **ajudar** o sindicato.” O sindicato também destaca a importância desse fortalecimento fazendo a seguinte pergunta: “se você procura o seu sindicato para fazer valer os seus direitos, porque não se junta a nós para fortalecer o nosso sindicato?”²⁶

É também nessas relações dialógicas que se reconfigura a identidade dessa trabalhadora enquanto categoria de trabalho organizada. A entoação valorativa acerca dessa organização encontram-se expressas nas escolhas lexicais *lutar, organizar, participar do sindicato, consciência, procurar, fortaleça*.

É **lutar** e se **organizar**, eu acho. É **participar** do sindicato, saber do que acontece no sindicato, tá por dentro sempre dos **outros movimentos**. (T13-1)

Acho que não elas ainda não têm muita **consciência** né? dos seus direitos. Elas só sabem **procurar** o sindicato pra querer os **direitos**, agora têm os **direitos** e deveres né? Os deveres primeiro assim uma boa, uma boa assim, uma boa, uma boa empregada. Saber trabalhar né?E depois **participar** do sindicato, conhecer o sindicato, fazer como é o que ele é, o que se passa, tudinho!(T13-2)

Tá sendo garantido pela **luta** dos sindicatos né? das trabalhadoras domésticas, porque se a gente ficasse de braços cruzados, não estaria até ao ponto que tá

²⁶ Idem

chegando de nós é de ter uma **formação**. De muitos, de muitas empregadas não, não ter estudado. Ter sido criada na casa dos patrão e não ter oportunidade de estudar! Né? E hoje muitas delas tá tendo de estudar, tendo a **oportunidade** de de... de fazer computação da questão de congelamentos e muitas outras **oportunidade** que o **movimento** das trabalhadoras domésticas tá fazendo pra que **fortaleça, fortaleça** mais esse **movimento** (T1-1)

O que pode fazer é estar **organizada**, né? É a pessoa se **associar** é, é no sindicato! **Fortalecer** o sindicato, tá **organizada** no sindicato!(T1-2)

Semelhantemente à trabalhadora T12(+3,61), os recortes discursivos das trabalhadoras T13(+1,42), e T1(+2,44), acima, nos permitem observar que essas trabalhadoras têm uma visão ampliada do que é ser uma categoria de trabalho organizada. Os discursos de das trabalhadoras T13(Vide T13-1) e T1(vide T1-1) retomam o discurso do projeto de formação, o qual preconiza que uma trabalhadora doméstica empoderada é aquela que participa ativamente do seu sindicato e de outros movimentos sociais, a fim de exigir que os seus direitos, enquanto trabalhadora doméstica e mulher, sejam reconhecidos na sociedade. Essa organização também se dá, segundo o discurso do sindicato, no curso da formação. Indicamos, em nossa fundamentação teórica, que a trabalhadora doméstica estaria situada na classificação descrita por Castells (2002) como uma *identidade de resistência*, por estar historicamente em posição social desvalorizada e discriminada. E, para vencer e resistir a essas discriminações em relação a seus empregadores, e em relação a outros trabalhadores, ela busca organizar-se e se fortalecer através de formações que tragam a dimensão valorativa do seu trabalho. O acento apreciativo que ratifica essa identidade de resistência no discurso da trabalhadora T13(vide T13-2) recai nas palavras *lutar, organizar e participar*. E em T1(vide T1-1), *luta, oportunidade, fortalecer e organizada*. Ao cruzar o discurso dessas trabalhadoras (T13 e T1) com o do sindicato, via cartilha “O valor social do trabalho doméstico” ²⁷ encontramos o seguinte:

O sindicato à medida que fortalece a condição da trabalhadora domestica, com participação ativa na vida política e social, faz com que uma nova **identidade** se construa socialmente. A doméstica deixa de ser vista como uma escrava e uma pobre coitada e passa a ser vista como uma trabalhadora e cidadã. (p. 43)

²⁷ Idem

Há no discurso acima, enunciado pelo sindicato, o objetivo de construir uma nova identidade das trabalhadoras domésticas através de um fortalecimento de sua condição profissional na participação social para que ela deixe de ser vista como categoria de trabalho desvalorizada socialmente. Para T1, conforme recorte discursivo abaixo, a importância dessa valorização começa na oportunidade que a trabalhadora tem de estudar e se organizar socialmente.

Ter sido criada na casa dos patrão e não ter oportunidade de estudar! Né? E hoje muitas delas tá tendo de estudar, tendo a **oportunidade** de de de... de fazer computação da questão de congelamentos (...) (vide T1-1)

Ainda analisando o recorte discursivo de T13(vide T13-2), observamos que essa enunciativa defende a organização das trabalhadoras e por isso não concorda que elas procurem o sindicato só para conhecer e obter os seus direitos. Elas também devem se tornar uma boa profissional. Observa-se, no discurso enunciado por essa trabalhadora (T13), um retorno ao discurso da formação ao evocar essa identidade profissional da trabalhadora doméstica através da qualificação. Comparando-se o discurso de T13, ao enunciar que as domésticas “só sabem procurar o sindicato pra querer os direitos, agora têm os direitos e deveres né?”, com o do sindicato, que diz o seguinte: ²⁸ “E aí fica uma pergunta: se você procura o seu sindicato para fazer valer os seus direitos, porque não se junta a nós para fortalecer o nosso sindicato?” (p.44) – podemos observar que ambos buscam essa redefinição da identidade enquanto categoria de trabalho que não apenas conhece os seus direitos individualmente, mas se organiza e faz valer os direitos adquiridos em prol de toda a categoria. A esse respeito, lembramos Bakhtin e Volochínov (2004, p.35) quando sugerem que a consciência adquire forma a partir dos signos que são criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os autores dizem ainda que esses signos, ao mesmo tempo em que alimentam a consciência individual, constituem a matéria de seu desenvolvimento. Essa consciência reflete a lógica da comunicação ideológica que acontece *na interação semiótica de um grupo social*. (...) Essa interação semiótica se dá através da palavra pois, para ele, *a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social*.(p.35) Relacionando essa teoria aos recortes discursivos

²⁸ Citação já explicitada anteriormente p.100

de T13, analisados anteriormente, podemos dizer que as trabalhadoras domésticas adquirem uma nova consciência individual, acerca de sua identidade enquanto categoria doméstica, no curso das relações sociais que se travam entre elas, seu sindicato e o curso de formação. Corroborando ainda com a nossa análise, Garcia (2005) sugere que as identidades são construídas no espaço de alteridade, ou seja, não há um *eu* que possa co-habitar fora do *outro*.

Comparando-se os recortes discursivos de T12(+3,61) e T8(-3,71), a seguir,

Garantir é. Primeiro, se chegar mais ao sindicato, ter mente aberta, boa vontade de estar nas **reuniões** né? , boa vontade porque pra tudo tem que ter boa vontade, não basta só querer não é o suficiente, nós temos que ter boa vontade e estar sempre atento às **necessidades** tanto da nossa categoria, do nosso dia-a-dia e também do que possa **ajudar** o sindicato. (T12-2)

Se unir mais, **lutar** mais pelos **direito** dela. e... **lutar, lutar** e **vencer** e **correr** atrás e onde tem pessoas assim... por exemplo... procurar realmente as pessoas que...podem fazer a diferença nesse, nesse... nesse... nesse momento, nesse trabalho que a gente vive... por exemplo, pra gente ter uma classe de empregada-doméstica aí que elas não ganha o salário que elas têm que ganhar, eu acho que a gente tem que **lutar** e fazer com que as patroa **respeite** esse direito dela. (T8)

observamos que a trabalhadora T12 demonstra compreensão ativa responsiva da idéia de organização social enquanto categoria. Observa-se, a partir do recorte discursivo acima (vide T8), o emprego da palavra *lutar*, no discurso da trabalhadora T8, cujo acento apreciativo indica que as trabalhadoras devem lutar muito pelos seus direitos e isso é enfatizado pelo dispositivo da repetição. No seu discurso, a trabalhadora T8 utiliza-se também das palavras *direito* e *respeite*. Para esse enunciador, a diferença, para assegurar a garantia dos direitos da empregada doméstica, depende de sua organização: “se unir mais, procurar e correr atrás das pessoas que podem fazer a diferença.” A trabalhadora T8 não deixa claro se essas pessoas que podem *fazer a diferença* seriam as pessoas que lideram o sindicato. O emprego de palavras como *unir*, *procurar*, *correr* e *categoria* denotam a existência de uma consciência, por parte desse enunciador, a respeito dessa organização social das trabalhadoras domésticas. Seu discurso expressa a posição exotópica que a trabalhadora toma em relação à categoria, e os indícios dessa exotopia se materializam através do uso dos verbos no infinitivo *lutar*, *vencer*, *correr* e *fazer*. A

utilização desses verbos permite-nos observar que há uma valoração, por parte desse enunciador, em relação ao processo de organização sindical, bem como se observa também uma inconclusibilidade do ser em processo, pois ao dizer que as trabalhadoras precisam *lutar, vencer, correr e fazer*, a enunciativa T8 estaria dizendo, implicitamente, que será necessário que as trabalhadoras devam assumir uma postura de mudança como forma de garantir os seus direitos. Bakhtin (2000), acerca dessa exotopia, defende que a posição de que o acabamento do *eu* venha de fora, ou seja, é o outro que nos completa, pois, só ele, pela posição que ocupa – posição exotópica – pode ver o que não vemos pelo excedente de visão dele. O lugar do qual vejo o outro não é qualquer lugar, é sempre um lugar social, valorado, que tem significação. Há, também, aqui, um ato que se projeta para o futuro, uma identidade que se encontra em processo, que surge de dentro do “*eu*” e é preenchida pelo “*outro*” através das formas pelas quais imaginamos ser vistos pelos outros (HALL, 2000).

Um olhar sobre o recorte discursivo de T2(-3,95), abaixo, permite-nos observar que essa enunciativa vê o sindicato como um espaço que propicia conhecimentos. No entanto, em seu discurso não aparece explicitamente a possibilidade de uma ação mais efetiva na luta pelos direitos através da organização, como foi observado nos recortes discursivos de analisados anteriormente nos recortes discursivos de T13, T12, por exemplo, (cf.p.100; 103)

a gente na **reunião**, a gente **sabendo**, a gente, a gente **ouvindo** as nossas amigas, a gente fazendo aquelas reuniões a gente vai **ouvindo** o lado positivo e o lado negativo. E ali é muito positivo (T2)

Os recortes discursivos de T3, abaixo, nos permitem afirmar que os direitos para essa enunciativa só podem ser garantidos se houver um conhecimento maior a respeito da luta via sindicato. Para isso, é necessário se associar a ele e participar das reuniões.

Lutar, se **reunir** mais e **lutar** todas no sindicato. (T3-1)

É... chegando no sindicato e procurando conversar, procurando se **associar**, não é? Se **associar**, e elas, elas, é... A gente consegue se comunicar mais, **discutir**,

reunião, essas coisas todas aí. E conseguir saber alguma coisa que a gente **desconhece**.(T3-2)

A respeito da informação que o sindicato pode prover à categoria, encontramos o seguinte discurso²⁹:

Os sindicatos oferecem o **apoio jurídico** e as **informações** (grifo nosso) para o acesso aos **direitos trabalhistas** (grifo nosso). Para aquelas domésticas que não **conhecem** (grifo nosso) os seus direitos e não sabem como **exigi-los** (grifo nosso) das patroas e dos patrões, o sindicato informa e diz como ela deve fazer, falando até mesmo coma a patroa e o patrão.(p.42)

O discurso enunciado pelo sindicato, no recorte discursivo acima, sugere que a informação é a ferramenta utilizada pelo sindicato para a exigência dos direitos. Há, também, nos discursos enunciados por T3 e T1 uma visão de que o sindicato é a instância que provê o conhecimento acerca dos direitos já adquiridos. Ao analisar o discurso enunciado pelas trabalhadoras e pelo sindicato observa-se uma confluência nesses discursos, ou seja, as variáveis afirmam que através do sindicato é possível “conseguir saber alguma coisa que a gente **desconhece**” (T3-2) e que esse conhecimento se dá nas reuniões “a gente **sabendo**, a gente, a gente **ouvindo** as nossas amigas, a gente fazendo aquelas reuniões a gente vai **ouvindo**” (T1) A confluência entre esses discursos se dá exatamente no momento em que o sindicato também diz que oferece o **apoio jurídico** e as **informações** (grifo nosso) para o acesso aos **direitos trabalhistas** (grifo nosso). Para aquelas domésticas que não **conhecem** (grifo nosso) os seus direitos e não sabem como **exigi-los** (grifo nosso). É nesse mundo articulado pelas estruturas sociais, que as trabalhadoras domésticas se constroem e são construídas no intervalo do diálogo entre os seus discursos e os discursos do *outro*, os quais estabelecem uma relação dialógica entre si.

Dois enunciados distintos confrontados um com o outro, ignorando tudo um do outro, apenas ao tratar superficialmente um único e mesmo tema entabulam, inevitavelmente, uma relação dialógica entre si. Ficam em contato, no território de um tema comum, de um pensamento comum. (BAKHTIN, 2000, p.191)

²⁹ Cf. nota 22 na p.96

Como dissemos anteriormente, em nossa análise, os sujeitos se constituem nas trocas languageiras, nas relações de alteridade, numa atitude ativa /responsiva entre os enunciados proferidos pelo “*eu*”, no caso a trabalhadora doméstica, e pelo *outro*, o discurso da formação, o discurso do sindicato.

Ao analisar e interpretar, quantiquantitativamente, o diálogo estabelecido entre o discurso instaurado no projeto TDC, o discurso do sindicato e o discurso das trabalhadoras domésticas, em relação à temática Empoderamento conforme ilustrado no Gráfico IV, verificamos que os dados sugerem que:

- a) todas as variáveis, em maior ou menor grau, têm a consciência de que o sindicato é muito importante para a consecução dos direitos trabalhistas;
- b) relacionam o fortalecimento do sindicato à qualificação profissional;
- c) vêem o sindicato como um espaço de construção de conhecimento acerca dos direitos já garantidos por lei;
- d) acreditam que só um sindicato fortalecido pode trazer uma garantia de mais direitos para todas as trabalhadoras domésticas;
- e) defendem que o sindicato não deve ser um espaço destinado para conhecimento de direitos, mas uma instância de participação de todas as trabalhadoras.

A partir das análises dos recortes discursivos, observamos que há neles uma série de atos irrepetíveis que se projetam para um futuro, um devir, que se configura na construção de uma nova identidade da trabalhadora doméstica enquanto categoria de trabalho fortalecida e organizada para garantir a efetivação dos direitos sociais já adquiridos e para adquirir mais direitos com a finalidade de acabar com a discriminação histórica relacionada à profissão. Há, no entanto, ainda uma retomada no discurso das trabalhadoras analisadas dentro dessa temática que revelam ainda desconhecimento acerca dos seus direitos e das ações que devem ser assumidas por essa categoria em prol da garantia dos mesmos, configurando assim uma fragilidade na identidade dessas enunciantoras.

CONCLUSÃO

Ao tecermos as considerações finais deste trabalho, convém retomar os objetivos e hipóteses de pesquisa para confrontá-los com os resultados encontrados. Postulamos como eixo norteador da pesquisa investigar como as trabalhadoras domésticas submetidas a um processo de formação educativo-profissional reagem a essa palavra trazida pelo discurso de formação, ou seja, como se dá a construção identitária dessas trabalhadoras enquanto categoria à luz dos novos conceitos introduzidos pelo projeto Trabalho Doméstico Cidadão.

Ao analisar o discurso das trabalhadoras em relação à temática *Identidade e Cultura*, trabalhada no projeto TDC, pudemos observar que os recortes discursivos enunciados pelas variáveis analisadas sugeriram que enquanto algumas trabalhadoras reconhecem o valor social do seu trabalho e exigem que ele seja respeitado na sociedade, outras ainda reproduzem o discurso construído sociohistoricamente da desvalorização do trabalho doméstico. Há aqui uma luta entre os acentos apreciativos dessas trabalhadoras em relação a esse novo discurso instaurado pelo projeto, discursos esses que não podem estar dissociados de sua evolução viva e nem da evolução histórica. Essas trabalhadoras-enunciadoras estão em constante processo de transformação social e nele a significação dos temas é absorvida e transformada no seio das suas contradições para retornar a uma nova significação e uma identidade igualmente provisórias.

Os recortes discursivos das variáveis analisadas, em relação à temática *Trabalho decente*, revelaram que o conceito de trabalho está sendo associado à questões como: honestidade, confiança e remuneração. Enquanto o discurso da formação diz que o *Trabalho Decente* é aquele que é realizado em condições de liberdade, igualdade, segurança e direitos trabalhistas, reconhecidos e efetivados, a entoação apreciativa das variáveis analisadas tomaram uma direção diferente. Para elas, o trabalho decente é aquele que é honesto, não necessita de qualificação e está relacionado à sobrevivência e não à garantia de direitos trabalhistas. Os resultados das nossas análises evidenciaram que as trabalhadoras domésticas são sujeitos que agem em relação aos outros e constroem a sua consciência na comunicação social e é justamente por isso que são singulares e ímpares a forma de apreensão do dizer do *outro* como também são

irrepetíveis a produção de sentidos em relação à palavra do outro. Sendo assim, concluímos que essas enunciadoras reagem ao discurso da formação de forma negativa porque ainda carregam as marcas de um discurso construído socialmente no *sensu comum* de que trabalho decente é aquele que é honesto e garante a sobrevivência.

Para o TDC, *Qualidade de vida*, a terceira temática desenvolvida pelo projeto, visa conscientizar as trabalhadoras acerca de como obter mais qualidade de vida no trabalho e na sociedade. As trabalhadoras também relacionam a qualidade de vida à educação, à qualificação profissional e ao acesso a direitos sociais, como saúde, educação, moradia, segurança e lazer. Os resultados encontrados em relação a essa temática permitem-nos concluir que as trabalhadoras domésticas ressignificam seus juízos de valor acerca do significado do trabalho doméstico no diálogo instaurado entre o seu próprio discurso e os discursos do *outro-formação-empregadores* no contexto de estruturas sociais e ideológicas nas quais estão inseridas.

O diálogo estabelecido entre o discurso do TDC e o discurso das trabalhadoras sugerem que as variáveis analisadas demonstraram ter consciência do que significa ser uma trabalhadora empoderada, uma vez que acreditam que o sindicato é um espaço de discussão, conhecimento e garantia de direitos. Nesse sentido, as enunciadoras demonstraram compreender que só um sindicato fortalecido pode garantir a efetivação dos direitos já conquistados e a conquista de outros direitos trabalhistas já garantidos por lei a outras categorias. Os discursos enunciados por essas variáveis constituem-se por uma série de atos irrepetíveis, dentro de um contexto histórico-social valorado por essas agentes-trabalhadoras domésticas que revelam a sua responsabilidade ética, em relação à sua nova identidade como categoria de trabalho, ou seja, cada trabalhadora assume, em seu discurso, a responsabilidade pelas conquistas de toda uma categoria.

À luz das relações dialógicas que constituem o todo desse grande diálogo compreendido entre os discursos enunciados e entrelaçados nas quatro temáticas, descritos e interpretados nos gráficos correspondentes, chegamos à conclusão “inacabada” de que as trabalhadoras domésticas encontram-se em um processo de construção identitária que lhes possibilita reconhecerem a si mesmas, tanto em relação aos seus próprios valores, como em relação aos valores e o olhar do *outro*, o empregador, o discurso da formação, o discurso da sociedade. Como diria Bakhtin (1997a) toda a vida

do *eu* consiste em conduzir-me no universo onde vivem as palavras do outro, reagindo às palavras do outro. Essas reações, segundo Bakhtin (1997a), podem variar infinitamente, e isso pode ser observado nos discursos analisados que ora se assemelhavam ao da formação, ao do sindicato, ora se opunham entre si e reproduziam o discurso da desvalorização da trabalhadora doméstica.

Podemos concluir também que a palavra do projeto de formação propôs às trabalhadoras, a tarefa de compreendê-la, de ressignificá-la, de reavaliá-la, de reagir a ela durante todo esse processo de qualificação. Tal processo, como ato único, nesse evento social e histórico, ainda vai gerar uma série de atos ininterruptos e contínuos que se projetam num devir, numa transformação da visão dessas trabalhadoras através desse excedente de visão a partir do qual elas vêem o *outro*, aos poucos, vão se apropriando das palavras do *outro* e concordando e discordando do que fora dito, nesse diálogo inconcluso e ininterrupto entre as trabalhadoras e todo esse universo vivo de palavras que se encontram nos discursos que circulam nas estruturas sociais nas quais estão inseridas.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Ato versus objetivação e outras oposições fundamentais no pensamento bakhtiniano. In: *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. FARACO, Carlos Alberto; CASTRO, Gilberto; TEZZA, Cristóvão (Org.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006 p.17-24.

_____. *O pesquisador e seu outro. Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa, 2006.

_____. Voices and silence in the humanities' text of research. *Cad. Pesqui.* n. 116, p. 7-19, 2002. [on-line] Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>> . Acesso em: 6 jun. 2007.

BAKHTIN, M. *Estética da comunicação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 a. (Informação obtida por livro eletrônico.)

_____. *Estética da comunicação verbal*. Tradução. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000

_____. *Hacia una filosofia del acto ético: de los borradores y otros escritos*. Barcelona: Antrhopos, 1997b.

_____. “O problema do conteúdo, do material e da forma da criação literária”. In: BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e Estética. A teoria do romance*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini et al. 3. ed. S. Paulo: UNESP, 1993, p. 13-70. (Tradução da Edição Russa de 1924).

_____. Para uma filosofia do ato. Tradução Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. 1993 a. (Traduzido da Edição Americana).

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002 (1ª. Edição Russa 1929). (Informação obtida por livro eletrônico.)

_____. *Toward a Philosophy of the Act*. Tradução Vadim Liapunov. Austin: University of Texas Press, 1993b.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

BASTOS, Liliana Cabral. Construção e reconstrução de identidade em interações de trabalho. In: SOUZA, Maria Cecília P.; FAITA, Daniel. *Linguagem e Trabalho*. São Paulo: Cortez, 2002. p 159-171

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth.(Org) *Bakhtin*. outros conceitos chaves. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth.(Org) *Bakhtin*. outros conceitos chaves. São Paulo: Contexto, 2008.

BRANDÃO, Teresinha. A heterogeneidade do sujeito: contribuições de teorias da enunciação. In: INDURSKI, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

Caderno das Educandas Temas: trabalho decente, identidade e cultura, qualidade de vida e empoderamento , 2006. Versão preliminar produzido pela PLANSEQ.

CAMLONG, André. *Méthode d'analyse lexicale textuelle et discursive*. Paris:C.R.I.C. & Ophrys, 1996

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. vol. 2.

CÁU, Juliana Durante. *O discurso do especialista sobre o lugar dos pais na clínica do autismo*. 2007, 295 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Programa de Pós-

Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/pgletras>>. Acesso em: 5 maio 2007.

CUNHA, Dóris Arruda. Bakhtin e a lingüística atual: interlocuções. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2005. p. 287-294.

DAHLET, Patrick. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In: BRAIT, Beth.(Org.) *Bakhtin: dialogização e construção do sentido*. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005.

DIAS, Luiz Francisco. Tema e significação em Bakhtin. In: *BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Campinas, Unicamp, 2005. p. 99-107

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. São Paulo: Pontes, 1987.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

FAÏTA, Daniel. *Análise dialógica da atividade profissional*. Rio de Janeiro: Express. 2005. Cap. Falar do trabalho, trabalhar a fala. p.15-53.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth.(Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008

_____. *Análise dialógica da atividade profissional*. Rio de Janeiro: Express, 2005. p. 98-115

FERREIRA, Lúcia M. A.; ORRICO, Evelyn G.D.,(Org.) *Linguagem, identidade e memória social*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FLICK, U. *Handbuch qualitativ socialforschung*. 2nd. ed. Munich:Psychologie Verlags Union, 2004.

FLORES, Valdir; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

GARCIA, Beatriz. Las nuevas formas de organización del trabajo: obstáculo para lá construcción de una identidad. In: SCHARSTIN, L.; LEOLPOLD, L. (Org) *Trabajo y subjetivida: entre lo esixtant y lo necesariu*. Buenos Aires ; Paily, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LUNA, Tatiana Simões. Guia eleitoral: as relações dialógicas e a construção do posicionamento discursivo na Campanha Eleitoral Majoritária do Recife em 2004. 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, 2007. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/pgletras>>. Acesso em: 5 nov.2007.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth Brait (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-166

MELO, Hildete. *O serviço doméstico no Brasil: de criadas a trabalhadoras*. [S. l.]: IPEA,1998. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/pub/td/td0565.pdf>>. Acesso em: 6 dez. 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

MOITA, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002. Cap. 1

PROJETO de qualificação com elevação de escolaridade no ensino médio. Trabalho Doméstico Cidadão. *Caderno do educador*. PNQ/PLANSEQ, versão preliminar, mimeografada, março-2006.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désiree (Org.) *Gêneros, teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SAMPAIO, Maria Cristina. Concepção dialógica de linguagem e a questão do método. *Investigações*, Recife: , v. 17, n.2, p.151 - 160, 2005.

_____. *Democracia, cidadania e linguagem em tempos de globalização*. Recife: PPGL, 2005

SINDICATO das domésticas: 12 anos em revista. Recife, 2000. Publicação avulsa

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOMÉSTICOS DA ÁREA METROPOLITANA DA CIDADE DO RECIFE. *O valor social do trabalho doméstico*. Recife: SOS Corpo, 1996

SOBRAL, Adail. Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. In: BRAIT, Beth Brait (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 123-150.

SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedv*. São Paulo: Humanitas, 1999.

SCHANNPER, Dominique. *Qu'est-ce que la citoyenneté*. [S.L.] : Gallimard, 2000.

SCHMIDT, Rita Teresinha. Em busca da história não contada ou o que acontece quando o objeto começa a falar? In: Indursky, Freda.(Org). *Discurso, memória e identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000.

TEZZA, Cristóvão. A construção das vozes no romance. In : BRAIT, Beth (Org.).*Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*.2. ed. rev. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2005.

VOLOCHÍNOV, V. N. “Le discours dans La vie et le discours dans la poésie”. In: TODOROV, Tzvetan. *Mikail Bakhtine : le principe dialogique : suivi de écrits du cercle de Bakhtine*. Paris : Éditions Du Seuil, 1981. p. 181-215.

VOLOCHÍNOV, V. N.; BAKHTIN, Mikhail. *Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica*. Tradução Carlos Alberto Faraco., 1976. 18 p. Título original “Discourse in life and discourse in art: concerning sociological poetics”. do original “Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics” (Informação obtida por livro eletrônico)

ZAPPAROLI, Zilda Maria; CAMLONG, André. *Do léxico ao discurso pela informática*. São Paulo: Edusp / Fapesp, 2002. (Acadêmica; 45. Série Lingüística Informática; 1).

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Universidade Federal de Pernambuco
Pós-graduação em Lingüística
Roteiro de entrevista

IDENTIFICAÇÃO

Nome completo:
Sexo:
Idade:

- 1-PARA VOCÊ, O QUE É SER TRABALHADORA DOMÉSTICA?
- 2- HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ EXERCE ESSE TRABALHO?
- 3-UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA PRECISA PASSAR POR UM PROCESSO DE FORMAÇÃO PARA EXERCER O SEU TRABALHO?
- 4- PARA VOCÊ O QUE SIGNIFICA A PALAVRA TRABALHO?
- 5-O TRABALHO DOMÉSTICO É UM TRABALHO DECENTE?
- 6- VOCÊ ACHA QUE OS DIREITOS DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS TÊM SIDO GARANTIDOS? POR QUÊ?
- 7- O QUE SIGNIFICA PRA UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA TER UMA CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA?
- 8- O QUE AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS PODEM FAZER PARA GARANTIR OS SEUS DIREITOS?
- 9-NA SUA OPINIÃO O QUE É SER CIDADÃ (O)?
- 10- O QUE VC. ACHA DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS QUE TRABALHAM DESDE MUITO CEDO?
- 11- O QUE É TER QUALIDADE DE VIDA PRA VOCÊ?
- 12- COMO OBTER MAIS QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO, EM CASA, NA SOCIEDADE?
- 13- AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS CONSEGUEM ADQUIRIR SEUS DIREITOS QUANDO PARTICIPAM DAS AÇÕES DO SEU SINDICATO?
- 14- O QUE REPRESENTA O PROJETO TRABALHO DOMÉSTICO CIDADÃO EM SUA VIDA?

APÊNDICE B – ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

T1 - Idade (50 anos)

NOME: EDICLÉA MARIA SANTOS DA SILVA – IDADE: 50 ANOS

Eu comecei a ser doméstica quando eu tinha vinte anos e passei uma boa parte do tempo sendo doméstica, é depois eu saí de uma casa e entrei em outra, assinaram minha carteira. E...fui faxineira, muitos anos de faxina, fiz muita faxina. Ainda tenho conhecidas minhas de patroa que virou amiga de muitos anos de trabalhar na casa delas.

PRA VOCÊ O QUE É SER TRABALHADORA DOMÉSTICA?

Pra mim é orgulho. Eu, o tempo que eu fui doméstica pra mim foi um orgulho. Sabia entrar e sabia sair, respeitar as pessoas, o patrão... os patrões dentro da casa e é...(pausa longa)

O QUE SIGNIFICA A PALAVRA TRABALHO?

Trabalho, você sem trabalho você não é um cidadão né? Porque se você não tem um trabalho você não tem o seu trocado na mão! E o trabalho é uma coisa muito importante na vida de uma pessoa.

O TRABALHO DOMÉSTICO PRA VOCÊ É UM TRABALHO DECENTE?

É decente mas é discriminado, né? É discriminado porque as pessoas não dão o valor que deveria dar. Né, é... uma empregada doméstica ela é proibida de entrar pelo portão da frente, ela não anda pelo elevador da frente, há muita discriminação, agora é um trabalho decente por ser um trabalho que lhe dá é... (pausa longa) lhe dá... é... segurança, né? Se você tem o seu trabalho, você tem a segurança de ter o seu dinheirinho de pagar as suas coisas. Esse pra mim é um trabalho muito decente.

VOCÊ ACHA QUE OS DIREITOS DAS TRABALHADORAS TÊM SIDO GARANTIDOS?

Ta sendo garantido pela luta dos sindicatos né? das trabalhadoras domésticas, porque se a gente ficasse de braços cruzados, não estaria até ao ponto que tá chegando de nós é de ter uma formação. De muitos, de muitas empregadas não, não ter estudado. Ter sido criada na casa dos patrão e não ter oportunidade de estudar! Né? E hoje muitas delas tá tendo de estudar, tendo a oportunidade de de... de fazer computação da questão de congelamentos e muitas outras oportunidade que o movimento das trabalhadoras domésticas tá fazendo pra que fortaleça, fortaleça mais esse movimento.

VOCÊ ACHA QUE AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS PRECISAM PASSAR POR UM PROCESSO DE FORMAÇÃO?

Com certeza. Porque se ela não tiver uma formação os patrão... se uma trabalhadora doméstica ela não sabe ler, ela não sabe escrever, muitas, muitas, muitas patroas não quer porque não sabe anotar um recado né?, e fica muito difícil pra aquela pessoa. É até constrangido, é até constrangedor né?

O QUE SIGNIFICA PRA UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA TER UMA CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA?

É ...(pausa longa) Significa tudo ,né? O seu seguro de aposentadoria porque se você tem a sua carteira-assinada com todos os seus direitos, pode mais adiante você está assegurada a se aposentar , não é com decência porque um salário-mínimo né que recebemos a gente não vive bem, mas vive na maioria das vezes bem melhor de que se não tivesse com a carteira-assinada.

NA SUA OPINIÃO O QUE É SER CIDADÃ?

Cidadã é você participar tanto dos sindicatos, como dos movimentos de mulheres, como na sua comunidade, do conselho de moradores.É tá envolvida nos movimentos sociais.

O QUE VOCÊ ACHA DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS QUE TRABALHAM DESDE MUITO CEDO?

Eu acho umas guerreiras, uma lutadora porque eu também sou e fui né? Eu acho que... que... elas são...umas mulheres guerreiras viu, porque é você viver sua infância, viver sua adolescência, chegar na vida adulta sendo doméstica, e tá ali no batente, sair de madrugada né? Enfrentando sol,chuva, além de falar, além de,de...muitas vezes deixar o trabalho, ir pra médico...não só pra ela mas pra família inteira da casa! Só dizer que são umas guerreiras!!!

O QUE É TER QUALIDADE DE VIDA PRA VOCÊ?

Qualidade de vida é você ter bem-estar né? Se você tem um bem-estar e... e tiver um é, um serviço de saúde que lhe atenda bem, se você tiver uma escola que lhe atenda bem, se você tiver um lazer, se você tiver... você tá, você tem uma qualidade de vida boa.

COMO OBTER MAIS QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO, EM CASA, NA SOCIEDADE?

O que pode fazer é estar organizada, né? É a pessoa se associar é,é no sindicato! Fortalecer o sindicato, tá organizada no sindicato!

AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS CONSEGUEM ADQUIRIR SEUS DIREITOS QUANDO ELAS PARTICIPAM DAS AÇÕES DO SEU SINDICATO?

Com certeza. Com certeza. Se não hoje não tinha conseguido esse curso que tá aí: Trabalho doméstico cidadão.

O QUE REPRESENTA O PROJETO TRABALHO DOMÉSTICO CIDADÃO EM SUA VIDA?QUAL A MUDANÇA TROUXE EM SUA VIDA?

Mudança trouxe muita. Eu me sinto muito orgulhosa.de estar participando desse curso e eu queria muito que outras, que esse projeto não fosse só um projeto-piloto. Que outras mulheres, que outras trabalhadoras-domésticas também participassem desse projeto né? Porque dá, além de você participar , tá participando do curso, não só da escrita, do teórico, mas também vai ter um curso básico de computação, de, de, de, é... cozinha, congelamento, isso e arrumação, , e tudo isso é muito importante pra nossa vida pra que a gente fique capacitada de ficar mais segura do que a gente vai fazer.

T 2 - Idade (45 anos)

PRA VOCÊ O QUE É SER TRABALHADORA DOMÉSTICA?

Um orgulho. Um orgulho.

ORGULHO DE QUÊ?

Do meu serviço. Que eu faço com amor. Com carinho.

HÁ QUANTO VOCÊ EXERCE ESSE TRABALHO?

Foi antes da minha menina nascer. Ela já tem 26 anos. Uns trinta anos mais ou menos.

UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA PRECISA PASSAR POR UM PROCESSO DE FORMAÇÃO PRA EXERCER O SEU TRABALHO?

Aparentemente sim porque nos tem que acompanhar a tecnologia.

CONHECER A TECNOLOGIA FACILITA O TRABALHO?

Facilita bastante.

PRA VOCÊ O QUE SIGNIFICA A PALAVRA TRABALHO?

Trabalho? saúde, orgulho e... é um sinal de que eu tô viva.

O TRABALHO DOMÉSTICO É UM TRABALHO DECENTE?

É.com certeza. Porque me faz uma cidadã.

VOCÊ ACHA QUE OS DIREITOS DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS TÊM SIDO GARANTIDOS?

Mais ou menos. O negócio tá meio devagar mas com paciência a gente vai chegar lá.

E O QUE É QUE FALTA?

Falta os homens né deixar a gente também ter os nossos direitos, porque depende, depende.. de muita gente né? E a gente tá aqui na espera, na expectativa.

QUAIS SÃO OS DIREITOS PRA VOCÊ QUE TÊM FALTADO?

Nós temos direito de ter a hora certa de pegar, a hora certa de largar. Ter o direito a ir pra médico sem apanha.ter todos os direitos que nem a firma tem, a gente também quer.

O QUE SIGNIFICA PRA UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA TER UMA CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA?

É um prazer né?

POR QUE? O QUE ISSO REPRESENTA NA SUA VIDA?

Porque a gente acha, eu me acho garantida né? Ter meu emprego. Posso chegar em qualquer canto pra fazer pra uma loja, comprar um móvel com a carteira né? Apresenta assim, pronto. Tamos assegurada, assegurada.

O QUE VOCÊ ACHA QUE AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS PODEM FAZER PRA GARANTIR OS SEUS DIREITOS?

Pra garantir? É a gente marcar presença na hora certa, fazer nosso serviço direito.

E ISSO GARANTE OS DIREITOS?

Assim pro lado da patroa. O patrão ta vendo o desenvolvimento de nós e diz, pôxa, gente, esse pessoal é legal. Depende da pessoa, mas eu acho que isso ajuda bastante.

NA SUA OPINIÃO O QUE É SER CIDADÃ?

Cidadã pra mim, ôxe. Eu acho na minha opinião é ter respeito e valor. Eu me acho respeitada e me acho lá fora com valor. Que eu sou uma cidadã e tenho direitos, tenho valor.

O QUE VOCÊ ACHA DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS QUE TRABALHAM DESDE MUITO CEDO?

Eu acho que...Eu mesmo comecei muito cedo né? A gente fica muito esgotada, muito cansada.

Chega uma certa ocasião em que a gente fica muito cansada.

VOCÊ COMEÇOU A TRABALHAR COM QUANTOS ANOS?

Eu sempre ajudei minha mãe né. Desde cedo, desde os sete anos eu já ajudava minha mãe, já lavava, já passava tudo. Muito cedo.

O QUE É QUE ISSO REPRESENTOU PRA SUA VIDA?

Pra mim é um orgulho. Pra mim é um orgulho. Eu não vivo sem, Deus me livre. Ou em casa ou na rua eu sou assim mesmo.

O QUE É TER QUALIDADE DE VIDA PRA VOCÊ?

Qualidade de vida é a gente trabalhar. É a gente ter onde dormir bem. Se alimentar bem, ter seu transporte. Tudo isso vai uma qualidade de ter lazer... uma qualidade de vida boa.

COMO OBTER MAIS QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO, EM CASA E NA SOCIEDADE?

Pra gente obter mais? Estudando, estudando.

ISSO GARANTE?

No meu ponto de vista sim. Que a gente fica mais importante, a gente se sente mais à vontade.

Arruma muitas amizades. Ajuda bastante.

AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS CONSEGUEM ADQUIRIR SEUS DIREITOS QUANDO PARTICIPAM DAS AÇÕES DO SEU SINDICATO?

Com certeza!

DE QUE FORMA?

De que forma ? a gente na reunião, a gente sabendo, a gente, a gente ouvindo as nossas amigas, a gente fazendo aquelas reuniões a gente vai ouvindo o lado positivo e o lado negativo. E ali é muito positivo.

O QUE REPRESENTA O TRABALHO DOMÉSTICO CIDADÃO EM SUA VIDA?

Oxê! foi maravilhoso. É maravilhoso.

VOCÊ PODIA CONTAR UM POUCO DA SUA EXPERIÊNCIA?

Foi bom. Eu cheguei lá numa situação muito difícil. Trabalhava com uma família e eu saí de lá.

Ficou faltando algo dentro de mim assim eu fiquei tão arrasada. Minhas amigas passaram, minha professora. E eu fiquei muito feliz. E essa menina hoje eu voltei pra ela de novo.

E O QUE É QUE REPRESENTA ISSO EM TERMOS DE QUALIFICAÇÃO, EM TERMOS DE PROFISSIONALIZAÇÃO?

Pra mim foi um orgulho. Foi Muito bom.

O QUE É QUE VOCÊ APRENDEU LÁ?

Muitas coisas. A respeitar as pessoas, a raciocinar mais, a ler, a me desempenhar melhor, muita coisa, muita coisa, muita coisa . É até difícil falar.

T3 – Idade (57 anos)

PRA VOCÊ O QUE É SER TRABALHADORA DOMÉSTICA?

Trabalhadora doméstica pra mim, é um serviço honesto, entendeu? que mais? É um serviço honesto e... pronto, é um serviço honesto.

VOCÊ ACHA ASSIM QUE ESSE TRABALHO TEM ALGUMA RECOMPENSA?

ELE ELEVA A PESSOA? O QUE VC. ACHA COMO TRABALHADORA DOMÉSTICA?

Que ele recompensa, recompensa sim. A partir do momento que a gente tem a nossa carteira assinada, ele é recompensado.

HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ EXERCE ESSE TRABALHO?

Eu já exerci há muito tempo, só que a minha carteira de trabalho só foi assinada uma vez.

QUANTO TEMPO MAIS OU MENOS VOCÊ TRABALHOU COMO TRABALHADORA DOMÉSTICA?

Ah, eu perdi a conta!

VOCÊ ACHA QUE UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA PRECISA PASSAR POR UM PROCESSO DE FORMAÇÃO PRA PODER EXERCER ESSE TRABALHO?

Sim. POR QUÊ?

Porque às vezes ela trabalha e não conhece as regras né? As regras do trabalho. Às vezes ultrapassa e às vezes nem completa.

QUE REGRAS SERIAM ESSAS?

È, no caso, pronto, digamos assim, ela trabalha mais é na cozinha, quer dizer, precisa de luva, não é isso? Ela trabalha em contato com os alimentos, né? Essas coisas assim! E às vezes a casa não dá e a gente não tem acesso a isso.

PRA VOCÊ O QUE SIGNIFICA TRABALHO?

Pra mim, a palavra trabalho? È bom, é uma coisa boa. Porque a gente tá ganhando, a gente tá recebendo!

O TRABALHO DOMÉSTICO PRA VOCÊ É UM TRABALHO DECENTE?

É!

POR QUÊ?

A partir do momento que ele é decente porque a gente trabalha com amor, com garra né? Amor e tudo, aí passa a ser decente e a partir do momento em que a gente trabalha honestamente.

VOCÊ ACHA QUE OS DIREITOS DAS TRABALHADORAS TÊM SIDO GARANTIDOS?

É, tá meio balanceado. POR QUÊ? Porque eles prometem uma coisa, pronto, em relação a horário, a gente tem que trabalhar o quê, a gente trabalha de acordo com o que o patrão concorda com a gente, certo? Eu quero que vocês trabalhem até, faça uma extrasinha, né? mas essa extrasinha nunca é paga, entendeu? Porque o certo é a gente trabalhar oito horas, não é isso? pronto Aí sempre ultrapassa.

ISSO QUER DIZER QUE NÃO TEM UMA JORNADA DE TRABALHO DEFINIDA, E VOCÊ ACHA QUE ISSO NÃO É UM DIREITO AINDA GARANTIDO.

Não, não, de jeito nenhum!

O QUE SIGNIFICA PRA UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA TER UMA CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA?

Os direitos. Todos os direitos que a gente tem.

VOCÊ TEM ESSES DIREITOS?

Eu tinha né? Quando assinou minha carteira.. não tinha não! Assinou minha carteira, a pulso, foi lá no sindicato e não foi pago o INSS não.

ENTÃO VOCÊ NÃO TEM O DIREITO À APOSENTADORIA, POR EXEMPLO, NESSE MOMENTO?

Não. O INSS não. Em relação a trabalhador doméstico, não!

O QUE AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS PODEM FAZER PARA GARANTIR OS SEUS DIREITOS?

Lutar, se reunir mais e lutar todas.

ONDE?

No sindicato.

NA SUA OPINIÃO O QUE É SER CIDADÃ?

Cidadã é uma pessoa de bem, uma pessoa correta, né? que siga corretamente todo, tudo o que é certo, certo?

O QUE VOCÊ ACHA DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS QUE TRABALHAM DESDE MUITO CEDO?

Desde cedo como assim? A idade? Não. Aí é incorreto. Porque são crianças e precisam estudar, pra isso tem muitas crianças por aí analfabetas.

E VOCÊ ACHA QUE ISSO TEM ALGUMA CONSEQÜÊNCIA?

Tem! Tem sim!!! Mais tarde conseguir um emprego, e... e... pegar uma receita pra ler. Não eu não conheço essa comida não. A patroa pede uma comida assim, assim. Não eu não conheço não. Não, mas tá aqui um livrinho de receitas, você leia e tal e a pessoa não saber.

O QUE É TER QUALIDADE DE VIDA PRA VOCÊ?

Pra mim, eu não tenho nem o que dizer da qualidade de vida.

NÃO TEM? O QUE É QUE FALTA? VOCÊ PODERIA DIZER?

Um emprego, um emprego não, um trabalho.

AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS CONSEGUEM ADQUIRIR SEUS DIREITOS QUANDO PARTICIPAM DAS AÇÕES DO SEU SINDICATO?

Conseguem!

DE QUE FORMA?

De que forma? É...chegando no sindicato e procurando conversar, procurando se associar, não é? Se associar, e elas, elas, é... A gente consegue se comunicar mais, discutir, reunião, essas coisas todas aí. E conseguir saber alguma coisa que a gente desconhece.

O QUE REPRESENTA O PROJETO TRABALHO DOMÉSTICO CIDADÃO EM SUA VIDA?

Ah, muita coisa boa. Ele trouxe muita coisa boa na minha vida. Pelo menos na minha vida trouxe muita coisa boa.

VOCÊ PODERIA DIZER ASSIM QUE COISAS FORAM ESSAS?

Eu fazia muito tempo que estava sem estudar! Muitos anos! Consegui o 1º. Grau, não é isso? Hoje estou fazendo o 1º. Científico, né? A nova tecnologia, informática, essas coisas todas! Coisas que eu não sabia antes! Pegava um microondas assim, ficava olhando. Não sabia nem o manuseio dele como é que era. Hoje eu já sei.

E QUANTO A QUESTÃO QUE VOCÊ FALOU AÍ DA INFORMÁTICA, O QUE É QUE REPRESENTOU PRA VOCÊ? Ah, foi bom demais. Representou muita coisa boa. Eu tenho a maior vontade de pegar um computador e de né?:? manusear ele. E eu pegava sempre o computador onde eu estudo, mas ele já ligado. Entendeu? E o certo é ligar e desligar ele, entendeu? Mas hoje eu sei.

T4 – Idade (51 anos)

PRA VOCÊ O QUE É SER TRABALHADORA DOMÉSTICA?

Trabalhadora doméstica pra mim é uma profissão como outra qualquer, tão digna quanto um médico, um engenheiro, um advogado... É uma profissão que a gente também demonstra que as pessoas têm confiança na gente porque se não tem confiança, a patroa não deixa a casa entregue nas mãos de uma doméstica. Trabalhadora doméstica pra mim é um trabalho digno.

VOCÊ ACHA QUE UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA PRECISA PASSAR POR UM PROCESSO DE FORMAÇÃO PRA PODER EXERCER ESSE TRABALHO?

Não necessariamente um processo de formação, a trabalhadora doméstica que tem uma formação profissional, ela tem mais chances no mercado de trabalho... agora mesmo... com esse curso que a gente fez. Temos a chance de, tivermos a chance de aprender a cuidar de idosos, de crianças é..., a postura no manuseio dos equipamentos de limpeza que já não prejudica a coluna. Então eu acho que uma qualificação é bom! Toda profissão qualificada, é melhor!

O QUE SIGNIFICA A PALAVRA TRABALHO? Muita coisa. Significa dignidade porque a pessoa que trabalha é... tem o seu dinheiro, tem auto-suficiente, tem a sua independência financeira. Trabalho é uma frase que eu escuto desde criança que o trabalho dignifica o homem. No caso o ser humano né? Que sou mulher.

O TRABALHO DOMÉSTICO PRA VOCÊ É UM TRABALHO DECENTE?

Muito decente. **POR QUÊ?** Porque envolve toda uma questão de confiança né, você ta dentro da casa, convivendo com as pessoas a pessoa bota você dentro da casa dela, então tem que ter aquela confiança, né? E... é um trabalho decente sim, muito decente!

VOCÊ ACHA QUE OS DIREITOS DAS TRABALHADORAS TÊM SIDO GARANTIDOS?

Em parte porque, por exemplo, nós não temos uma jornada de trabalho! Eu acho isso péssimo porque temos que chegar num determinado horário agora a hora de sair muito difícil o patrão respeitar o horário da trabalhadora doméstica sair. Eu tenho sorte. Me respeitam no meu horário de de largar, pra ir pra escola, inclusive que eu continuo estudando.

O QUE SIGNIFICA PRA UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA TER UMA CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA? Significa que os meus direitos como cidadã, né? Foi o meu futuro. Eu já sou aposentada por invalidez que eu tive um problema sério de saúde. Sou aposentada por invalidez. Se eu não tivesse uma carteira de trabalho assinada, com certeza, minha situação estaria muito difícil.

NA SUA OPINIÃO O QUE É SER CIDADÃ? Cidadã?! Pra mim, ser cidadã é respeitar, ser respeitado, respeitar os direitos das pessoas, respeitar o meu direito. Ter a garantia do meu direito, né? Pra mim é poder estudar, poder andar livremente de cabeça erguida. É isso!

O QUE VOCÊ ACHA DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS QUE TRABALHAM DESDE MUITO CEDO? É difícil falar porque eu comecei aos nove anos de idade. Eu perdi a minha infância como trabalhadora doméstica. Foi muito difícil, eu não acho uma coisa boa uma criança trabalhar muito cedo na casa das pessoas como trabalhadora doméstica. Nem em qualquer profissão. Eu acho que criança tem mais é que estudar e depois vir a pensar o que é que tem de fazer da vida, o que é que ela quer fazer da vida. Não acho certo uma pessoa colocar uma criança pra trabalhar na sua casa, porque ela ta tirando a liberdade daquela criança, ela ta roubando a infância daquela criança. Não dá certo, uma trabalhadora doméstica não pode começar cedo de jeito nenhum que ela perde a infância, perde a adolescência, perde até mesmo o direito de optar se é aquilo mesmo que ela quer fazer!

O QUE É TER QUALIDADE DE VIDA PRA VOCÊ? Qualidade de vida pra mim é ter meu espaço, é ter minha casa, meus filhos ter a minha... a minha renda todo mês né? O meu dinheiro todo mês. Não preciso de luxo, eu quero apenas um pouco assim de dignidade na moradia né? Ter uma casa para morar, saneamento básico, saúde, educação, qualidade de vida é tudo isso aí junto.

COMO OBTER MAIS QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO, EM CASA, NA SOCIEDADE?
Como obter mais qualidade de vida?! É tanta coisa né? Aí começa pela educação aí vem saúde, vem segurança, vem habitação.... vem dignidade, tudo isso junto pra mim é qualidade de vida.

AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS CONSEGUEM ADQUIRIR SEUS DIREITOS QUANDO PARTICIPAM DAS AÇÕES DO SEU SINDICATO?Consegue! DE QUE FORMA?

Ah, vem a luta de toda uma categoria, né? Falta pouco pra gente possa ter todos os direitos que as outras categorias profissionais têm que é jornada de trabalho regulamentada e o FGTS porque quando uma trabalhadora doméstica se desemprega ela não tem direito ao seguro-desemprego.

Se ela tivesse o FGTS ela teria esse direito. Eu acho que falta essas duas coisas. Jornada de trabalho regulamentada e principalmente o FGTS. Mas carteira assinada nós já temos, licença-maternidade nós já temos, aposentadoria por invalidez, por tempo de serviço, férias, décimo-terceiro, então eu acho que todas as trabalhadoras domésticas deveria inclusive fazer parte do seu sindicato, porque um sindicato que reúne muitos associados, muitos trabalhadores a tendência dele é se fortalecer mais e mais ainda e conseguir benefícios pra toda uma categoria.

O QUE REPRESENTA O PROJETO TRABALHO DOMÉSTICO CIDADÃO EM SUA VIDA?

Muita coisa! Representou muita coisa mesmo! Pra mim eu posso dizer que foi um renascimento. Eu tava passando por uma situação muito difícil, problemas particulares. E voltei a estudar através do TDC para mim foi uma maravilha. Eu pensava às vezes de voltar a estudar, mas eu tinha vergonha de entrar numa sala de aula de uma escola tradicional, achando que ia ser discriminada. No TDC não, ali todas, todas éramos amigas, as que não se conhecia passou a se conhecer. Tenho muitas amigas, inclusive é Elisângela, Adriana, Betância, meninas que eu conheci lá e que a gente tá se dando superbem depois disso eu me senti fortalecida pra sair de lá e eu estou fazendo o primeiro ano do ensino médio, então... foi um renascimento, foi tudo!

T5 - Idade (28 anos)

PRA VOCÊ O QUE É SER TRABALHADORA DOMÉSTICA? Trabalho doméstico é você trabalhar, tomar conta dos filhos dos patrões, não negar a identidade feito eu fazia isso. Antigamente, uma pessoa perguntava a minha profissão e eu não dizia que era doméstica.

E PORQUE HOJE VOCÊ ASSUME ESSA PROFISSÃO, O QUE FOI QUE MUDOU? Por causa das reuniões que eu ia sempre aos sindicatos. Feito o curso que a gente teve com a professora Virgínia, ela sempre dizia pra gente que a gente não deve falar sobre a identidade, feito por exemplo eu negava que era doméstica.

HÁ QUANTO VOCÊ EXERCE ESSE TRABALHO? Eu comecei aos doze anos até a data de hoje.

UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA PRECISA PASSAR POR UM PROCESSO DE FORMAÇÃO PRA EXERCER O SEU TRABALHO? Sim. **POR QUÊ?** Porque nem todas têm a capacidade de enfrentar um trabalho doméstico. Por exemplo, confiança. Porque a patroa sai de manhã e só volta à noite, deixa a responsabilidade todinha por conta da sua empregada. **E A FORMAÇÃO AJUDA EM QUÊ?** A prestar atenção nas coisas que tem. Não pegar nada, deixar lá quietinho do jeito que a patroa deixa. Muitas vezes a patroa deixa dinheiro numa cama, ou até mesmo em cima do computador. A gente não pegar no que é alheio.

PRA VOCÊ O QUE SIGNIFICA A PALAVRA TRABALHO? É um trabalho decente. **O TRABALHO DOMÉSTICO É UM TRABALHO DECENTE? É. PORQUE? QUAL SERIA A DIMENSÃO? O QUE É DECENTE?**

Cabe a gente doméstica ser decente com as patroas. **E ISSO É UM TRABALHO DECENTE? É VOCÊ ACHA QUE OS DIREITOS DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS TÊM SIDO GARANTIDOS?** Nem todos.

E O QUE É QUE FALTA? O FGTS que ainda não foi aprovado. Ta em Brasília pra decidir se vai ser aprovado ou não.

O QUE SIGNIFICA PRA UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA TER UMA CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA? A minha carteira mesmo ela é assinada. **O QUE ISSO SIGNIFICA PRA VOCÊ?** Significa muita coisa porque quando um dia eu falecer ficará pra o meu filho.

O QUE VOCÊ ACHA QUE AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS PODEM FAZER PRA GARANTIR OS SEUS DIREITOS? Ir sempre ao sindicato.

NA SUA OPINIÃO O QUE É SER CIDADÃ? ESSA PALAVRA REPRESENTA O QUÊ?

Ser uma cidadã, trabalhar, estudar, ganhar seu próprio dinheiro. Eu acho que seja isso.

O QUE VOCÊ ACHA DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS QUE TRABALHAM DESDE MUITO CEDO? Ah isso é ruim né?. Porque a gente deixou tudo pra traz o estudo, o lazer, depois que eu comecei a trabalhar como doméstica.

VOCÊ COMEÇOU A TRABALHAR AOS DOZE ANOS NÉ? ISSO SIGNIFICA TER PERDIDO O QUÊ? Os estudos que eu não tive. Eu tinha o quê, a terceira série.

O QUE É TER QUALIDADE DE VIDA PRA VOCÊ?

Qualidade de vida é você não ter muita coisa pra oferecer a seus filhos. **É NÃO TER OU TER?** É ter boas coisas pra oferecer.

QUE COISAS SERIAM ESSAS QUE PODEM SER OFERECIDAS A UM FILHO?

Uma boa escola, uma boa alimentação, um bom ensino.

COMO OBTER MAIS QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO, EM CASA E NA SOCIEDADE? COMO SE PODE OBTER MAIS QUALIDADE DE VIDA NESSES ESPAÇOS?

Na escola.

A ESCOLA ABRE CAMPO PRA ISSO?

É

AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS CONSEGUEM ADQUIRIR SEUS DIREITOS QUANDO PARTICIPAM DAS AÇÕES DO SEU SINDICATO?

Conseguem DE QUE FORMA? Através de reuniões, ir sempre lá.

O QUE REPRESENTA O TRABALHO DOMÉSTICO CIDADÃO EM SUA VIDA?

Representou muita coisa.

VOCÊ PODIA DAR ALGUNS EXEMPLOS PRA NÓS QUAL FOI A DIFERENÇA QUE ELE FEZ EM SUA VIDA, ESSE MOMENTO DE FORMAÇÃO QUE VOCÊ PASSOU?

Menti pra que eu não era doméstica. Eu sendo doméstica.

QUE OUTRAS COISAS MAIS ESSA FORMAÇÃO LHE TROUXE?

Que a gente tem os direitos conquistados pelo sindicato.

E ESSA FORMAÇÃO LHE AJUDOU A TOMAR CONSCIÊNCIA DISSO?

Exatamente.

T6 – Idade (60 anos)

PRA VOCÊ, O QUE É SER TRABALHADORA DOMÉSTICA?

Preciso trabalhar! Essa foi a profissão que eu tive na vida! porque eu não estudei. E é um trabalho digno! Com esse trabalho eu tenho certeza que muitas pessoas cresceu e estudou e fez faculdade alimentado por esse trabalho.

HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ FAZ ESSE TRABALHO? Há 30 anos.

UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA PRECISA PASSAR POR UM PROCESSO DE FORMAÇÃO PARA EXERCER ESSE TRABALHO?

Ela começa muito cedo... Chega na casa e ainda não sabe o que vai fazer, como aconteceu comigo. A patroa teve que me ensinar! Aí hoje eu sei que precisa! Evoluiu muito daquele tempo pra cá, mas é necessário que tenha aprendizagem. Uma coisa pra formar as trabalhadoras.

PRA VOCÊ O QUE SIGNIFICA A PALAVRA TRABALHO?

Trabalho é dignidade de qualquer pessoa!

O TRABALHO DOMÉSTICO É UM TRABALHO DECENTE?

É um trabalho decente! É pena que ainda não é tão visibilizado como devia ser.

VOCÊ ACHA QUE O DIREITO DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS TÊM SIDO GARANTIDOS?

Todos não! Precisamos de muito ainda!

POR QUÊ?

Porque as leis não deu cobertura a todos, a todas reivindicações que já fizemos. Ainda continua numa certa negação.

O QUE SIGNIFICA PRA UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA TER UMA CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA?

Significa que ela tá apresentando que é trabalhadora. Com dignidade!

O QUE AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS PODEM FAZER PRA GARANTIR OS SEUS DIREITOS?

Trabalhar, reivindicar, procurar o órgão é competente que é o sindicato. E lutar para que os direitos venha a ser respeitados, venha a ser visto por lei né?

NA SUA OPINIÃO, O QUE É SER CIDADÃO?

Cidadão é uma pessoa... Continuo dizendo: ter dignidade, porque uma pessoa que é digna é um cidadão de bem!

O QUE VOCÊ ACHA DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS QUE TRABALHAM DESDE MUITO CEDO?

Trabalha porque não teve oportunidade de fazer um outro serviço, como eu já disse antes de fazer outra profissão. Não estudou isso é que foi ruim e ta sendo ainda muito ruim. Quem é empregada, empregada-doméstica não escolhe. Ninguém nunca fez uma faculdade pra ser empregada doméstica, só vai pela uma condição que impõe.

O QUE É TER QUALIDADE DE VIDA PARA VOCÊ?

Ter qualidade-de-vida é ter todos os direitos garantidos pela lei. Ter emprego. Ter casa, ter família... Ter enfim, ter tudo que é necessário para um cidadão que vive.

COMO OBTER MAIS QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO, EM CASA E NA SOCIEDADE?

Uma coisa é estudar né? Uma coisa que estudar desenvolve muito o ser-humano e aí com um bom emprego a gente tem boa qualidade-de-vida.

AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS CONSEGUEM ADQUIRIR SEUS DIREITOS QUANDO PARTICIPAM DAS AÇÕES DO SEU SINDICATO?

Consegue. Ela quando vai ao sindicato ela quando sai, já é uma outra pessoa, já sai com outra visão.

PRA VOCÊ O QUE REPRESENTA O TRABALHO DOMÉSTICO CIDADÃO?

Representa muita coisa. É de grande valia esse trabalho projeto-cidadão, só nome já ta se vendo que uma boa coisa, um trabalho, um projeto

T7 – Idade (57anos)

1-PARA VOCÊ O QUE É SER TRABALHADORA DOMÉSTICA?

Trabalhadora doméstica é igual outro trabalho na sociedade porque é... o trabalho doméstico é feito no...no... no privado... porque fosse no...no...no... no público aí todo munda dava valor, mas no privado só dá valor as pessoas as parentes é as amigas do/da patroa que vem e dá... dizer que isso tá bom ou tá ruim. Sempre é gente de fora que vem na casa da patroa.

2-HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ EXERCE ESSA PROFISSÃO?

Desde setenta e três.

3-UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA PRECISA PASSAR POR UM PROCESSO DE FORMAÇÃO PARA EXERCER O SEU TRABALHO?

Antes não precisava né, porque a gente vinha do interior, vinha da cidade não precisava disso, mas agora com a nova tecnologia, com a globalização, aí precisa sim, porque tem muitas coisas moderna e as pessoas não sabe mexer nas coisa, usar né?

4-PARA VOCÊ O QUE SIGNIFICA A PALAVRA TRABALHO?

Trabalho é uma pessoa que... é aquela pessoa que tem posição de trabalhar e tem a sua liberdade no seu trabalho porque você ganha seu dinheiro ou vc. tem a dependente. Você trabalhando você é uma pessoa dependente.

5-O TRABALHO DOMÉSTICO É UM TRABALHO DECENTE?

Eu acho que sim porque se a gente trabalha casa de uma patroa é como você tivesse numa repartição pública e o trabalho doméstico é grande valor pra uma pessoa porque a patroa sai, deixa aquela doméstica hora que ela chega a casa tá toda limpa e o esforço foi daquela doméstica. Pra mim é muito importante.

6-VOCÊ ACHA QUE OS DIREITOS DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS TÊM SIDO GARANTIDOS?

Olhe, garantido todos não porque ainda falta uns ainda. Que o o Lula deu uns, mas ainda falta mais ainda. A gente precisa de terminar pra ficar igual o outros trabalhador.

7-O QUE SIGNIFICA PARA UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA TER UMA CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA?

Eu acho que a pessoa que é uma cidadã tem que ter uma carteira assinada porque com a carteira assinada, a gente é igual outro trabalhador. Por que outro trabalhador não trabalha com a carteira assinada? e que não pode trabalhar?

8-O QUE AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS PODEM FAZER PARA GARANTIR OS SEUS DIREITOS?

É... conhecer os seus direitos, vim ao sindicato, participar da assembléia, e, exigir da sua patroa a sua carteira assinada.

9-NA SUA OPINIÃO, O QUE É SER CIDADÃ? Cidadã, eu acho que não é, é sua cidadania né? No dia que você tem seu registro, você faz uma parte da... ser cidadã com seu registro e... eu acho que é muito importante que sua, seu registro n'?! e... sua formação né?

10-O QUE VOCÊ ACHA DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS QUE TRABALHAM DESDE CEDO?

Antigamente trabalhava, mas agora não, porque só trabalha a partir dos 16 anos, o meio expediente que meio trabalha e meio vão pra escola.que senão muito cedo demais fica prejudicada a sua juventude.

11-O QUE É TER QUALIDADE DE VIDA PRA VOCÊ?Qualidade de vida é que na sua comunidade tem um posto de saúde, tem uma delegacia, tem o comércio, a sua rua é calçada, seu esgoto é encanado, água,luz, energia e segurança que a gente não tem.

12-COMO ENTÃO OBTER MAIS QUALIDADE DE VIDA, NO TRABALHO, EM CASA E NA SOCIEDADE?

Ser é, na sociedade, é a gente votar, conhecer o candidato e exigir que as pessoa não sabe exigir. E no trabalho, é ser respeitado e respeitar. Eu acho que é, né?!

13-AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS CONSEGUEM GARANTIR SEUS DIREITOS QUANDO PARTICIPAM DAS AÇÕES DE SEU SINDICATO?

Sim. Porque se a pessoa tem uma cabeça ampla né, tem uma visão ampla! Aí vc. sabe o que que é bom pra você e o que não é. No sindicato, você aprende as coisa que deve aprender. E também eu digo assim você ficar bem sabida e trate seu patrão de igual para igual.

14-O QUE REPRESENTA O PROJETO TRABALHO DOMÉSTICO CIDADÃO NA SUA VIDA?

Olhe, faz 40 anos que eu deixei de estudar, Voltei pruma sala de aula. Eu sei que é diferente, mas pra mim foi muito bom também com outro curso eu aprendi falar, deixei a timidez que eu digo agora eu já falo com outras pessoa nos movimentos que eu vou representar o sindicato e eu acho muito importante na hora que o sindicato eu vou pra qualquer evento e a pessoa lê o sindicato das trabalhadoras domésticas está presente. eu acho pra mim assim uma coisa importante.

T8 - Idade (42 anos)

PRA VOCÊ, O QUE É SER TRABALHADORA DOMÉSTICA?

Ó, como eu trabalho desde os meus I-12-anos como trabalhadora-dom é... eu aprendi tudo sozinha na vida né... principalmente que eu procurava sempre prestar atenção no que as pessoa faz, porque não adianta fazer cursos de domésticas e chegar na prática não saber usar.

2-HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ EXERCE ESSA PROFISSÃO?

Ó, eu exerço esse trabalho de doméstica desde os meus I-12-anos, hoje eu já tenho I-44-anos então... eu trabalhei ali em Casa-Amarela T-16-anos, trabalhei em São-Paulo também como babá e cozinheira, e tudo eu já fiz tudo. Todos trabalho-doméstico eu faço um pouco de tudo....

3-UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA PRECISA PASSAR POR UM PROCESSO DE FORMAÇÃO PARA EXERCER O SEU TRABALHO?

Precisa né? Ela precisa ser educada, ser discreta, muitas vezes trocam confiança a ela... ela tem que guardar pra ela...ela não pode tá dividindo com ninguém. E ser uma pessoa trabalhadora mesmo, não envergonhar sua classe! Com certeza! É... hoje em dia pra você lidar com computador, com ela, por exemplo, no trabalho precisa...vá desligar aquela televisão ali, se você não sabe, se tem...eu conheço pessoas mesmo dessa classe que não sabe nem escrever seu nome que dirá...mexer com aparelho doméstico!

4-PARA VOCÊ O QUE SIGNIFICA A PALAVRA TRABALHO?

Pra mim? Significa... trabalho...significa sobrevivência!

5-O TRABALHO DOMÉSTICO É UM TRABALHO DECENTE?

Oh, Quando ele é reconhecido, é um trabalho-decente, mas não vamo dizer que toda classe...respeite esse trabalho não, viu! Porque tem muitas patroa que não respeita sua os direitos da empregada. eu conheço mesmo colegas minha de trabalho que ganha D-R\$ 150,00 pra sobreviver. Quer dizer não tá sendo ainda respeitado não! Não! de jeito nenhum!

6-VOCÊ ACHA QUE OS DIREITOS DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS TÊM SIDO GARANTIDOS?

Eu fico decepcionada com as coisa que eu vejo, não no meu caso... no meu caso..onde eu trabalho, respeitam meu trabalho, me pagam tudo direito. salário, décimo, férias.tudo direitinho, mas eu vejo muitas de minha classe que não respeitada não, não são reconhecido o trabalho delas.

7-O QUE SIGNIFICA PARA UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA TER UMA CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA?

Significa que ela pode... quando chegar a velhice, quando chegar o final do trabalho dela, ela ter o salário dela pra receber, ela ter o S-INPS. Se bem que o S-INPS hoje não é tão importante não.eu assisto televisão todos os dias e vejo aí na reportagem como é tratado o idoso. Ah, o que elas pode fazer? hham!! Se unir mais, lutar mais pelos direito dela. e... lutar, lutar e vencer e correr atrás e onde tem pessoas assim... por exemplo...procurar realmente as pessoas que...podem fazer a diferença nesse, nesse... nesse... nesse momento, nesse trabalho que a gente vive... por exemplo, pra gente ter uma classe de empregada doméstica aí que elas não ganha o salário que elas têm que ganhar, eu acho que a gente tem que lutar e fazer com que as patroa respeite esse direito dela.

9-NA SUA OPINIÃO, O QUE É SER CIDADÃ? Ai! Na minha opinião ser uma cidadão é... as pessoas ter respeito é...é sobrevivência de vida, é... ter direito, ter... todos os direitos que um, que um uma pessoa... uma trabalhadora tem... ter sobrevivência de vida né? ter trabalho..

10-O QUE É TER QUALIDADE DE VIDA PRA VOCÊ?

.Pra mim? Pra mim ter qualidade-de-vida é eu ter o meu trabalho... ter minha casa e... lutar por tudo aquilo que eu quero... então pra mim é qualidade-de-vida! correr atrás do que eu quero...

11-COMO ENTÃO OBTER MAIS QUALIDADE DE VIDA, NO TRABALHO, EM CASA E NA

SOCIEDADE? Como obter tudo isso, nossa!.....hummmm.....às vezes eu acho que... ser mais respeitada ...e... não sei... ser reconhecida na sociedade. Eu não acho não! Acho que um salário mais digno! Isso daria. Daria pra ter uma qualidade de vida melhor!

Bom, na minha casa... qualidade-de-vida é...êe!!! ter uma boa pra dar às minhas filha... é... poder chegar em casa e saber que é minha!

Não ter a preocupação que amanhã eu possa tá na rua e ...nunca parar de trabalhar... antes do tempo!

12-AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS CONSEGUEM GARANTIR SEUS DIREITOS QUANDO PARTICIPAM DAS AÇÕES DE SEU SINDICATO? Mais ou menos. Não. não é bem assim não... é uma democracia, você tem que brigar pelo que você quer. Eu acho que ... eu acho que as pessoas não deveriam precisar ir numa justiça pra ter direito! Se...o direito tá ali a pessoa ia pagava e pronto, mas não, você tem que brigar, botar advogado, aquela democracia aí... não é também assim não!

13-O QUE REPRESENTA O PROJETO TRABALHO DOMÉSTICO CIDADÃO NA SUA VIDA?

Ói, pra mim representou muito assim... de saber que a empregada existe! Porque a empregada era como uma amiga minha fala assim, o quarto da empregada, então fica bem afastado do povo, da sociedade porque é empregada...como se a gente fosse uma doença-contagiosa, não pudesse viver na sociedade hoje não, hoje... pra mim... esse projeto aí...a minha própria patroa disse, vá em frente! Quando parar você vai fazer outros cursos e não perca tempo!aí quer dizer só ela me incentivando, pra mim...que nem uma patroa faz isso não! é muito difícil uma patroa incentivar sua empregada estudar...pra ficar esperta assim...pra poder até arrumar outro emprego né? é porque emprego de empregada doméstica não é...um emprego reconhecido ainda não! Tão reconhecido não, né?! Eu espero que esse novo governo aí, antes de ele sair, ele faça o fundo de garantia, né?!Que aí sim foi reconhecido o trabalho-doméstico!

T9 – Idade (30 anos)

1-PRA VOCÊ O QUE É SER TRABALHADORA DOMÉSTICA?

No meu caso ser trabalhadora doméstica não foi por acaso né? Somos nove filhos e minha mãe não tinha condições de dar aquilo que a gente precisava. Então a única oportunidade que eu tive é foi trabalhar como empregada doméstica porque já era conhecida da minha mãe aí eu iniciei eu acho que eu já tinha uns treze anos. Mas não era, ela não me tratava assim porque por eu ser pequena, menor né? Ela dizia assim, você é uma conhecida da gente né? Você pode ir lá pra casa me ajudar a fazer uma arrumação, a varrer uma casa, aí comecei assim... Aí até agora eu continuo exercendo essa função.

2-HÁ QUANTO VOCÊ EXERCE ESSE TRABALHO? Olha assim mesmo, mesmo, mesmo, eu tinha uns dezoito anos. Porque era como se fosse assim, aí tinha esse problema uma pessoa conhecida não trata a gente assim, mas na verdade é né?

3-UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA PRECISA PASSAR POR UM PROCESSO DE FORMAÇÃO PRA EXERCER O SEU TRABALHO? Bom, hoje eu creio que sim. **POR QUÊ?**

Porque se exige muito. Eles querem que a gente já vá preparada, sabendo de tudo e tem as tecnologias né? Tem as máquinas. Que tem máquina de lavar prato tem aquela tecnologia, tem o microondas que não é todo mundo que sabe. Tem máquina de lavar que uma vez eu fui na casa dessa senhora ela fez assim, você sabe mexer nessa máquina? porque todas empregadas que chegam aqui não sabe mexer... Eu fiz, então faça o seguinte: no dia em que eu for lavar na máquina a senhora mesmo mexe e eu só faço tirar. entendeu? E hoje em dia eu creio que sim, não são todas que estão preparadas não pra trabalhar assim como doméstica não.

4-PRA VOCÊ O QUE SIGNIFICA A PALAVRA TRABALHO?

Trabalho pra mim é se manter, se sustentar, entendeu? Trabalhando a gente ter o que a gente precisa né? Porque não é todo mundo que ganha bem não. E pra trabalhar quem realmente gosta viu?

5-O TRABALHO DOMÉSTICO É UM TRABALHO DECENTE?

É, porque é trabalho! Não é decente por que? A gente não rouba, a gente não mata, a gente trabalha! E como trabalha! É decente sim! É um trabalho!

6-VOCÊ ACHA QUE OS DIREITOS DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS TÊM SIDO GARANTIDOS? Nem todos né? **POR QUÊ?**

Nem todos. No meu caso eu passei um bom tempo trabalhando. Acho que uns três anos ou a quatro anos. A minha nunca, pra mim eu não sabia que existia esses direitos e como ela né? Ela ia dizer isso pra mim? Não. Eu vim saber mesmo dos meus direitos quando entrei aqui no sindicato, mas até então quando eu não sabia...

7-O QUE SIGNIFICA PRA UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA TER UMA CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA? Garantia dos seus direitos.

8-QUE DIREITOS SERIAM ESSES?

Eu não me lembro bem é... Se é pra que a gente quando for pra o trabalho as donas de casa ver que a gente é uma trabalhadora, que a gente tem carteira assinada... Agora não tá tendo né? Mas era muito bom se tivesse seguro-desemprego, o FGTS que a gente tem né? Mas tem que ser assinada, gente, a gente não é uma trabalhadora doméstica? Então tem que assinar a carteira, pra comprovar que a gente é.

9-O QUE VOCÊ ACHA QUE AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS PODEM FAZER PRA GARANTIR OS SEUS DIREITOS?

Conquistando seus direitos, o quê fazendo... participando de reuniões, procurando entidades pra você ir lá conversar com as pessoas pra você saber qual é o direito que tem e não tem, não ficar sem saber de nada né?

10-NA SUA OPINIÃO O QUE É SER CIDADÃ?

É ter todos os direitos. Trabalhar, ter seus direitos de participar de todas as reuniões. Cidadão é ser, eu creio que é participar de tudo que se envolve na sua sociedade, o que é? reuniões, participação em reuniões de seu bairro...

11-O QUE VOCÊ ACHA DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS QUE TRABALHAM DESDE MUITO CEDO?

Eu acho errado viu? Porque trabalhar de nova, eu acho errado muito porque é muito pesado, é muito. E uma pra se é. aposentar, ou pra requerer seus direitos é muito difícil viu? Eu acho super errado. Quando uma pessoa só tem aquele objetivo, aquela opinião, Eu mesmo é porque na minha situação foi necessidade! Necessidade mesmo!

12-O QUE É TER QUALIDADE DE VIDA PRA VOCÊ?

Ter trabalho digno, ter uma casa, ter o que comer. Ser digno do que faz, trabalhar...

13-COMO OBTER MAIS QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO, EM CASA E NA SOCIEDADE?

Eu creio que no trabalho você ser digna do que você faz. Na sociedade você mostrar os seus direitos, em casa também.

14-AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS CONSEGUEM ADQUIRIR SEUS DIREITOS QUANDO PARTICIPAM DAS AÇÕES DO SEU SINDICATO?

Porque ali ela fica ciente de tudo que ela tem direito. Se ela não participar, ela vai saber os direitos que ela tem? Não vai. Eu sou uma delas. Até então eu não sabia os direitos que eu tinha.

15-PRA VOCÊ O QUE REPRESENTA O PROJETO TRABALHO DOMÉSTICO CIDADÃO EM SUA VIDA? Olhe pra mim é uma história viu? Eu pra ter ido no sindicato eu precisei onde eu trabalhava a mulher botar pra fora. E ela mesma me mandou eu procurar meus direitos. Eu não nem citar o nome porque isso não vem ao caso. Eu trabalhava numa casa, um ano e seis meses, eu dormia lá nesse trabalho. Chegou um tempo que eu já tava cheia e eu creio que nesse dia a mulher também tava, tava. Aí fez assim, olhe pode juntar as suas coisas e ir embora e procure os seus direitos. Isso foi no dia oito de dezembro de 2005. Justamente, se eu era trabalhadora doméstica, eu ia procurar que sindicato? O sindicato das trabalhadoras! Chegando lá é ...eu fui abordada por quem, meu Deus... eu fui abordada por Carmelita, que é uma das representantes do sindicato. Aí cheguei lá, fiz minhas contas, ao fazer minhas contas, Carmelita, eu olhei, tinha um cartaz lá, e falando sobre esse curso. Eu fiz, ô que bom, a gente perde uma coisa e ganha outra. Ela fez, olhe vá, vai ser bom. Eu peguei fiz minhas contas e fui lá na casa dessa pessoa que eu trabalhava, e levei, mostrei os direitos que eu tinha, aí elas estranharam. Oxente, Adriana foi mesmo pro sindicato. eu fiz, e eu ia pra onde? Taí tudo que eu tenho direito pra ser pago. Eu recebi, não resta dúvida. Até então eu não conhecia sindicato, eu não sabia que o sindicato existia e nem que era ali Concórdia, aí eu peguei, fui noutro dia. Aí o que acontece a Carmelita veio falar comigo, olhe você vai participar desse curso. Aí eu perguntei a ela que curso era esse. Ela não é pras empregadas domésticas. É... tem a parte pedagógica, tem a educação e tem a qualificação. Né? Eu fiz ô que bom. Olhe você vai ganhar lanche e a passagem. É um ano. Eu fiz ô que maravilha, ta vendo como é as coisas. E eu sempre assim nas aulas quando tinha eu sempre falava como foi que eu conheci o curso, como foi que eu fui perdendo uma coisa e ganhando outra. E o que eu ganhei foi ótimo, viu? Eu me inscrevi lá e a gente começou. Eu levei até uma irmã minha. Eu gostei muito de lá por conta de que fazia dez anos que eu não estudava e tinha qualificação. Eu fiz bom a gente sabe de algumas coisas e lá a gente aprende né. Aí o que acontece, fui. Começou as aulas no dia 16 de janeiro de 2006. Foi até no sindicato a primeira aula aí eu peguei fui, fiquei lá e eu quase que desistia. Coisas que fazia muito tempo que eu aprendi e eu aprendi lá também e eu esqueci algumas coisas. E sobre a qualificação, a qualificação foi ótima. Muita coisa eu não sabia, principalmente na cozinha, é naquela parte de arrumação, como

a gente deve fazer arrumar, né? que a minha era totalmente errada que eu fazia. Arrumação, que mais foi, cuidar de idosos e crianças. Foi uma maravilha. A gente foi pra um asilo, tudo foi muito bom, muito! Eu creio que a gente não sabe de tudo. A gente nasce sem saber e morre sem aprender quase nada né? A vida ensina a gente todos os dias. E o que eu aprendi como diz, a gente leva pra gente, a riqueza da gente e eu assim fiquei muito triste em saber que ia acabar, né? Que éramos quantas, não chegava a trinta porque. era pra ser trinta domésticas e nem todas trinta tavam lá. Eu gostava muito das discussões assim que nas aulas da gente, que sempre as aulas eram por conta de nós, a gente que fazia as aulas, entendeu? Não tinha essa história de dizer, hoje é português, amanhã é matemática, depois não. Dependendo do assunto que a gente abordava, a gente ia fazendo nossas aulas. E outra coisa bem interessante, que eu não conhecia ninguém, nem no sindicato, e nem lá no curso, ninguém. E terminou a gente conhecendo uma a outra, uma ligando pra outra. Até então assim eu tento ir pras reuniões do sindicato, que é o segundo domingo de cada mês. É. Eu sinto falta das meninas, das brincadeiras da gente, que eu revolucionei no primeiro dia porque eu conversei com todo mundo, eu brinquei. Ela sempre diz Adriana é a tímida da sala. A Virgínia que foi muito boa, ela ensinou a gente assim. Acho que ela teve mais instruções pra lidar com a gente, né? lógico. Saber que ia trabalhar com trinta domésticas né? O bom foi a gente poder conversar com as outras dos outros estados. E eu creio que me animou muito eu fiquei muito feliz. De passar esse tempo todo sem estudar e ainda ter qualificação, coisa que daqui pra frente vão pedir pra gente. A qualificação pra ver se a gente é apta pra aquele emprego.... Interessante, mesmo que a gente tenha isso tudo. A valorização ainda continua a mesma, menos... Assim, nossa profissão era tão bom assim, quando eu trabalhava nas casas, eu adquiria o quê, mais confiança. E a última que eu trabalhei, ela sempre dizia, Adriana você não é empregada da gente não, você é como da família. E eu dizia eu não sou da família não porque se eu fosse da família você não me pagava e não me exigia o que eu tinha que fazer, mandava fazer... Quando a gente é da casa, a gente faz como a gente pode né? E aqui eu tinha de fazer bem feito, inclusive tinha duas crianças que gostavam de mim e me obedeciam mais que a própria mãe. A gente tinha um modo de vida, assim, eles tinham horário pra comer, horário pra dormir, até então. Quando a mãe entrava em casa não tinha. Eu me apeguei muito a eles, e a gente se apegava, porque fazer o quê é um trabalho doméstico fazendo o quê dentro de casa. A gente sabe o que se passa, a gente sabe onde é que está as coisas, a gente sabe o modo deles viver, o que se passa dentro daquela casa. Bom, pra hoje em dia você colocar uma pessoa pra trabalhar dentro da sua casa, você tem de saber da onde ela é, as referências que ela tem porque ela vai fazer parte do mundo de vocês. Da casa que ela trabalha. Eu não tive problema nenhum a não esse de ela ter me botado pra fora e me pagou tudo direito. E eu chorei, eu não vou dizer que não chorei. Não sei se foi o modo dela ter falado comigo, sabe? Porque ao menos ela tem de me respeitar do mesmo jeito que eu respeitava ela. Teve atritos de ela gritar comigo, eu perguntei a ela que não era pra ela gritar comigo... E assim, botar na minha cabeça, eu não sou da família, eu sou empregada, eu trabalho aqui. Entendeu? Eu fazia a diferença. Entendeu?

16-E VOCÊ TEM ORGULHO DE SER TRABALHADORA DOMÉSTICA? Eu tenho. Eu gosto do que eu faço. Sabe? E quando a gente trabalha numa casa que as pessoas reconhecem. Reconhecendo ou não, eu gosto do que eu faço. Porque eu trabalhei numa casa que o dono da casa o que eu fazia todos os dias ele reclamava, todos os dias ele reclamava. Aí teve um dia em que eu disse assim, Seu Cláudio, olhe um único sentimento que é muito bonito que a gente tem que ter com as pessoas é o amor ao próximo, então me diga o que é que eu faço pra melhorar porque todos os dias o senhor reclama. Se eu forrar a toalha de outro jeito, o senhor fala. Se eu colocar o gelo com duas pedras, o senhor vai perguntar porque não colocou três? E a vida é tão boa de se viver! Eu durei três meses nessa casa! Porque, porque não só eu como as outras também. Porque é assim se eu boto uma pessoa na minha casa é pra trabalhar é pra me ajudar. Ninguém é perfeito não é? Eu tenho orgulho sim do que eu faço, eu gosto do que eu faço. Eu gosto de me envolver naquele mundo que é meu, entendeu?

T10 – Idade (30 anos)

1-PRA VOCÊ O QUE É SER TRABALHADORA DOMÉSTICA?

Trabalhadora doméstica pra mim é um trabalho sacrificado. Que a gente tem que sair de sua casa pra cuidar da casa de outras pessoas e ter... e mesmo assim tem empregador que não valoriza o trabalho da gente. Trata a gente como lixo.

2-HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ EXERCE ESSE TRABALHO?

Desde os 1-dezesseis-anos de idade.

3-VOCÊ ACHA QUE UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA PRECISA PASSAR POR UM PROCESSO DE FORMAÇÃO PRA PODER EXERCER ESSE TRABALHO? Não precisa não!

Porque a gente não cuida já de nossas casas? A gente já sabe o que é lavar um prato, lavar roupa, fazer alguma coisa não é necessário passar por uma qualificação pra poder exercer um trabalho doméstico.

4-O QUE SIGNIFICA A PALAVRA TRABALHO? Trabalho é alguma coisa que a gente tem que se esforçar a fazer né? Não é aquela coisa que a gente que nem a gente vai pra uma firma só pra assinar papel, não é trabalho. Trabalho é esse que a gente faz. É lavar, passar, cozinhar, todo santo dia.

5-O TRABALHO DOMÉSTICO PRA VOCÊ É UM TRABALHO DECENTE?

É. É decente né? Ah, só não tem valor né? Apesar que há muitas, muitas empregadas né? que vai pra casa dos outros, não pra trabalhar né? mas pra pegar o que é dos outros.

Mas é um trabalho decente assim mesmo.

6-VOCÊ ACHA QUE OS DIREITOS DAS TRABALHADORAS TÊM SIDO

GARANTIDOS? Tem não. POR QUÊ? Só carteira assinada, a gente e quando querem assinar a carteira né? Que nem eu mesma, fui trabalhei pra um doutor T-um-ano-e-três-meses ele disse que tava com minha carteira-assinada quando eu fui procurar os meus direitos, ele só tinha pago dois meses. Então não é garantido.

7-O QUE SIGNIFICA PRA UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA TER UMA CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA? Ah, pra quando a gente cair numa doença, a gente ser acobertada né? Ter direito fazer, de ter um bom médico, procurar um lugar público e ser bem recebida né? Tem férias, você poder ter férias, décimo.

8-O QUE AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS PODEM FAZER PRA GARANTIR OS SEUS DIREITOS? Ah, procurar o sindicato né? Quando se sentir lesada pelos empregadores.

9-NA SUA OPINIÃO O QUE É SER CIDADÃ? Ah, cidadã é aquela pessoa que paga seus, paga seu S- INPS, tem seus direitos garantidos e anda pela lei.

10-O QUE VOCÊ ACHA DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS QUE TRABALHAM DESDE MUITO CEDO? Ah, é... É sacrificado né? Porque a pessoa trabalhar, começar a trabalhar como empregada doméstica desde cedo é um trabalho sacrificado porque tem que pegar de H-sete da manhã e larga a hora que os patrão quer.

11-O QUE É TER QUALIDADE DE VIDA PRA VOCÊ? Ah, qualidade-de-vida pra mim é poder ter um bom emprego, ter um bom estudo, ser qualificada naquilo que quer fazer...

12-COMO OBTER MAIS QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO, EM CASA, NA SOCIEDADE?

Ah, o que é que eu posso fazer? Estudar né? Que nem eu to fazendo né? Me qualificando nos estudos, né? como eu fiz agora. Acabei o supletivo do 1º. Grau, tô fazendo um curso de computação, é se qualificar assim né? É fazer cada vez mais cursos pra tá atualizada.

13-AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS CONSEGUEM ADQUIRIR SEUS DIREITOS QUANDO PARTICIPAM DAS AÇÕES DO SEU SINDICATO?

Algumas conseguem né? Com perseverança, ali, consegue sim.

14-O QUE REPRESENTA O PROJETO TRABALHO DOMÉSTICO CIDADÃO EM SUA VIDA?

Ah, na minha vida significou muito que eu consegui, consegui o primeiro ano, tô conseguindo agora obter o curso de informática, conheci várias amigas, tanto daqui como dos outros estados que tão trabalhando e também tão nesse projeto. Pra mim significou muito né? Um aprendizado a mais pra vida.

T11 – Idade (40-anos)

PRA VOCÊ O QUE É SER TRABALHADORA DOMÉSTICA?

É exercer uma profissão como outra qualquer e além disso tá fazendo bem à sociedade né? Porque queira ou não queira eu to trabalhando, exercendo a minha função e prestando serviço à sociedade.

HÁ QUANTO VOCÊ EXERCE ESSE TRABALHO?Eu comecei aos doze anos até a data de hoje.

UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA PRECISA PASSAR POR UM PROCESSO DE

FORMAÇÃO PRA EXERCER O SEU TRABALHO?Nos dias atuais sim porque a tecnologia tá muito avançada, tem muitas coisas assim que se você não souber ler, você não tem como. Você não tem como fazer as coisas, principalmente máquina de lavar, é..microondas, Dvd, computador, se tiver um computador ligado e você não souber nada, como é que você vai desligar? Aí você tem que ter uma formação pra poder exercer esse trabalho.

PRA VOCÊ O QUE SIGNIFICA A PALAVRA TRABALHO?A palavra trabalho significa um bem-estar, uma dignidade, ter sua vida própria, ser independente, significa tudo de bom.

.O TRABALHO DOMÉSTICO É UM TRABALHO DECENTE?É um trabalho muito decente.

Você presta serviços á sociedade e toma conta dos filhos dos outros. É um trabalho muito decente sim.

VOCÊ ACHA QUE OS DIREITOS DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS TÊM SIDO GARANTIDOS? Não

POR QUÊ?Tá faltando muitas coisa ainda, muitas coisas ainda. Temos sim alguns direitos com muitas lutas, mas tá faltando muitos, muitos ainda.

QUAIS SÃO ESSES DIREITOS? VOCÊ PODERIA ENUMERÁ-LOS?

Que ta faltando? Sim. Como FGTS, Fundo de garantia, como o amparo assim se você sair do seu emprego você não recebe um, dois , três, quatro, cinco meses é...o auxílio-desemprego que nós não temos e vai por aí.

O QUE SIGNIFICA PRA UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA TER UMA CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA? Significa segurança, significa que no amanhã se ela vier a ficar doente, ou acontecer alguma coisa, ou se ela envelhecer, alguma coisa, ela tem o INSS garantido.

O QUE VOCÊ ACHA QUE AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS PODEM FAZER PRA GARANTIR OS SEUS DIREITOS? Correr atrás dos patrão pra assinar a carteira, vim ao

sindicato.É os seus deveres, saber dos seus direitos. Adquirir mais experiência pra ter seus direitos.

NA SUA OPINIÃO O QUE É SER CIDADÃ?Ser cidadã é ser honesto, é ter responsabilidade é trabalho e ter dignidade.

O QUE VOCÊ ACHA DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS QUE TRABALHAM DESDE MUITO CEDO? Como meu caso, eu acho assim a grande necessidade. Como quase todas nós viemos de família de baixa renda... Aí quando é doze, treze anos, temos que encarar.E deixamos de estudar, deixamos muitas coisas pra enfrentar o trabalho doméstico.

ISSO TRAZ CONSEQÜÊNCIAS PRA VIDA DAS PESSOAS?

Com certeza. Porque na maioria das vezes que tem criança com nove, dez, onze anos que já ta na casa trabalhando enquanto não tão estudando, não tão brincando, não tão dentro das suas casas, com seus pais e suas mães e sim pela casa dos outros, trabalhando!

O QUE É TER QUALIDADE DE VIDA PRA VOCÊ?

Qualidade de vida pra mim é você ter seu trabalho, é você ter sua casa, é você ter sua própria vida.

COMO OBTER MAIS QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO, EM CASA E NA

SOCIEDADE?Obter mais qualidade de vida? É assim, você se aperfeiçoar mais, você estudar mais, pra mim é isso!

AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS CONSEGUEM ADQUIRIR SEUS DIREITOS QUANDO PARTICIPAM DAS AÇÕES DO SEU SINDICATO?

Com certeza sim. Porque elas começa a exigir, a bater na mesma tecla até conseguir.
PRA VOCÊ O QUE REPRESENTA O PROJETO TRABALHO DOMÉSTICO CIDADÃO EM SUA VIDA? O projeto trabalho doméstico cidadão, pra mim representa tudo. Porque foi graças a eles, que eu voltei estudar, foi graças a ele que hoje eu sei um pouco de informática, foi graças a ele que eu sei um bocado de coisa hoje que eu não sabia antes.
O PROJETO TRABALHO DOMÉSTICO FEZ UMA GRANDE DIFERENÇA NO SEU TRABALHO? Sim. Fez muita diferença!

T12 – Idade (46 anos)

Eu trabalhei 11 anos nessa casa de serviço doméstico e no momento estou desempregada.

1-PRA VOCÊ O QUE É SER TRABALHADORA DOMÉSTICA?

O trabalho doméstico pra mim é um trabalho como outro qualquer. Eu faço trabalho doméstico como também já trabalhei em outra área há 15 anos atrás, eu já trabalhei no serviço de pagamentos e outros e pra mim é um serviço como outro qualquer.

2-HÁ QUANTO VOCÊ EXERCE ESSE TRABALHO?Eu comecei, eu tinha doze anos o trabalho doméstico. Aí tive algumas interrupções, fui pra outra área. Saía de um O que aparecia eu ia seguindo o percurso do meu dia-a-dia dentro da necessidade que aparecia em matéria de trabalho eu ia fazendo, mas eu comecei como 12 anos.

3-UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA PRECISA PASSAR POR UM PROCESSO DE FORMAÇÃO PRA EXERCER O SEU TRABALHO?Olhe se nós pensarmos no comum, não. Mas como o mercado de trabalho hoje tá cada dia mais exigente, ele tá exigindo a empregada doméstica ela tenha pelo menos conhecimento básico de como atender um telefone, fazer determinadas anotações, fazer até tipo como eu falei pra você que eu já fiz isso antes, pagamentos fora, ir a determinados locais que essa última casa onde eu passei quase onze anos eu fazia isso. Eu saía, não ficava só lá. Quando eles precisavam que eu me deslocasse pra fazer pagamentos. Olha você vai em tal lugar pra entregar tal envelope assim assim pra fulano, eu fazia, inclui várias etapas.

4-PRA VOCÊ O QUE SIGNIFICA A PALAVRA TRABALHO?Sobrevivência, cidadania e bem-estar.

5-O TRABALHO DOMÉSTICO É UM TRABALHO DECENTE?Sim porque é um trabalho que a gente exerce e... dentro de um âmbito maior. Que avance em várias etapas, mas é sim.

6-VOCÊ ACHA QUE OS DIREITOS DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS TÊM SIDO GARANTIDOS?Através de muitas lutas. As conquistas que tem até agora não foi de beijo, de braços abertos não. Foi através de muita luta do sindicato, das pessoas que realmente tomam a frente pra que nós tenhamos...principalmente do sindicato, o sindicato é a fonte principal dessas conquistas, porque sem ele, a gente estaria ainda muito atrasado.

7-O QUE SIGNIFICA PRA UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA TER UMA CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA?Significa que. é.... Como eu falei pra você. No mercado de trabalho você tem atitude, você pode apresentar... se você vai no comércio pra você conquistar qualquer tipo de benefício, se for fazer um cartão vão perguntar, sua renda. Hoje está até mais aberto, eu já vejo aí no comércio, eles tão aceitando pessoas que não têm nem renda, comprovação de renda, mas isso agora, então pra mim no ponto de vista tirar a carteira é muito importante.

8-O QUE ACHA QUE AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS PODEM FAZER PRA GARANTIR OS SEUS DIREITOS?Garantir é. Primeiro, se chegar mais ao sindicato, ter mente aberta, boa vontade de estar nas reuniões né? , boa vontade porque pra tudo tem que ter boa vontade, não basta só querer não é o suficiente, nós temos que ter boa vontade e estar sempre atento às necessidades tanto da nossa categoria, do nosso dia-a-dia e também do que possa ajudar o sindicato.

9-NA SUA OPINIÃO O QUE É SER CIDADÃ?

Cidadã envolve direitos e deveres. Nós temos, como criaturas, nós temos as leis, nós temos que respeitar, temos nosso benefício tirado dela e nós também temos que contribuir com nossa parte.

10-O QUE VOCÊ ACHA DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS QUE TRABALHAM DESDE MUITO CEDO?Não é bom. Não é bom. **POR QUÊ?**

Porque primeiro que tudo quando impedem o crescimento como criança, o desenvolvimento, é impede muitas coisas, eu mesma não tive oportunidade de terminar meus estudos num tempo hábil porque entrei no mercado de trabalho, tive que trabalhar, então não é bom. E mexe no emocional porque quando nós chegamos no trabalho muito cedo, aquela parte de criança morre. A gente vai ter

que ter obrigação, a gente vai ter que olhe você vai ter que fazer isso e isso e isso. E... não é respeitado.

11-VOCÊ ACHA QUE ISSO TEM CONSEQÜÊNCIAS PRA VIDA ADULTA?

Sim porque muitas vezes torna as pessoas revoltadas, se tornam pessoas muito duras. Pessoas que até que se tornam insensíveis porque ah, eu comecei a trabalhar tão cedo, tão menina, cada um que se exploda. E às vezes muitas das pessoas já trabalhou cedo, quando chega na fase adulta e que tem filho também coloca o filho pra trabalhar porque já vem de uma seqüência de situações da vida de lá até cá.

12-O QUE É TER QUALIDADE DE VIDA PRA VOCÊ?Qualidade de vida é ter saúde né?, é ter apoio dos órgãos de saúde, de justiça, é ter o trabalho em si para sobrevivência, todas nós que tamos no trabalho doméstico, nós não temos posses, somos todas trabalhadoras de baixa renda, o trabalho é a uma qualidade de vida, é o que dá o sustento pra nossa caminhada do dia-a-dia.

COMO OBTER MAIS QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO, EM CASA E NA

SOCIEDADE?Eu falei. Obtendo conhecimentos, como a gente passou uma fase do TDC, a gente teve técnicas que a gente já conhecia, muita coisa quando a gente chegou lá no modo de arrumação e outras coisas mais. Muita coisa a gente conhecia, mas a gente viu modos que podia ajudar até a gente varrer embaixo de uma cama, como levantar determinados objetos que não afetasse a nossa coluna, então, essa foi um ponto realmente bom.

VOCÊ ACHA QUE ESSAS COISAS DO TDC LHE AJUDARAM A PERCEBER COMO A QUALIDADE DE VIDA PODE MELHORAR NO TRABALHO POR EXEMPLO?

Com certeza. A gente sempre sabe alguma coisa, mas a gente nunca sabe tudo então conhecimento nunca é demais e só faz somar. Então, ajudou com certeza.

AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS CONSEGUEM ADQUIRIR SEUS DIREITOS QUANDO PARTICIPAM DAS AÇÕES DO SEU SINDICATO?

Sim porque uma andorinha só não faz verão e o sindicato ele tem uma força né?O sindicato das domésticas por exemplo, já é filiado à CUT e a CUT já é um órgão que está inserido dentro do contexto nacional né? Então com certeza a viabilidade de benefícios é muito maior.

O QUE REPRESENTA O PROJETO TRABALHO DOMÉSTICO CIDADÃO EM SUA

VIDA?Ah, como falei representou conhecimento, novas técnicas, novo modo de agir no contexto do trabalho, mostrou também que a gente pode fazer o melhor mesmo, a gente chegou já sabendo fazer um bocado de coisa, mas a gente pode fazer melhor. Como eu falei antes, conhecimento nunca é demais e o TDC foi de grande ajuda.

T13 – Idade - (62 anos)

1-PRA VOCÊ, O QUE É SER TRABALHADORA DOMÉSTICA?Pra mim ser uma trabalhadora doméstica é uma pessoa ser responsável. Ser muito responsável no que está fazendo. Ser atenciosa com os patrão. Eu acho. E dar a valor à sua profissão né?

2-HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ FAZ ESSE TRABALHO?Eu já trabalho há trinta e cinco anos na mesma casa.

3-UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA PRECISA PASSAR POR UM PROCESSO DE FORMAÇÃO PARA EXERCER ESSE TRABALHO?Eu acho que precisa porque hoje tem muitas domésticas que não tão trabalhando direito. Eu já vi umas pessoas falando que o sindicato devia chamar essas meninas pra fazer assim um recrutamento, sabe? Pra ensinar ela a como fazer as coisas porque hoje ta muito difícil empregada que seja responsável pelos seus trabalhos.

4-PRA VOCÊ O QUE SIGNIFICA A PALAVRA TRABALHO?Pra mim é muita coisa porque foi onde eu... eu criei meu filho! Tudo o que eu tenho eu devo a essa profissão, devo meu trabalho porque...só foi isso que eu soube fazer na vida, eu não estudei aí eu tive que partir pra o trabalho mesmo. Mas foi importante, acho que a pessoa sendo uma pessoa responsável , a pessoa cresce, cresce, acho que é por aí!

5-O TRABALHO DOMÉSTICO É UM TRABALHO DECENTE?Pra mim é quando as pessoas faz suas coisas com dignidade eu acho que seja, pra gente ter assim uma auto-estima. Eu acho, pra mim foi!

6-VOCÊ ACHA QUE O DIREITO DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS TÊM SIDO GARANTIDOS? POR QUÊ?Alguns né? Porque foi a luta da classe né? Nem todos porque o FGTS ainda hoje a gente luta e não foi concluído nada. Só tem isso aí, se o patrão quiser pagar bem, se não quiser, fica por isso mesmo.

7-O QUE SIGNIFICA PRA UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA TER UMA CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA?Ah, eu acho porque é o seu futuro quando na velhice porque eu mesmo se a minha patroa não tivesse pago o meu INPS, hoje eu não tava aposentada. Doente assim com esse problema de pé inchado, coluna, essas coisas, se a gente não tiver carteira assinada pra mais tarde a gente ter aposentadoria, onde é que a gente vai parar?

8-O QUE AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS PODEM FAZER PRA GARANTIR OS SEUS DIREITOS?É lutar e se organizar, eu acho.ORGANIZAR SIGNIFICA O QUÊ?

É participar do sindicato, saber dos que acontece no sindicato, ta por dentro sempre dos outros movimentos.

9-NA SUA OPINIÃO, O QUE É SER CIDADÃO?

Cidadão é a pessoa assim participar das coisas da sociedade, né?

10-O QUE VOCÊ ACHA DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS QUE TRABALHAM DESDE MUITO CEDO?Eu acho assim uma injustiça porque eu mesmo foi meu caso quando eu comecei a trabalhar já tava com dezoito anos. Eu acho que as crianças hoje os pais têm que incentivar o estudo. Estudar e depois se ela quiser ser doméstica...Mas eu acho errado essas meninas que vêm do interior e não sabe fazer as coisas trabalhar pra sobreviver.É a situação do país que séria, que é muito precária. As vezes ela não sabe fazer nada, o que sabe é ser doméstica mesmo, é o jeito que tem... esse meio, esse lado, não sei.

11-O QUE É TER QUALIDADE DE VIDA PRA VOCÊ?Qualidade de vida é a gente morar num lugar digno, onde a gente tenha um lazer. Eu acho que seja isso.

12-COMO OBTER QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO, EM CASA E NA SOCIEDADE?

É lutando né? pelos seus direitos, exigindo da sociedade ser reconhecida né?

13-O QUE É SER RECONHECIDA PRA VOCÊ?

Ser reconhecida pra mim é a gente, a sociedade dar mais valor à gente Que a gente é uma classe A ainda muito discriminada, né?ISSO TRAZ QUALIDADE DE VIDA? DE QUE MODO?

Não, isso não traz não. A não ser que mude, que a sociedade veja a gente de outra maneira, né?

14-AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS CONSEGUEM ADQUIRIR SEUS DIREITOS

QUANDO PARTICIPAM DAS AÇÕES DO SEU SINDICATO?Não. Acho que não elas ainda não têm muita consciência né? dos seus direitos. Elas só sabem procurar o sindicato pra querer os direitos, agora têm os direitos e deveres né?QUE DEVERES SERIAM ESSES EM RELAÇÃO AO SINDICATO?

Os deveres primeiro assim uma boa, uma boa assim , uma boa, uma boa empregada. Saber trabalhar né?E depois participar do sindicato, conhecer o sindicato, fazer como é o que ele é , o que se passa, tudinho!

15- O QUE REPRESENTA O TRABALHO DOMÉSTICO CIDADÃO EM SUA VIDA? Ah, pra mim foi ótimo. Eu acho que eu fiquei com a auto-estima lá em cima, eu, eu, foi ótimo, pra mim foi tudo muito bom. Eu adorei aqueles, aquelas oficinas que a gente fez na faculdade e nos lugares e também eu adorei os educandos, a professora me incentivou. Disse que não tinha problema de idade, que eu podia ficar. E pra mim foi ótimo, pra mim foi muito bom. Pena que o curso não vai continuar assim porque eu não fiquei entre assim, porque eu ainda tinha que fazer uma prova, né? Eu tirei umas notas assim foi baixo o meu, o meu. A Virgínia disse que eu tinha que fazer uma prova,não sei o que, mas não fiz... Mas pra mim foi muito bom. Eu acho que eu cresci, eu aprendi coisas assim que eu nunca pensei de como assim, como arrumar uma casa como a professora ensinou, tomar conta de idoso, de criança, assim tem que ter muita paciência e ser responsável pelos seus deveres.

ANEXO 1:

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA SOB O N.º CAAE 0204.0.172.000-07

Andamento do projeto - CAAE - 0204.0.172.000-07				
Título do Projeto de Pesquisa				
O DISCURSO DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS EM FORMAÇÃO				
Situação	Data Inicial no CEP	Data Final no CEP	Data Inicial na CONEP	Data Final na CONEP
Aprovado no CEP	19/06/2007 10:18:19	06/07/2007 16:11:44		
Descrição	Data	Documento	Nº do Doc	Origem
2 - Recebimento de Protocolo pelo CEP (Check-List)	19/06/2007 10:18:19	Folha de Rosto	0204.0.172.000-07	CEP
1 - Envio da Folha de Rosto pela Internet	11/06/2007 10:34:09	Folha de Rosto	FR141803	Pesquisador
3 - Protocolo Aprovado no CEP	06/07/2007 16:11:44	Folha de Rosto	206/07	CEP

 Voltar

FONTE:http://portal.saude.gov.br/sisnep/pesquisador/extrato_projeto.cfm?CODIGO=141803

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)